

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**JANE LANZARIN**

**A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO  
COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA**

**CURITIBA**

**2022**

**JANE LANZARIN**

**A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO  
COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA**

**The permanence of the elderly in the world of work  
as an Application Driver in Curitiba**

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutora em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Tecnologia e Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia

**CURITIBA**

**2022**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Campus Curitiba



JANE LANZARIN

**A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA.**

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutora Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 16 de Dezembro de 2022

Dr. Nilson Marcos Dias Garcia, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Celso Joao Ferretti, Doutorado - Centro de Estudos Educação e Sociedade

Dra. Izabel Cristina De Araujo, Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Pucpr)

Dra. Maria Sara De Lima Dias, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Mario Lopes Amorim, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e de forma muito especial o meu orientador, Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia, que surgiu num momento transitório da minha vida acadêmica em que meus pensamentos estavam confusos e sem direção e ele prontamente me acolheu. Meu muito obrigada por nossas conversas, conselhos e o compartilhamento do seu conhecimento. Pelo seu apoio incondicional à minha proposta de estudo, por ter encarado “essa empreitada”, por ter aceitado o desafio que para nós era algo diferenciado, obrigada por tanto afeto nas suas orientações.

À minha filha Letícia, minha fortaleza, inspiração e alegria, pelo seu sorriso, por fazer válida a minha existência e que me diz que sempre temos que tirar um aprendizado de tudo o que nos acontece na vida.

Agradeço aos meus pais Jandira e Orides (in memoriam), que em sua simplicidade sempre me apoiaram e me fizeram ser uma pessoa forte.

Minha gratidão eterna à minha única e para sempre irmã Ieda (in memoriam) que, de onde estiver, estará me guiando e torcendo por mim. Obrigada por ter estado na minha vida durante esses trinta e três anos. Só gratidão!

Ao Marcos, Nana e Rick obrigada por sermos família. Em sendo para a Lele, o são para mim também.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, que de forma muito especial conduziram as aulas, trabalharam os conteúdos com muitas reflexões e contribuíram para a formação de sujeitos mais engajados nesse mundo tão injusto e desigual.

Agradeço aos professores Dr. Celso João Ferretti; Dr. Mario Lopes Amorim; Dra. Maria Sara de Lima Dias e Dra. Izabel Cristina de Araújo, pelo comprometimento e disponibilidade em participar da banca e pelas contribuições para a finalização deste trabalho.

Às amigas que construí no PPGTE, com quem tive o prazer de compartilhar experiências, inseguranças, momentos de estudos, reflexões e boas risadas, que levarei para a vida. Obrigada pelo espírito de coletividade e preocupação uns com os outros.

Aos amigos que são tantos, gratidão pelos momentos de apoio constante. Vocês são especiais, e obrigada por serem na minha vida.

A todos os motoristas de aplicativos que se dispuseram a participar da pesquisa e que gentilmente contribuíram para a realização deste estudo, meu muito obrigado pela compreensão e confiança.

Feliz quem atravessa a  
vida tendo mil razões  
para viver  
(D. Hélder Câmara)

## RESUMO

LANZARIN, Jane. **A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA**. 2022. 133f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

O crescimento da população idosa brasileira tem sido constatado em diversas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elas têm apontado também que os idosos, mesmo já aposentados, continuam a representar uma significativa parcela da mão de obra nacional, quer seja em empregos formais ou informais, deles sendo exigido, muitas vezes, adaptações de diversas naturezas. Dentre essas adaptações destacam-se aquelas relacionadas aos conhecimentos tecnológicos necessários à utilização de dispositivos inerentes ao desempenho de suas funções, conhecimentos a que muitos deles não tiveram acesso. Nesse contexto, este estudo tem como objetivos principais investigar as relações que o idoso estabelece com a tecnologia no exercício de seu trabalho e as justificativas que o fazem manter-se produtivamente ativo. Assim, o objeto de investigação se volta para o idoso, sua atuação no mundo do trabalho, sua percepção sobre o sentido do trabalho e sua relação com a tecnologia. A pesquisa, realizada junto a idosos cuja ocupação profissional atual é ser motorista de aplicativo na cidade de Curitiba, Paraná, buscou analisar aspectos relacionados às suas trajetórias de vida, às suas ocupações profissionais anteriores, e à maneira como eles aprendem e se relacionam com a tecnologia exigida nessa ocupação. De natureza qualitativa, a revisão da literatura abordou questões teóricas relativas ao trabalho, à tecnologia, à atuação laboral e à legislação relativa ao idoso. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e questionários aplicados de forma virtual a oito participantes selecionados pela técnica de pesquisa Bola de Neve. Os entrevistados foram abordados sobre questões que envolveram seu histórico familiar e profissional, aprendizado e dificuldades tecnológicas para a prática laboral, assim como sobre sua percepção sobre trabalho e felicidade. Os relatos evidenciaram questões financeiras como sendo o principal motivo deles se manterem ativos no mundo do trabalho, principalmente porque apenas alguns dos entrevistados possuíam reservas financeiras. Com relação aos recursos tecnológicos necessários para a atividade praticada, não foram apontadas grandes dificuldades para o seu aprendizado e uso. A praticidade em exercer a profissão e a flexibilidade de horários foram considerados atrativos pelos entrevistados. Entretanto, a maioria respondeu não se sentir feliz ou realizado, admitindo estar na atividade por não ter outra oportunidade e porque a idade é fator impeditivo para uma recolocação profissional. O estudo também apontou para a necessidade de aprofundamento das discussões sobre o cenário da empregabilidade do idoso e sobre um melhor aproveitamento do seu potencial produtivo.

**Palavras-chave:** Idoso. Motorista de aplicativo. Trabalho. Tecnologia. Mundo do trabalho

## ABSTRACT

LANZARIN, Jane. **The permanence of the elderly in the world of work as an Application Driver in Curitiba**. 2022. 133f. Thesis (Doctorate in Technology and Society) – Postgraduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2022.

The growth of the Brazilian elderly population has been observed in several surveys conducted by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). They have also pointed out that the elderly, even when already retired, continue to represent a significant portion of the national workforce, whether in formal or informal jobs, often requiring adaptations of various kinds. Among these adaptations, those related to technological knowledge required for the use of devices inherent to the performance of their functions stand out, knowledge to which many of them have not had access. In this context, the main objectives of this study are to investigate the relationships that the elderly establish with technology in the exercise of their work and the justifications that make them remain productively active. Thus, the research focuses on the elderly, their performance in the world of work, their perception of the meaning of work, and their relationship with technology. The research, carried out with elderly people whose current professional occupation is to be an app driver in the city of Curitiba, Paraná, aimed to analyze aspects related to their life trajectories, their previous professional occupations, and the way they learn and relate to the technology required in this occupation. Based on a qualitative nature, the literature review addressed theoretical issues related to work, technology, the elderly's work performance, and legislation related to the elderly. Data were obtained through interviews and questionnaires applied virtually to eight participants selected by the snowball research technique. The interviewees were approached on issues related to their family and professional history, technological learning and difficulties for work practice, as well as their perception of work and happiness. The reports showed financial issues as the main reason for them to remain active in the world of work, mainly because only a few of the interviewees had financial reserves. Regarding the technological resources necessary for the activity practiced, no major difficulties were pointed out for their learning and use. The practicality of exercising the profession and the flexibility of schedules were considered attractive by the interviewees. However, most of them responded that they did not feel happy or fulfilled, admitting to being in the activity because they did not have another opportunity and because age is an impediment to professional repositioning. The study also pointed out the need to deepen discussions on the scenario of elderly employability and better use of their productive potential.

Keywords: Elderly. App driver. Work. Technology. World of work.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABED	Associação Brasileira de Educação a Distância
ARH	Administração de Recursos Humanos
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNDL	Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
CNPD	Comissão Nacional de População e Desenvolvimento
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
EI	Estatuto do Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
MEC	Ministério da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNI	Política Nacional do Idoso
PROEJA	Profissionalizante de Jovens e Adultos
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SESU	Secretaria de Ensino Superior
SESC	Serviço Social do Comércio
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## FIGURAS

Figura 1 - Pessoas ocupadas com mais de 60 anos de idade .....	45
Figura 2 - Escolaridade.....	46
Figura 3 - Local onde trabalha.....	46
Figura 4 - Se são chefes de família.....	47
Figura 5 - Projeção da população por sexo e idade para o Brasil para os próximos anos, conforme os dados citados pelo IBGE de acordo com o Censo de 2013. ....	59
Figura 6 - Gráfico de países que pesquisam a temática do idoso .....	62
Figura 7 - Número de pesquisas produzidas por ano na Scopus .....	63
Figura 8 - Tipos de documentos produzidos e catalogados na plataforma Scopus .....	64
Figura 9 - Áreas de conhecimento científico que estudam a temática do idoso segundo a plataforma Scopus.....	64

## **TABELAS**

Tabela 1 - Classificação do envelhecimento segundo a Organização Mundial da Saúde.....	18
--	----

## QUADROS

Quadro 1 - Formação escolar e profissional dos entrevistados, respostas às questões 8 e 13..	83
Quadro 2 - Gênero, Idade, Estado Civil, Moradia e Rendimentos. Resposta às questões 1, 2, 3 e 4.....	84
Quadro 3 - Rendimentos dos entrevistados. Resposta às questões 5, 6 e 7.....	85
Quadro 4 - Escolaridade dos entrevistados. Resposta às questões 8 e 9 .....	85
Quadro 5 - Aparelhos tecnológicos utilizados pelos entrevistados. Resposta às questões 10 e 11 .....	87
Quadro 6 - Percepção da tecnologia na vida das pessoas sob o olhar do entrevistado. Resposta à questão 12 .....	87
Quadro 7 - Trajetória profissional dos entrevistados. Resposta à questão 13 .....	88
Quadro 8 - Como os entrevistados se tornaram motoristas de aplicativos. Resposta à questão 14 .....	90
Quadro 9 - Participação da tecnologia no dia a dia dos entrevistados. Resposta à questão 15	91
Quadro 10 - Dificuldades enfrentadas na aplicação da tecnologia na rotina de trabalho dos entrevistados. Resposta às questões 16 e 17 .....	93
Quadro 11 - Realização pessoal dos entrevistados. Resposta à questão 18 .....	94

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 Elementos e contexto da pesquisa .....	16
1.2 Cenários de investigação .....	19
1.3 Justificativas .....	21
1.4 Fundamentos metodológicos .....	23
1.5 Estrutura da pesquisa .....	24
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>26</b>
<b>3 A HISTÓRIA, TEORIA E MODOS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO .....</b>	<b>31</b>
3.1 A concepção histórica do trabalho.....	31
3.2 O homem e a relação com o trabalho .....	35
3.3 Trabalho e as formas de produção .....	37
3.4 A reforma trabalhista e o impacto para o trabalhador idoso.....	42
<b>4 TECNOLOGIA.....</b>	<b>48</b>
4.1 A tecnologia como artefato de trabalho.....	49
4.2 Alterações nas ocupações de trabalho estabelecidas pela tecnologia.....	51
4.3 Educação e Inclusão Digital na Terceira Idade .....	53
4.4 Considerações sobre a subjetividade do trabalhador .....	54
<b>5 O IDOSO.....</b>	<b>58</b>
5.1 O crescimento da população idosa .....	58
5.2 Pesquisas relacionadas à temática do idoso.....	62
5.3 As leis de proteção ao idoso .....	65
5.4 O significado do trabalho para o idoso .....	70
5.5 O idoso brasileiro e o mundo do trabalho.....	72
5.6 O idoso e a Uberização do trabalho.....	77
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>79</b>
6.1 Os sujeitos da pesquisa.....	80
6.2 Os instrumentos utilizados na coleta de dados .....	81
6.3 Os blocos do questionário aplicado .....	82
<b>7 OS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>83</b>
7.1 Caracterização dos sujeitos.....	83
7.2 Sobre as entrevistas .....	83
7.3 Considerações sobre os sujeitos .....	95

<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
8.1 Algumas respostas e reflexões.....	98
8.2 À guiza de conclusão .....	101
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>120</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com formação em Administração de Empresas, com Ênfase em Marketing pela Universidade Tuiuti do Paraná (2002), ingressei na docência no ano de 2005 ministrando aulas de Marketing para os cursos de Técnico em Secretariado do Governo do Estado do Paraná no sistema de PSS (Processo Seletivo Simplificado). Em 2014 ingressei no Mestrado em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário UNINTER.

O interesse em estudar o idoso, sua relação com a tecnologia e o mundo do trabalho, surgiu do resultado da pesquisa realizada durante o mestrado, cujo objeto da dissertação foi o idoso, a escola e a tecnologia no processo de aprendizagem. Nela procurei entender o que levava o idoso a voltar aos bancos escolares nessa altura da vida. O tema da pesquisa intitulado: “A Terceira Idade na EJA<sup>1</sup>: o idoso e a tecnologia no ambiente escolar” buscou identificar os motivos que levam os idosos a retornarem aos bancos escolares e investigar as dificuldades enfrentadas por eles em usar as ferramentas tecnológicas no processo de aprendizagem.

Como resultado da pesquisa, destacou-se a necessidade de o idoso continuar estudando e capacitando-se para o mundo do trabalho, não só para manter-se ativo, mas também pela necessidade de renda para contribuir com o orçamento familiar. Os resultados da pesquisa mostraram conclusões que já eram esperadas, como sentir-se inserido, fazer novos amigos, buscar novos aprendizados e afastar a solidão. Contudo, um fato que chamou a atenção está relacionado a manter-se na ou retornar à atividade profissional, pois alguns dos entrevistados ainda não tinham o benefício da aposentadoria. Diante dessa constatação, surgiu a inquietação em pesquisar porque os idosos estão preocupados em continuar trabalhando. E, em um mundo em constantes mudanças, qual seria a sua relação com os processos tecnológicos inerentes a essa inserção no mundo do trabalho nesse contexto.

No doutorado, busquei aprofundar os estudos nessa temática, direcionando o olhar da pesquisa para o sujeito idoso que necessita da tecnologia para a sua atividade de trabalho e buscando saber mais sobre este protagonista.

Essa opção levou em conta que a tecnologia tem sido presente na maioria das atividades laborais e vem revolucionando profundamente as estruturas de trabalho e da sociedade em geral. Conhecer e utilizar a tecnologia é fundamental para que o trabalhador consiga desempenhar o seu papel na sua atuação profissional.

---

<sup>1</sup> EJA: Ensino de Jovens e Adultos

Assim, esta pesquisa, que tem como tema o idoso, a tecnologia e o mundo do trabalho e que foi realizada numa perspectiva de assumir que falar do idoso é tirá-lo da invisibilidade, assume significativa importância, haja vista o crescimento da população idosa (maiores de 60 anos) no Brasil que, segundo as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), é de mais de 26 milhões de pessoas - cerca de 13,7% da população total. Conforme estimativas, em 2030 os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos. Em 1950 o número de brasileiros idosos era de 2,6 milhões, passando para 29,9 milhões em 2020 e deve alcançar 72,4 milhões em 2100. Constata-se, portanto, que o crescimento absoluto será de 27,6 vezes nesse período.

Nesse sentido, aprofundar o estudo sobre questões que envolvam os idosos, sejam elas de caráter social, econômico, político, projeta um pensar para o futuro, uma preparação para o enfrentamento das situações que certamente virão, acompanhando o envelhecimento da população.

## 1.1 ELEMENTOS E CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa propõe traçar o perfil do idoso, sua trajetória de vida profissional, a ligação com os artefatos tecnológicos e a sua atuação no mundo do trabalho atuando como motorista de aplicativo e tendo como delimitação da investigação a cidade de Curitiba PR.

Como objetivos específicos este estudo busca conhecer se há oportunidades de trabalho para o público idoso, entender a relação estabelecida no uso da tecnologia no ambiente de trabalho e a necessidade desta para o desempenho das suas atividades, o que poderá desenhar o caminho e as perspectivas do trabalho que aguarda boa parte da população brasileira para os próximos anos.

Recente pesquisa realizada pelo grupo Gupy<sup>2</sup> no ano de 2021 aponta que para as empresas, contratar idosos para os seus postos de trabalho pode ser vantajoso em alguns aspectos como o comprometimento, a fidelidade à empresa e uma diminuição de *turnover*<sup>3</sup> e absenteísmo dessa população, o que acaba trazendo maior economia à contratante.

Esse notável crescimento da população idosa no Brasil enseja sua participação no cenário social e econômico, o que faz com que seja fomentado o interesse do idoso pelo aprendizado da informática, do uso do celular etc., assim como em explorar novas tecnologias que até então não faziam parte de seu cotidiano. Esse interesse pode se dar pela curiosidade ou

---

<sup>2</sup> Gupy empresa especializada em recrutamento e seleção. <https://www.gupy.io/>

<sup>3</sup> Turnover também conhecido como a taxa de rotatividade dos funcionários de uma empresa.

pela necessidade de voltar ao mundo do trabalho que, muitas vezes, exige aprender a tecnologia para se enquadrar no processo de trabalho.

Ao mesmo tempo, observa-se, na sociedade contemporânea, uma valorização da informação, que se difunde de forma rápida e intensa por meio de diversas tecnologias de comunicação e de informação. Em virtude disso, tem-se testemunhado um número crescente, tanto em nível mundial quanto em nível nacional, de idosos que se interessam de forma mais acentuada pelo mundo cibernético, ficando evidenciado que a procura do idoso pelo aprendizado da tecnologia se dá em função da pressão para se enquadrar ao novo modelo de trabalho exigido pela sociedade atual e para se sentir inserido ele necessita dominar certo conhecimento tecnológico. (NUNES, 2002)

Adaptar-se continuamente e preparar-se para trabalhar requer habilidades e adaptações de todos nós e inclusive da população idosa, que, por diversos motivos ocupa e continuará ocupando postos de trabalho e que tem, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup> aumentado.

Da mesma forma que as nações desenvolvidas, o Brasil caminha para se tornar um país de população majoritariamente idosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o grupo de idosos de 60 anos ou mais será maior que o de crianças com até 14 anos já em 2030 e, em 2055, a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos. Os dados do Censo Demográfico de 2013, revelam que a terceira idade no Brasil cresceu cerca de onze vezes nos últimos 60 anos, passando de 1,7 milhões para 14,9 milhões de pessoas nesta faixa etária. Em 2025 serão 64 milhões e em 2050, um em cada três brasileiros será idoso.

De acordo com o IBGE, atualmente a expectativa de vida ao nascer é de 76,2 anos e em 2060, será de 81 anos, pois o Brasil passa por um rápido processo de envelhecimento de sua população, devido à significativa redução da taxa de fecundidade desde meados da década de 1960 e ao aumento da longevidade dos brasileiros. A taxa de fecundidade total é, atualmente, de 1,77 filhos em média por mulher; em 2030, a previsão é de que o índice caia para 1,5. Segundo os especialistas, a taxa já está abaixo da considerada necessária para a reposição natural da população, de 2,1 filhos por mulher.

Mas não é só pela idade que a questão do envelhecimento requer atenção. Para Berzins (2003), o envelhecimento configura-se de forma diferente entre homens e mulheres, nos

---

<sup>4</sup> IBGE é o órgão responsável pelos censos demográficos no Brasil, realizado em média a cada dez anos. No intervalo entre dois censos demográficos, realiza-se a contagem da população. Os resultados são utilizados pelo governo para planejar as ações mais adequadas de acordo com as necessidades da população.

aspectos sociais, econômicos, nas condições de saúde, na subjetividade. A autora ressalva, inclusive, a importância do corte de gênero no processo do envelhecimento, pontuando que quanto maior a faixa etária, maior o número de mulheres que estão nesta etapa da vida, espelhando a predominância das mulheres entre os idosos, qualificada como fenômeno da feminização do envelhecimento, atingindo todos os países que estão passando por essa mudança demográfica.

A pirâmide populacional está se invertendo. A esses aspectos, soma-se a diminuição da taxa de fecundidade, fruto da popularização dos contraceptivos e do planejamento familiar, consequência do efetivo feminino no mundo do trabalho, o que contribui para a redução da parcela de jovens na população brasileira (CARVALHO, 2009).

A pirâmide etária brasileira passa por enorme transformação. Há agora mais idosos, devido ao aumento da expectativa de vida, sobretudo, à evolução tecnológica médica e à ampliação dos programas governamentais de saneamento básico<sup>5</sup>. Na maior parte do século passado a pirâmide tinha uma base larga e um topo muito estreito. No final do século 20 e no início do século 21 a base se estreitou e houve um alargamento do meio da pirâmide. Isto quer dizer que existe atualmente uma grande proporção de pessoas em idade ativa e o Brasil vive o período conhecido como bônus demográfico, que é um momento em que a demografia contribui para a economia. O adensamento do topo da pirâmide e o fim definitivo do bônus demográfico vão ocorrer, principalmente, na segunda metade do atual século.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) define o idoso a partir da idade cronológica, portanto, idosa é aquela pessoa com 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. No Brasil prevalece o texto do Estatuto do Idoso que considera o sujeito a partir dos sessenta anos em acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS).

**Tabela 1 - Classificação do envelhecimento segundo a Organização Mundial da Saúde**

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>
Meia-idade	45 a 59
Idoso	60 a 74
Ancião	75 a 90
Velhice extrema	90 em diante

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

<sup>5</sup> Através do Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab), iniciado em 2014, o governo pretende universalizar o abastecimento de água até 2023 e atender ao menos 93% da população com rede de esgoto até o ano de 2033.

É importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade. A medicina preventiva e programas voltados para a qualidade de vida contribuem para ampliar a longevidade, sem falar nas baixas taxas de mortalidade infantil ou prematura que aumentam a esperança de vida devido a uma nutrição adequada, ampliação do saneamento básico e tratamento de água ou pelo uso de vacinas e antibióticos.

As mulheres continuarão vivendo mais do que os homens, e em 2060, a expectativa de vida delas será de 84,4 anos, contra 78,03 dos homens. Hoje, elas vivem, em média, até os 78,5 anos, enquanto eles, até os 71,5 anos. A mulher, sob a influência das mudanças sociais que ocorreram a partir da década de 1960, alterou seu comportamento com consequências no mundo do trabalho, no nível educacional e no casamento. A fecundidade passou a integrar os direitos individuais. No século 21, a mulher tem a metade dos filhos que a geração de sua mãe.

O Brasil, até 2025, será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, segundo dados da OMS (2005), liderado pelo Japão, Itália, Grécia, Finlândia e Portugal.

## 1.2 CENÁRIOS DE INVESTIGAÇÃO

De acordo com Nascimento, Argimon e Lopes (2006), o idoso, com suas potencialidades e limitações pode ser parte significativa da força de trabalho em que, mais do que nunca, as questões relativas à carga mental do trabalhador se tornarão mais relevantes do que as associadas à carga física, resgatando o idoso na sua bagagem cognitiva.

Neste contexto, o idoso é “depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelos anos de vida”. (DEBERT, 1999, p. 99). Assim, as características singulares acumuladas na sua trajetória de vida podem contribuir para um ambiente organizacional saudável, propício ao compartilhamento de saberes, com saldo positivo para ambos. É possível que o jovem aprenda com uma pessoa mais experiente e que a produtividade melhore.

Nas últimas décadas, o mundo do trabalho apresenta um cenário modificado e vem recrutando mão de obra qualificada para atender às necessidades da chamada “Era da informação” em todos os setores. A “Era do capital intelectual” pode ser uma oportunidade para a terceira idade, pois se baseia na capacidade humana de gerar trabalho através do conhecimento e não da força física. A nova vantagem competitiva das empresas define o capital intelectual

como a soma de conhecimento, informação, experiência e propriedade intelectual de uma empresa ou nação. (SAVIANI, 1997).

Entretanto, diante do mundo no contexto profissional que constantemente se atualiza, e havendo necessidade do uso das ferramentas tecnológicas para o desempenho das suas atividades, interessou-nos investigar **como o idoso acessa e se apropria dos recursos tecnológicos exigidos para o exercício de sua atividade laboral atual**, que se constituiu o problema de pesquisa desta investigação. Terão os idosos economicamente ativos a experiência como grande aliada em uma sociedade baseada na educação e que tem a informação como matéria-prima? Como eles desenvolvem sua capacidade de transformar dados em informação?

Com o propósito de dar mais especificidade à questão central da pesquisa, optou-se por investigar o sujeito idoso que atua como motorista de aplicativo na cidade de Curitiba-PR. Nesse particular, outras questões foram também formuladas: o que leva o idoso a permanecer no mundo do trabalho? Qual a sua trajetória profissional anterior? Como ele se tornou motorista de aplicativo? Que condições o colocaram nesta posição? Como se dá o processo de apropriação e aplicação das tecnologias requeridas nessa sua atividade?

Nossa hipótese de estudos é que, em que pese o fato de que o hábito de dirigir veículos automotores estar incorporado à nossa cultura, a opção dos idosos por essa atividade se faz por questões essencialmente econômicas, de recomposição financeira, suas ou familiares e também porque, por terem sido excluídos do processo produtivo por conta de sua idade, eles têm condições de atender ao baixo nível de exigência desse tipo de atividade.

Visando compor um quadro teórico e empírico que permitissem fornecer elementos que possibilitassem as respostas ao problema de pesquisa e a essas questões, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar o idoso que permanece profissionalmente ativo em termos de sua trajetória de vida e de percurso formativo e profissional.
- Identificar os fatores que justificam ou requerem a permanência do idoso no mundo do trabalho.
- Identificar os mecanismos de aprendizagem e habilidades desenvolvidos pelos idosos para se adaptarem aos conhecimentos tecnológicos exigidos para o desempenho de suas atividades laborais.
- Verificar as condições de trabalho vivenciadas pelo idoso.

### 1.3 JUSTIFICATIVAS

A proposta desta pesquisa ampara-se em dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) que indicam o crescimento significativo da população idosa no Brasil. Uma das razões que compõem as justificativas deste trabalho é o interesse da pesquisadora pela temática do idoso, que vem desde o período de mestrado e a percepção da necessidade de explorar mais este universo, ampliando o campo com esta proposta de estudo. Como os próprios dados do IBGE apontam, com o crescimento da população idosa observa-se uma maior permanência e ingresso deste público no mundo do trabalho, razão pela qual se torna pertinente aprofundar a discussão em torno dessa temática, visto ser necessário identificar os motivos que o fazem permanecer ativo, quando poderia descansar ou usufruir de sua aposentadoria e dispor da sensação de dever cumprido na sociedade.

Segundo dados da Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o número de pessoas com 65 anos ou mais em vagas com carteira assinada aumentou, saindo de 484 mil em 2013 para 649,4 mil em 2017, uma ampliação de 43% em quatro anos. Segundo a pesquisa, a razão central para o crescimento da presença maior de idosos trabalhando é a falta de renda e a busca por meios para custear suas despesas e as da sua família. Esse esforço é particularmente maior em um cenário de crise econômica, como o que vem marcando o Brasil nos últimos anos.

Fomentar a discussão sobre o trabalho do idoso pressupõe tirá-lo da invisibilidade, bem como trazer para o debate os motivos que o mantêm ativo, identificando, dentre outros aspectos, se essa sua ação é movida como forma de complementação financeira; se há pessoas que dependem da sua renda; se é para garantir o seu poder de compra e manter o seu padrão de vida, ou para sustentar a relação de pertencimento ao meio. Assim, investigar a atuação do idoso no mundo do trabalho importa, para além dos processos profissionais, compreender os motivos que justificam a sua permanência como trabalhador. É também de relevância compreender a influência que a participação do idoso exerce num contexto competitivo e como o ambiente social influencia nessa permanência.

Assume-se, concordando com Bom Sucesso (2002, p. 25), “que o trabalho é uma forma como o homem interage e transforma o meio ambiente”, assegurando a sobrevivência e estabelecendo relações interpessoais que, teoricamente, serviriam para reforçar sua identidade e seu senso de contribuição, de trabalho em grupo, de sentir-se útil.

Amparado nesse discurso, diante do mundo do trabalho que constantemente se atualiza, e havendo a necessidade do uso das ferramentas tecnológicas para o desempenho das suas

atividades, esta pesquisa busca apresentar o cenário de como o trabalhador idoso que ainda está ativo associa a sua força de trabalho à tecnologia aplicada na execução da sua atividade laboral como motorista de aplicativo.

De acordo com Felix (2009), desde os anos 1990, o Brasil vem criando políticas voltadas para estimular os trabalhadores a permanecerem ativos. Dentre as medidas que devem ser destacadas, nota-se a criação do fator previdenciário em 1998. Nesse contexto, o autor expôs que houve vários debates sobre o direito ao trabalho por parte dos idosos no âmbito do poder legislativo, buscando medidas que proporcionassem empregabilidade e a possibilidade deles escolherem se iriam se aposentar quando completado o tempo de serviço ou se iriam preferir postergar seu afastamento das atividades laborais. Quando não contratados formalmente, a situação de trabalho dos idosos pode ser de duas formas: quando aposentados de maneira formal, mas ainda ativos enquanto adiam o definitivo encerramento da atividade, ou figurando como autônomos.

Essas duas condições permitem constatar uma inserção marginal do idoso no mercado de trabalho. Seja formalmente, aceitando salário mais baixo para complemento de renda na aposentadoria (numa distorção completa do sentido e do significado de aposentadoria); seja informalmente, nas várias manifestações da informalidade, sobretudo a que é decorrente da fragilização da segunda metade da vida laboral do trabalhador. A situação vulnerável se agrava, muitas vezes, quando esta fragilização ocorre em idade próxima à da aposentadoria. Em resumo: uma análise da situação do trabalhador idoso no mercado de trabalho e uma legislação que se pretenda promissora para integrá-lo jamais podem ser satisfatórias sem levar em conta a economia em sua complexidade e, em particular, o ciclo de vida laboral do indivíduo em um mundo do trabalho que no século XXI está em plena mutação (FELIX, 2009, p. 250).

Assim, pesquisar o idoso trabalhador contribui para preparar a sociedade para conviver cada vez mais com este perfil de profissional e para apontar as qualificações necessárias para que o idoso ocupe esse espaço, assim como para analisar o interesse e as condições do idoso em apropriar-se destas qualificações para se tornar apto para o seu desempenho laboral.

Para Minarelli (1995), não basta apenas estar empregado, os profissionais precisam estar aptos do ponto de vista técnico, gerencial, intelectual, humano e social para solucionar com rapidez problemas cada vez mais sofisticados e específicos. Manter-se atualizados com os conhecimentos e habilidades faz parte do capital pessoal de cada sujeito. No momento atual, ter atitudes e dominar tecnologias é fundamental como saber ler e escrever.

## 1.4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Posto que “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem” (CHIZZOTTI, 2013, p.13) e considerando os critérios de classificação da pesquisa científica, neste estudo de caráter qualitativo, busca-se investigar a trajetória profissional de pessoas já envelhecidas e analisar como consolidam sua nova ocupação laboral usando de recursos tecnológicos na atividade diária.

A opção por essa natureza de pesquisa ocorreu porque, segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa busca avaliar aspectos de realidade pela compreensão e explicação das relações sociais que não podem ser quantificadas. Além disso, Creswell (2010) pondera que a investigação qualitativa constitui uma forma legítima de análise das ciências sociais e humanas, uma vez que aborda em sua essência os significados que os indivíduos emprestam às questões marcadamente sociais. Segundo a autora, seu objetivo é produzir novas informações não quantificáveis sobre a dinâmica das relações sociais.

Assim, buscou-se explorar e descrever a realidade do trabalhador idoso, inicialmente a partir de revisão de literatura sobre o tema, buscando principalmente a relação entre idade e as oportunidades de trabalho, haja vista que a maior parte dos estudos tendem a ser direcionados mais no campo da saúde física, bem-estar e terapias alternativas voltadas a este público.

Em contato com os trabalhadores idosos, motoristas de aplicativos, foram realizadas entrevistas que privilegiaram a narrativa dos entrevistados, haja vista que as entrevistas narrativas analisam as histórias contadas (CRESWELL, 2010), visando estimular os idosos trabalhadores a narrarem suas histórias de vida, com o propósito de desvelar aspectos específicos inerentes à pesquisa (MUYLAERT et. al, 2014). Foi também aplicado um instrumento para obtenção de dados que permitissem elaborar o perfil profissional do idoso, sua trajetória profissional e vivência.

A pesquisa foi realizada com oito idosos, sete homens e uma mulher, com idade igual ou superior a sessenta anos e que estavam inseridos no mundo do trabalho atuando como motoristas de aplicativos no município de Curitiba.

O universo da pesquisa foi constituído a partir da metodologia *snowball* ou técnica “Bola de Neve”, segundo a qual os próprios entrevistados sugeriram novos participantes. Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o ponto de saturação. O ponto de saturação é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em

entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994). Portanto, a *snowball* é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.

Para a elaboração do perfil dos participantes foi aplicado um questionário inicial que contemplou os seguintes aspectos:

- Caracterização do participante: seus dados pessoais e familiares, de trabalho, escolarização e relações de amizade;
- Trajetória de vida: percurso formativo e profissional, experiências de trabalho até a sua aposentadoria se for o caso e após;
- Aproximação com a tecnologia: sua relação, encantamento, dificuldades, aplicação na atividade laboral, superações e conquistas.
- Trabalho: fatores e perspectivas que o levaram a estar profissionalmente ativo.

Convém registrar que a intenção inicial era realizar a pesquisa no formato presencial, com a gravação da entrevista para transcrição posterior, com agendamento da disponibilidade do pesquisado, e sem um tempo pré-determinado para início e fim. Porém, devido aos acontecimentos pandêmicos<sup>6</sup> vividos nos anos de 2020 e 2021, com as indicações de isolamento, a pesquisa realizou-se a partir de agendamento de uma entrevista remota realizada por meio de algum aplicativo e envio e recolhimento do questionário.

Para dar início ao processo, o primeiro participante foi buscado pela própria pesquisadora, a partir de contatos anteriormente estabelecidos. A partir deste foram estabelecidos os demais participantes.

## 1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

O texto resultante, que sintetizou a parte tangível e material deste processo de investigação, haja vista que nele não é possível registrar as sensações, percepções, olhares, gestos e outros elementos sempre presentes em contatos humanos que, neste caso em específico foram suprimidos devido ainda aos cuidados com a pandemia que nos acometeu nos últimos dois anos, foi organizado em capítulos, precedidos por uma introdução e finalizado por considerações finais.

---

<sup>6</sup>Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus - COVID 19.

Na **Introdução** fez-se a apresentação do tema de pesquisa, referência aos elementos originalmente presentes no projeto de pesquisa com destaque para o tema, sua delimitação, o problema de pesquisa, os pressupostos iniciais e os objetivos

O capítulo **Contextualização teórica** apresenta, de forma sintética, algumas ponderações sobre as referências teóricas para o estudo, que serão aprofundadas em outros capítulos específicos.

O capítulo **A história, teoria e modos de produção do trabalho** aborda aspectos históricos, ontológicos e modos de produção, analisa o trabalho a partir do embasamento como necessidade do sujeito para sustentar o debate em torno do trabalho.

O capítulo **Tecnologia** apresenta o conceito de tecnologia, artefato de trabalho, o aprendizado da tecnologia, as novas formas de tecnologia no campo do trabalho e o sujeito como usuário dessas ferramentas.

O capítulo **O idoso** é dedicado a desenvolver o conceito de idoso, a projeção da população idosa na comparação da União Europeia (UE) e América Latina (AL) e a população idosa no Brasil. São discutidos também as leis que amparam a pessoa idosa, a atuação do idoso no mundo do trabalho, a sua relação com a tecnologia, os dados de registro da população idosa e seu crescimento.

Os aspectos metodológicos são apresentados no capítulo **Procedimentos metodológicos da pesquisa**, em que são dados destaques para a delimitação do campo de pesquisa, seus participantes, os instrumentos utilizados, a forma de coleta de dados e os critérios de tratamento de dados.

Nos capítulos **A Pesquisa e Resultados e Análises** são apresentados os dados obtidos nas entrevistas concedidas pelos idosos participantes e interpretados e analisados os resultados à luz das teorias e categorias que sustentaram a investigação.

Nas **Considerações Finais** verifica-se a relevância da pesquisa, a necessidade de continuação ou declínio da proposta, apresenta-se resposta à pergunta de pesquisa, além de conclusões e proposições para futuras investigações.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Para respaldar o estudo, a pesquisa apropriou-se de referenciais teóricos de três temas principais que orientam a investigação: **idoso, tecnologia e trabalho**. Inicialmente a investigação abordou o trabalho numa perspectiva sócio-histórica, reconhecendo-o como categoria fundante do ser social. Discorreu-se sobre a natureza material do trabalho situando-o em um contexto de transformações sociais no qual o fio condutor foram os processos que contribuíram para a evolução dos modos de produção, da tecnologia e todas as transformações sociais decorrentes desses fatores. Essa análise preliminar do trabalho se apoiou em autores como: Antunes (2001; 2008; 2015), Frigotto (2006); Harvey (2015), Lukács (1981; 2015), Marx (1978; 1985; 1988; 2013) e Saviani (2007), dentre outros.

As mudanças no mundo do trabalho, a sociedade flexível às novas formas de trabalho e o novo perfil do trabalhador inserido neste contexto são elementos importantes a serem considerados para discutir a importância do trabalho na vida dos participantes da pesquisa e levando em consideração questões relacionadas à necessidade de o idoso ainda continuar ativo profissionalmente e os motivos que o levam a isso.

Como no Brasil a idade em que os idosos param de trabalhar é elevada - segundo o Ministério do Trabalho em 2016 eram mais de 7,5 milhões de trabalhadores cujas idades variavam de 50 a 64 anos - há uma repercussão no número de pessoas de mais idade inseridas no mundo do trabalho. Em 1997, cerca de 25% da população idosa estava em atividade; a tendência para 2020 é que esse número seja de 13%. Ou seja, um percentual menor da população idosa estará em atividade, porém, compensada pelo maior número de idosos no país (WAJNMAN *et al.*, 1999).

Para Oliveira, Beltrão e Ferreira (1997), o número de pessoas seguradas pela previdência social era baixo até meados da década de 1970, tendo havido, no entanto, uma elevação considerável nas últimas décadas, de tal sorte que no ano de 1994 chegou-se a cerca de 15 milhões de beneficiários. Além disso, há as aposentadorias especiais, onde muitas pessoas têm o direito de se aposentar mais cedo, o que faz com que passem um período maior recebendo o benefício da aposentadoria (FRANÇA, 2012).

Segundo Queiroz e Ramalho (2009), a elevação da participação no processo produtivo de idosos, inclusive dos aposentados, pode ser indício da necessidade da mudança no padrão de vida, onde um complemento na renda pode gerar melhora nas condições mínimas de sobrevivência. A expansão de uma parcela maior de idosos na população tem implicações, pois

a participação dos trabalhadores mais velhos na dinâmica ocupacional gera novas dimensões e configurações. (CAMARANO, 2001; FRANÇA, 2012; GIATTI; BARRETO, 2003).

Com o atual desenvolvimento, acompanha-se a expansão das tecnologias de informação e uma valorização da informação, difundida de forma rápida, intensa, obrigando, quase que compulsoriamente, a adesão a essa forma de comunicação. Esse movimento desperta o interesse e a necessidade do idoso pelo aprendizado da informática, pelo uso do celular, e pela exploração de novas tecnologias que até então não faziam parte de seu cotidiano. Em virtude dos benefícios que a informática oferece, tem-se testemunhado um número crescente, tanto em nível mundial quanto em nível nacional, de idosos que se interessam de forma mais acentuada pelo mundo cibernético (NUNES, 2002).

Assim, surgem demandas voltadas ao idoso, como as relacionadas à saúde, ao cognitivo, ao físico, à diminuição de doenças, e ao desenvolvimento ativo na sociedade, gerando, assim, a necessidade de manter o indivíduo idoso atualizado no universo tecnológico.

Envelhecer pode ser definido como um processo consequente de alterações no organismo, demonstradas de forma variável e individual que surge com a progressão do tempo da idade adulta até o fim da vida.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu como idoso o indivíduo que, vivendo nos países desenvolvidos, tenham 65 anos ou mais de idade, ou 60 anos ou mais de idade, se viver em países subdesenvolvidos. No Brasil, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) reconhece como idoso a pessoa com 60 anos ou mais. Nesse mesmo Estatuto se estabelecem os direitos dos idosos e, visando dar-lhes uma melhor qualidade de vida, são previstas punições a quem os violarem.

O processo de envelhecimento está relacionado à vida de todos os seres vivos e à espécie humana, estando atrelado às condições de vida e de trabalho do indivíduo, envolvendo uma série de alterações biológicas e sociais que ocorrem de maneira singular para cada sujeito (CAMARANO; KANSO, 2016). Entretanto, o fenômeno do envelhecimento populacional é um fato novo para a sociedade, trazendo consigo mudanças nos diversos âmbitos, como o social, cultural, econômico e político (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016).

De acordo com Girardi (2009, p. 27) “a palavra aposentadoria vem do latim pausa, o que no português sugere parar, deter, ou literalmente, recolher-se ao aposento, pôr-se de lado...” Isso acaba dando a ideia de que o significado de aposentadoria é de descanso, inatividade, ociosidade, entre outros adjetivos. E na nossa cultura, a aposentadoria é vista como sair de campo, recolher-se, ficar inativo.

Segundo Zanelli, Silva e Soares (2010) sobre a aposentadoria existem “dois pontos essenciais e inerentes ao conceito de aposentadoria: a inatividade após um tempo de serviço e a remuneração por essa inatividade”. Para Kunzler (2009, p. 56)

A fase da aposentadoria é marcada, sobretudo, pela interrupção das atividades profissionais e o ingresso em um novo ciclo de vida que tende a ser, em geral, de muitas mudanças com relação ao período que a antecedia.

Sobre esse mesmo tema, Santos (1990, p. 43) pondera que:

A aposentadoria representa uma ruptura com o mundo do trabalho, tendo como consequência uma mudança nas relações sociais. Quando o sujeito se aposenta ocorrem diversas mudanças em sua vida. Essa ruptura é representada ao mesmo tempo como perda do lugar no sistema de produção como a sua necessidade de reorganização espacial e temporal (tempo e lugar de trabalho e tempo e lugar de não-trabalho) e de reestruturação da identidade.

De acordo com Soares (2007) o ato de aposentar-se remete a conflitos permeados pelo papel central do trabalho no processo de constituição da identidade do sujeito, principalmente na atual conjuntura social que supervaloriza a produtividade e o capital. Nesta direção, a aposentadoria revela uma ambivalência, pois ao mesmo tempo em que é uma conquista, é, também, marginalizada como um tempo inútil, ou seja, como um período de decadência tendo em vista a concepção subjacente à lógica capitalista contemporânea (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2009).

Coutrim (2006), em pesquisa desenvolvida na cidade de Belo Horizonte sobre a relevância do trabalho informal na vida de idosos, constatou que o trabalho se configura como uma estratégia contra a pobreza, visto que muitos deles são provedores de suas famílias. Além disso, para os idosos pesquisados, trabalhar significa participar da sociedade, atualizar-se e contribuir para a sua manutenção financeira, o que lhe confere uma identidade predominante de trabalhador e não de aposentado e certo grau de liberdade. Isso lhe dá o status de provedor, em oposição à situação de isolamento e segregação, constituindo-se como forma de socialização, manutenção de poder e aumento da renda familiar.

No caso brasileiro, é notável o crescimento da população idosa e sua participação no cenário social e econômico. É também significativo o número dos que têm condições de se aposentar e mesmo daqueles que não o conseguem, retornarem, ou permanecerem ativos no mundo do trabalho, precisando, muitas vezes, se adaptar às exigências das rotinas de trabalho dessa nova etapa de sua vida produtiva.

Atualmente, a pessoa idosa não vive mais, necessariamente, recolhida e recordando lembranças do passado, mas pode ser ativa, produtiva e participativa (KACHAR, 2001).

Kachar (2001) aponta que a tecnologia amplia o acesso à informação, à qualidade de veiculação e à recepção em diferentes níveis de mídia. A facilidade e rapidez que esse recurso proporciona às informações relativiza a questão do tempo e do espaço, bem como interfere nas relações e nos comportamentos de seus usuários. Dessa maneira, essa tecnologia, que cresce e se desenvolve a cada dia, vem para potencializar a interatividade, a disseminação e o acesso às informações. Hoje é praticamente impossível não se depender dessas conexões em rede para o comércio eletrônico, as transações comerciais e bancárias e os serviços de informações públicas. É quase imperativo se adequar a esse novo contexto.

Pasqualotti e Both, (2008) afirmam que a inclusão do idoso no mundo digital configura-se como uma ferramenta de estreitamento existente entre as gerações e na participação nas novas formas de relações sociais. Nesse contexto, a socialização do idoso no universo digital possibilita-lhe melhor qualidade de vida, gerando um sentimento de satisfação e vínculo nas relações. Porém, uma pesquisa realizada em 2020 pela Fundação Perseu Abramo<sup>7</sup> mostra que os idosos no Brasil se sentem excluídos do mundo digital e têm dificuldades em ler e escrever. A pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade”, consultou aproximadamente duas mil pessoas com mais de sessenta anos nas cinco regiões do país e este levantamento apontou que o idoso continua apartado do mundo digital e que apesar do aumento do conhecimento do termo internet (63% em 2006 e 81% em 2020), apenas 19% dos idosos fazem uso efetivo da rede. Segundo esta pesquisa, 72% da população da terceira idade nunca utilizou um aplicativo e 62% nunca utilizou redes sociais.

Delors *et al.* (1996), ao tratar das novas tecnologias, pondera que, pela sociedade contemporânea viver a era da Informação, a utilização das tecnologias digitais dá ao idoso menor sentimento de exclusão social. Entretanto, chama a atenção que o mesmo avanço tecnológico que promove melhorias para a população, também pode propiciar uma forma de exclusão e nesse caso a exclusão digital para aqueles que não têm a mínima condição de acesso, seja econômica, educacional ou etária.

Ao avaliarmos o mundo do trabalho à luz da Lei no 8.842/1994 ou da Política Nacional do Idoso (PNI), é indispensável mencionar essa mudança de paradigma mundial porque, afinal, antes de qualquer regulamentação a oferta de emprego depende de políticas macroeconômicas. Depende da economia em que o trabalhador está ou não inserido, das trocas de governos, e é

---

<sup>7</sup> <https://fpabramo.org.br/fundacao-perseu-abramo/> Fundação Perseu Abramo – Partido dos Trabalhadores

preciso conhecer a percepção da sociedade sobre o processo de envelhecimento populacional sob o ponto de vista econômico.

Oliveira e Scortegagna (2009) destacam que o crescimento intelectual e a criatividade não estão mais atrelados diretamente à deterioração em virtude da idade, mas sim como características individuais dos seres humanos. Assim, as atividades dos trabalhadores mais velhos, da mesma forma que a de todos os outros, tornam-se mais uma questão de adequação funcional do que meramente um rótulo de idade avançada.

Magalhães (2008) lista algumas propostas que poderiam contribuir para que os trabalhadores de mais idade continuassem participando do mundo do trabalho, como, por exemplo, o desenvolvimento de programas de gestão que possibilitassem o trabalho com carga horária reduzida. Dessa forma, poder-se-ia viabilizar a renovação de quadro funcional das empresas e, ao mesmo tempo, assegurar o compartilhamento das experiências dos funcionários mais antigos.

Diversas organizações estimulam, por um lado, a permanência de profissionais mais velhos por serem altamente especializados, haja vista já possuírem a aptidão necessária para desempenhar determinada tarefa, aproveitando sua experiência e conhecimento acumulado. Por outro, uma parcela considerável dos próprios trabalhadores, mesmo após atingir uma determinada idade considerada avançada, almejam continuar colaborando com sua força de trabalho, desde que contem com as suas funções psíquicas e físicas em bom estado. No entanto, há trabalhadores que, não obstante esses cenários, desejam aposentar-se de modo a não ofertar mais sua força de trabalho, aspirando passar mais tempo com seus familiares, realizando atividades de lazer, ou ainda, realizando outros sonhos (FRANÇA *et al*, 2013).

De acordo com Gasparini *et al*. (2009), nos países desenvolvidos, a combinação de sistemas de segurança social e pequenas famílias, contribui para os padrões de vida mais elevados para os idosos em relação ao resto da população. Estas condições não são replicadas em muitos países em desenvolvimento, onde os sistemas de pensões são fracos e principalmente desfavorecem os mais pobres e os idosos geralmente vivem em grandes famílias que compartilham o orçamento com um grande número de pessoas. Este estudo avalia a situação dos idosos em termos de pobreza, de renda e outras dimensões do bem-estar na América Latina e Caribe. As pensões ou quaisquer outros mecanismos de transferência de renda para os idosos são essenciais para manter a velhice abaixo da linha da pobreza (GASPARINI *et.al*, 2009).

### 3 A HISTÓRIA, TEORIA E MODOS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

A presença da humanidade na Terra sempre dependeu em grande parte do desenvolvimento de estratégias que permitissem sua sobrevivência; afinal, na comparação com diversos outros animais, os humanos são bastante frágeis. Sua sobrevivência dependeu da forma como essa espécie foi transformando a natureza através do trabalho sobre ela praticado, do desenvolvimento de conhecimentos que foram passando de geração a geração e da capacidade de adaptação aos ambientes, assim como da adaptação dos próprios ambientes. O trabalho é condição humana. É pelo trabalho que o indivíduo se reconhece e produz as condições de sua existência.

#### 3.1 A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO

Segundo o dicionário Melhoramentos (1992) a palavra trabalho tem seu significado como sendo esforço, luta. De acordo com o dicionário Enciclopédico Mérito (1964, p. 120) a palavra trabalho pode ser considerada: “ato ou efeito de trabalhar, ocupação em alguma obra ou ministério; lida, labutação, luta, esforço, serviço...”.

De uma maneira ampla, o trabalho pode ser compreendido como todo esforço do ser humano, físico ou psíquico, ao intervir em seu ambiente com a finalidade de transformar, incluindo atividades como lazer e outras de natureza não remunerada. É por meio do trabalho que o ser humano medeia sua relação com a natureza, transformando-a e sendo transformado por ela (BORDENVE, 1999).

Para Zanelli e Silva (1996), por meio do trabalho é que a pessoa tem a percepção de si mesmo e do seu meio, possibilitando, com isso, seu crescimento e desenvolvimento pessoal. Na nossa sociedade, a valorização do trabalho solicita que seja feita uma análise mais apurada. Costa e Soares (2009, p.64) apontam que: “por um lado, o trabalho emancipa, de outro, também pode alienar; se tem capacidade para libertar, pode, igualmente, escravizar”. Esses aspectos remetem a uma questão crucial de dar sentido ao trabalho humano e tornar a vida fora do trabalho também dotada de sentido.

Segundo Santos (1990), a vida compreende três etapas bem definidas: a preparação para o trabalho, a vida ativa e a aposentadoria. Em uma sociedade como a nossa, o trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. E como referência de valor econômico, ele é o meio principal de independência da maioria dos trabalhadores.

De acordo com Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 32) o trabalho é parte determinante na formação da identidade pessoal, ocupacional e social do ser humano. A atividade laboral é desenvolvida por meio e no contexto das interações humanas. O trabalho também tem uma relação fundamental com a autoestima e dignidade da pessoa.

Costa e Soares (2009), asseveram que, no caso da aposentadoria, comumente se observa, em decorrência da perda do trabalho, a dificuldade de os indivíduos pensarem em outras atividades de produção (remuneradas ou não), que tenham algum sentido para si próprios e para a sociedade.

Nesse sentido, Santos (1990, p. 48) pondera que,

Ao mesmo tempo em que a sociedade capitalista trata a aposentadoria como um “repouso merecido”, ela também desvaloriza o sujeito pela sua perda da capacidade produtiva. A sociedade concede a aposentadoria, mas valoriza apenas sujeitos que produzem.

Na modernidade, a noção de trabalho tal qual conhecemos hoje foi formulada tendo por base os pressupostos da economia política clássica. Sua definição, assim pensada, emerge a partir de uma dupla concepção: a primeira, de viés antropológico, expressa a relação homem-natureza. Nesse contexto, o trabalho assume uma condição de essencialidade que se faz perceber tanto pela ação do homem sobre a natureza, quanto desta sobre ele. Como resultado desse processo dialético, homem e natureza se transformam. A segunda concepção admite o trabalho inserido no binômio homem-homem a partir das relações de trocas que estes estabelecem entre si e com a natureza. Cria-se a sociedade do trabalho. Nela, firma-se a condição ontológica do trabalho, as relações sociais hierarquizadas e noção de trabalho produtivo/improdutivo conforme vinculação com os meios de produção.

Como afirmado por Schwartz (2011, p.20), para quem “uma definição clara do trabalho será sempre um problema”, o lugar histórico do trabalho tem se revelado um espaço de embates, contradições e desenvolvimento entre as relações de produção e as forças produtivas de tal forma que no capitalismo o trabalho torna-se um elemento integrante de sua própria existência.

A análise da evolução do homem e porque não dizer da própria humanidade, assim como as relações sociais que se estabelecem com os processos de trabalho, deixa evidente a dimensão que o trabalho ocupa nesse contexto. Embora Schwartz (1996) afirme que há um claro conflito para datar a emergência do trabalho na história, é certo que ele se manifesta desde as comunidades primitivas, onde servia às necessidades mais primárias do homem, até às sociedades industriais avançadas de predominância capitalista e marcadas pela dominação do

trabalho pelo capital. Desse modo, precisar a origem do trabalho humano pressupõe inicialmente vinculá-lo a uma corrente teórica específica assumida para tal, uma vez que **“cada um recorta a noção de trabalho segundo sua própria filosofia ou de sua filosofia, mesmo de sua ideologia”** (SCHWARTZ, 1996, p.150, grifo no original).

Segundo o autor, na corrente teórica formada por historiadores o trabalho constitutivo da humanidade começou há cerca de 2,5 milhões de anos com o primeiro representante do gênero humano - o *homo habilis* – e a sua grande capacidade de criar e desenvolver ferramentas que auxiliavam na manutenção de sua vida.

A revolução neolítica<sup>8</sup>, responsável por modificar radicalmente esse cenário, transformou o trabalho primitivo de caráter essencialmente nômade em trabalho fixo e sedentário, especialmente pelo desenvolvimento de práticas agrícolas e pecuárias. Assim como a comunicação em sua dimensão simbólica, o processo de transformação e evolução do trabalho foi demorado, lento e gradativo. Seus reflexos modificaram a relação entre o homem e a natureza tanto quanto a dinâmica das relações sociais vigentes.

As primeiras sociedades, nômades, satisfaziam suas demandas buscando alimentação, vestuário e moradia através da colheita, da caça e da procura de abrigos, em função de suas necessidades imediatas e em interação direta e integrada com natureza.

Com o desenvolvimento destas sociedades e das técnicas de domesticação, o homem passou a intervir na natureza, cultivando vegetais, criando animais, construindo moradias, realizando ações que lhes asseguravam melhores condições de vida (ALBORNOZ, 1992). Deixou, assim, de exercer uma ação integrada à natureza, nela intervindo e transformando-a pelo seu trabalho. O trabalho assume uma condição de essencialidade que se faz perceber tanto pela ação do homem sobre a natureza, quanto desta sobre ele. Surge a sociedade do trabalho e firma-se a condição ontológica do trabalho, as conexões sociais hierarquizadas e o trabalho produtivo.

Trabalhar, então, passou a fazer parte essencial na vida do ser humano, sendo inclusive uma ação que o faz humano, constituindo-se numa parte importante da vida que vai além da garantia do seu sustento, estabelecendo relação com a realização pessoal, com o sentir-se útil e encontrar sentido para os seus dias.

Para Carvalho (2009), nesse contexto, o trabalho tem dimensões significativas na vida do ser humano, tais como manter-se a si e aos seus familiares, garantir sua liberdade e

---

<sup>8</sup> De acordo com Souza (2017), o termo Revolução Neolítica foi inicialmente cunhado nos anos 1960 pelo arqueólogo inglês Gordon Childe e refere-se a um movimento pré-histórico que pôs fim ao movimento nômade do animal humano.

autonomia, o exercício mental e a identificação social. Além disso, o trabalho promove o exercício da cidadania, pois, ao trabalhar, o ser humano sente-se participante da sociedade. Integrado ao viver, o trabalho das pessoas depende de sua condição social, de sua educação, de seu processo de socialização, podendo se modificar ao longo da vida pelas experiências e condições laborais vivenciadas.

Segundo Giaqueto e Soares (2010), é pelo trabalho, assim pensado, que as necessidades humanas são satisfeitas e criadas, implicando numa relação cíclica que pode ser a causa da motivação para o trabalho e a necessidade de se trabalhar durante toda a vida.

No modo de produção capitalista, no qual hegemonicamente a humanidade atual está imersa, o conceito de trabalho passou a assumir novos significados. Não se trabalha mais apenas para garantir a sobrevivência, mas para produzir valores de uso e, principalmente, de troca. Nessa nova condição e principalmente por conta da urbanização das sociedades, a sobrevivência não está mais garantida pela intervenção na natureza, mas sim, em trabalhar para quem detém os meios de produção, regulados pelo mercado de produção e consumo.

Essa nova condição cria a necessidade, sob certo aspecto, de se precisar trabalhar durante praticamente toda a vida, inclusive na velhice, convivendo ao longo de seu período laboral com as diversas transformações que tanto a sociedade quanto os mecanismos de produção vão sofrendo, gerando a necessidade de sucessivas adaptações.

A capacidade da sociedade humana em adaptar-se a estas transformações implica em alterações na fisionomia dessa sociedade. Mudanças tecnológicas têm sido uma constante na história do homem que se faz e refaz a cada novo invento técnico. As visões, as representações e os impactos da tecnologia na vida do homem e do meio natural devem ser investigados e analisados a partir de uma perspectiva interdisciplinar, haja vista a complexidade do estudo.

Nesse contexto de alteração dinâmica da sociedade em que o homem historicamente situado atua sobre si mesmo e sobre seu entorno, faz-se necessário não só analisar e problematizar essas mudanças, mas também propor soluções tecnológicas que contribuam para o fortalecimento de uma sociedade mais justa e solidária em que não predomine um pensar e um agir tecnicista, mas um pensar reflexivo voltado para uma atuação democrática em relação ao mundo da tecnologia.<sup>9</sup>

De acordo com Antunes (2015), historicamente o conceito de trabalho varia conforme se complexificam as sociedades. De acordo com o autor, na filosofia do mundo antigo, o trabalho era visto como sinal de vida degradante e infeliz. O envolvimento do homem nos

---

<sup>9</sup> PPGTE - Texto original da apresentação do Programa. <http://www.utfpr.edu.br/cursos/coordenacoes/stricto-sensu/ppgte>

processos de trabalho fez emergir outra visão em que “o trabalho se converteu em *tripaliare* – originário de *tripalium*, instrumento de tortura -, momento de punição e sofrimento” (ANTUNES, 2015, p. 11, grifo no original). Ressalta, ainda, que, em Max Weber e sob o domínio do mundo da mercadoria e do dinheiro, o trabalho se configura na antítese do repouso, folga ou preguiça. Todavia, para Antunes (2015), foi em Karl Marx que o trabalho encontrou sua melhor conceituação, além de conhecer sua dimensão dupla e contraditória:

[...] trabalhar era, ao mesmo tempo, necessidade eterna para manter o metabolismo social entre humanidades e natureza. Mas, sob o império (e o fetiche) da mercadoria, a atividade vital metamorfoseava-se em atividade imposta, extrínseca e exterior, forçada e compulsória. [...] Essa dimensão dúplice e mesmo contraditória do trabalho presente no mundo do trabalho que cria, mas também subordina, humaniza e degrada, libera e escraviza, emancipa e aliena, manteve o trabalho humano como questão nodal em nossa vida (ANTUNES, 2015, p.12).

Em regra, podemos dizer que o trabalho é a atividade por meio da qual o ser humano produz sua própria existência. Ao refletirmos sobre o pensamento de Karl Marx, o trabalho é tido como a atividade sobre a qual o ser humano emprega sua força para produzir os meios para o seu sustento. (MARX, 1988). Essa afirmação condiz com a ideia de que não é que o ser humano exista em função do trabalho, mas é por meio dele que produz os meios para manter-se vivo. A relação entre trabalho e subsistência, ou sobrevivência é algo íntimo e direto e por esta razão podemos reafirmar a ideia de que a força do trabalho deve ser vista como um bem “inalienável” do ser humano, ao ponto de que se alienarmos o trabalho, isto é, transferir o direito de proveito dos frutos para outra pessoa, seria o mesmo que alienar o direito à própria vida.

No capitalismo, o trabalho deixou de ser uma ferramenta de sobrevivência do homem em sua relação com a natureza para tornar-se um elemento integrante de sua própria existência, revestindo-o de um caráter de essencialidade na formação do homem em sua totalidade.

### 3.2 O HOMEM E A RELAÇÃO COM O TRABALHO

Na herança marxista, a qualidade própria essencial que caracteriza o ser humano reside na capacidade deste produzir suas próprias condições de existência. Assim, a produção dos meios necessários para sua própria existência é que vai distinguir o homem de outros animais. Nesse sentido, Saviani (2007, p.154) afirma:

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce

sabendo produzir -se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência.

Assim, ainda de acordo com o autor,

Voltando-nos para o processo de surgimento do homem vamos constatar seu início quando determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida. Assim, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades. (SAVIANI, 2007, p.153)

Historicamente, o homem, para produzir sua existência, passou a agir sobre a natureza tendo em vista a necessidade de retirar dela as condições para sua sobrevivência. Ao assim fazer, transformando a natureza, o homem transformou a si mesmo em um processo inter-relacional que, em última análise, permitiu-lhe dar um “salto ontológico” que determinou a transformação do sujeito puramente primitivo e biológico em um ser social (LUKÁCS, 1981). Essa relação intencional do homem com a natureza para criar os meios materiais concretos de sua sobrevivência é o que historicamente se denominou de trabalho.

Assim, de acordo com Marx,

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p.326-327).

Percebe-se, portanto, que a existência do homem “não é uma dádiva natural” (SAVIANI, 2007, p.154), mas algo conquistado pela via do trabalho que, nesse contexto, se reveste de uma atividade humana teleológica, planejada e consciente. Sobre o assunto, Marx (1983) argumenta:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha realiza operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. (p.150).

De acordo com Lukács (1981), somente o trabalho com sua essencialidade ontológica ocupa um lugar privilegiado na origem do ser social. Para o autor, o trabalho foi fundamental para a evolução da espécie humana, em especial por mediar a relação homem/natureza e, com isso, proporcionar as condições necessárias de manutenção e perpetuação da própria vida. Para ele,

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter intermediário: ele é, essencialmente, uma inter relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (utensílio, matéria prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter relação que pode até estar situada em pontos determinados da série a que nos referimos, mas antes de mais nada assinala a passagem, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 1981, p. 4)

Enquanto ser social o homem passa a interagir com outros sujeitos de tal forma que as relações sociais advindas desse processo avançam e se complexificam com o passar do tempo. Ainda conforme Lukács (1981), esse é um fenômeno que se dá mediado pela categoria trabalho, uma vez que nela se encontra o elemento fundador da esfera social. Assim, ao tempo que responde pela produção dos elementos necessários à manutenção da vida, nas sociedades organizadas o trabalho passa a incorporar outras dimensões igualmente necessárias em um ambiente social, a saber: vida cultura, social, estética, simbólica, lúdica e afetiva, agora igualmente necessárias em um ambiente social (FRIGOTO, 2006).

### 3.3 TRABALHO E AS FORMAS DE PRODUÇÃO

Para Lukács (1981), o trabalho humano tem sua evolução vinculada ao modo como se dá a produção e reprodução das condições materiais concretas necessárias à manutenção da vida. Trata-se de um processo que se materializa permeado por condicionantes culturais, políticos, sociais, ideológicos e econômicos que impactam as sociedades e altera significativamente a maneira do homem produzir, consumir e distribuir os bens materiais de que precisa para sobreviver. Segundo a teoria marxiana, o modo de produção refere-se à associação entre forças produtivas e as relações de produção (sociais e técnicas) pelo qual o homem passa a produzir e reproduzir suas condições materiais concretas de subsistência. O modo de produção é:

[...] a categoria mais fundamental e englobante, cunhada por Marx, para expressar sinteticamente as principais determinações que configuram as diferentes formações

históricas. Essas determinações encontram-se no modo como os indivíduos, de uma dada sociedade, organizam-se no que tange à produção, à distribuição e ao consumo dos bens materiais necessários à sua subsistência; mais precisamente, na forma que assumem as relações sociais de produção, em correspondência com um estado histórico de desenvolvimento das forças produtivas (GAIGER, 2003, p.186).

As lutas, contradições e mediações que se estabeleceram entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção no processo histórico foram determinantes para a transição, reorganização e consolidação dos diversos modos de produção segundo os quais as sociedades se organizaram. Nas primeiras sociedades - as primitivas - o modo de produção caracterizou-se pelo princípio coletivo do trabalho, pelas relações sociais de cooperação e pela ausência da figura central do Estado. Tais características aliadas à posse da terra revelavam um modelo social sem oposição de classes sociais ou mesmo exploração do trabalho humano.

A transição do modo de produção primitivo para o modo de produção escravista se deu junto com a instituição do conceito de propriedade privada. Na sociedade escravista os senhores proprietários da terra controlavam a força de trabalho e os meios de produção. Estabeleceu-se uma forma desigual de exploração do trabalho humano. Esse poder era exercido por meio do Estado, que se constituiu como instrumento de mediação, controle social, poder e dominação a serviço da classe dominante. Sobre o tema, Saviani (2007) acrescenta:

Na Antiguidade, tanto grega como romana, configura-se esse fenômeno que contrapõe, de um lado, uma aristocracia que detém a propriedade privada da terra; e, de outro lado, os escravos. Daí a caracterização do modo de produção antigo como modo de produção escravista. O trabalho é realizado predominantemente pelos escravos (p.155).

Ao longo do tempo, a sociedade escravista deu lugar à sociedade feudal. Nesse modelo social, a relação de dominação deixou de ser senhor/escravo para tornar-se senhor/servo. Os senhores eram os proprietários da terra. Os servos, nesse contexto, não eram, em si, escravos, porém, como os escravos, não detinham a posse da terra. Assim, trocavam sua força de trabalho e a concessão pelo uso da terra por pequenas compensações que incluíam moradia e alimentação, mas também pagamento de tributos. O controle sobre os meios de produção era exercido pelos senhores feudais e evidenciavam profundas desigualdades nas relações de trabalho.

Questões econômicas acentuaram o estremecimento das relações entre senhores e servos e precipitou a crise da sociedade feudal. A diminuição da produção no campo, aliado ao crescimento e desenvolvimento econômico das cidades enfraqueceu o poder feudal e criou o cenário ideal para o surgimento de um novo modo de produção: o capitalista. As primeiras relações capitalistas aparecem na Baixa Idade Média. São caracterizadas pela relação de trocas

que se estabeleceram entre artesãos e comerciantes que habitavam regiões próximas às propriedades feudais impulsionadas por uma nova lógica econômica.

O valor de uso das mercadorias<sup>10</sup> foi substituído por seu valor de troca. Lucro e acúmulo de capital foram palavras que passaram a regular os rumos dessas relações. No final da Idade Média, o capitalismo embrionário evoluiu para o capitalismo mercantil e deste, com a revolução industrial no século XVIII, para o capitalismo industrial.

No modo de produção capitalista pós-Revolução Industrial a propriedade feudal se transformou na propriedade privada dos meios de produção. Nele, a força de trabalho servil é substituída pelo trabalho assalariado. Nesse cenário, se estabelece um conflito de classes: de um lado burgueses detentores dos meios de produção. Do outro, trabalhadores assalariados que, sem o controle do que produzem, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviverem. Frigotto (2006) comenta:

A história do trabalho humano, todavia, efetivou-se até o presente, como mostra Marx, sob a cisão do gênero humano em classes sociais – do *tripalium* das sociedades escravocratas até a atual forma de trabalho alienado sob o capitalismo. Embora a revolução capitalista engendre, como assinalamos, um caráter ‘civilizatório’ em relação aos modos de produção pré-capitalistas, trata-se de um avanço restrito e relativo, pois mantém a divisão dos seres humanos em classes sociais antagônicas: aqueles que detêm a propriedade privada do capital (propriedade de meios e instrumentos de produção com o fim de gerar lucro) e aqueles que, para se reproduzirem e manterem suas vidas e a de seus filhos, precisam ir ao mercado e vender sua força de trabalho, recebendo em troca uma remuneração ou salário (p. 247).

No início do século XX, o capitalismo industrial acelerou o desenvolvimento das forças produtivas, ampliou a competitividade entre corporações e fez surgir novas lógicas de gestão da produção. Sob a lógica capitalista foi imposto ao trabalhador um ritmo de trabalho não mais determinado pela natureza, mas pelas máquinas. Sobre o assunto, Saviani (2007) argumenta:

Vê-se, então, que o fenômeno da objetivação e simplificação do trabalho coincide com o processo de transferência para as máquinas das funções próprias do trabalho manual. Desse modo, os ingredientes intelectuais antes indissociáveis do trabalho manual humano, como ocorria no artesanato, dele destacam-se, indo incorporar-se às máquinas. Por esse processo, dá-se a mecanização das operações manuais, sejam elas executadas pelas próprias máquinas ou pelos homens, que passam a operar manualmente como sucedâneos das máquinas (p.158).

---

<sup>10</sup> A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. (MARX, 1988, p.157).

O que se segue ao domínio da técnica moderna aos aprimorados processos de produção é uma dependência histórica de subversão do trabalho ao capital. A inserção da tecnologia como instrumento de produção de sobre trabalho, reforça a tese de valorização do capital, além de evidenciar a subsunção<sup>11</sup> do trabalho à técnica.

A análise da dimensão ontológica da relação trabalho e capital feita por Marx trata a elaboração do conceito de subsunção situando-a em dois momentos históricos: de subsunção formal e subsunção real. No centro deste debate estava o valor da força de trabalho e a possibilidade de redução e exploração dessa condição. Em um primeiro momento, a subsunção formal do trabalho capital se refletiu apenas no aumento quantitativo da jornada laboral. Porém, a permanente evolução das forças produtivas requer formas mais avançadas de subordinação do trabalho ao capital. O processo de subsunção real se consolida “quando o capital se faz totalidade, subordinando a si a sociedade que produz e que consome.” (IAMAMOTO, 1994, p.52).

Orientado por essa linha de raciocínio, Antunes e Alves (2004), empenham-se em aproximar o conceito de subsunção a uma condição de subordinação da força de trabalho ao capital. Assim, os autores esclarecem:

É neste processo que o capital visa a superar uma subordinação (melhor: subsunção) meramente formal, transformando-a em real (subsunção real), com o corolário de que a transformação da força de trabalho em capital acaba por consolidar-se socialmente. (ANTUNES; ALVES, 2004, p.344).

A subsunção real do trabalhador à lógica do capital veio acompanhada de novos modelos de controle dos processos de produção com ênfase no controle do trabalhador e sua força de trabalho. O primeiro desses modelos foi o taylorismo. Os princípios desse método são assim descritos por Harry Braverman:

1.º - O administrador assume o encargo de reunir todo o conhecimento tradicional que no passado foi possuído pelos trabalhadores e ainda de classificar, tabular e reduzir esse conhecimento a regras, leis e fórmulas. 2.º - Todo possível trabalho cerebral deve ser banido da oficina e centrado no departamento de planejamento e projetos. 3.º - Refere-se na preparação prévia, pela gerência de todas as tarefas a serem executadas pelos trabalhadores. É um corolário do princípio anterior. (GAMA, 1986, p.190).

A produção em série de bens inaugurou um novo modelo de industrialização nos países capitalistas avançados do pós-guerra – o fordismo. Com ele, introduziu-se a linha de montagem

---

<sup>11</sup> Conforme Marx (2013), a subsunção diz respeito à relação de inclusão e dominação do trabalho pelo capital que, por meio das máquinas, define a forma e o ritmo de produção do trabalhador.

no processo produtivo, consolidou a divisão de trabalho e tornou o trabalhador em um apêndice das máquinas. Sobre a distinção entre esses dois modelos, Lipietz e Leborgne (1988) esclarecem:

O fordismo se distingue aqui do taylorismo uma vez que as próprias normas são incorporadas no dispositivo automático das máquinas. É, portanto o movimento das máquinas (o caso da linha de montagem é típico) que dita a operação requerida e o tempo necessário para sua realização (p.13).

A crise do modelo fordista/taylorista aliado ao processo de globalização do capitalismo fez emergir, na segunda metade do século XX, no Japão, um novo processo de gestão da produção em grande escala. Denominado de modelo de “acumulação flexível”, *just in time* ou Toyotismo e refere-se a uma nova forma de produção que “se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 2000, p.140). Embora, em parte, permanecesse com a mesma base estrutural dos sistemas taylorista/fordista, o Toyotismo trouxe uma nova dinâmica para a linha produção tendo por base a terceirização de atividades. Na visão de Harvey (2000)

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto em setores como em regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas [...] (p. 140)

O autor ainda argumenta que o modelo de acumulação flexível permitiu a rápida tomada de decisões no mundo corporativo. As melhorias em transporte e comunicação fez aumentar o controle patronal sobre a força de trabalho enfraquecendo-a e provocando desemprego e precarização. Dessa forma, para ele,

O mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade, do aumento da competitividade e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram o proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. (HARVEY, 2000, p. 143).

O debate estabelecido no início do século XXI a respeito da categoria trabalho humano questiona seu futuro frente às mudanças engendradas pelas transformações no próprio mundo do trabalho, nos modos de produção e no desenvolvimento de novas tecnologias. São transformações rápidas e globalizadas que impactam o modo de vida das sociedades desse começo de século. De acordo com Antunes (2009), o desenvolvimento tecnológico compõe

uma “lógica destrutiva” (p.36) que atua na contramão do emprego e “acarretam repercussões profundas no enorme contingente da força humana de trabalho [...]”. (p.36). É um contexto que coloca em dúvida o futuro do trabalho assalariado tendo em vista as novas exigências para o trabalhador frente às mudanças tecnológicas do século XXI.

### 3.4 A REFORMA TRABALHISTA E O IMPACTO PARA O TRABALHADOR IDOSO

A legislação trabalhista brasileira não se destina apenas a alguns grupos específicos, mas é direcionada a toda uma categoria, a categoria de trabalhadores. Peculiaridades são destacadas quando em se tratando de gestantes, jovens e idosos. Neste particular, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) atende ao específico dos brasileiros nessa faixa de idade. Em seu primeiro artigo tal documento estabelece que “a política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Conforme já argumentado, a participação, integração social e a autonomia do idoso, como ser humano, se dá por meio do trabalho. A Política Nacional do Idoso, nesse sentido, vai agir no âmbito da promoção e assistência social, com oficinas abrigadas de trabalho e, na área de trabalho e previdência social, garantindo que o idoso não seja discriminado e possa participar do mundo do trabalho efetivamente. Esse é o conteúdo do artigo 10, em seus incisos I, alínea *b* e IV, alínea *a*:

Art. 10. Na implementação da política nacional do idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos:

I - na área de promoção e assistência social:

[...]

b) estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros;

[...]

IV - na área de trabalho e previdência social:

a) garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado;

[...]

Assim, o trabalho é um direito constante no Estatuto do Idoso enquanto obrigação de toda a sociedade, começando pela família, para com os idosos. O inciso IV, ao trazer a necessidade de viabilizar a participação do idoso dentre as demais gerações, logo após tratar do direito fundamental ao trabalho, já exemplifica que este é uma das formas de integrar o idoso na sociedade.

O capítulo IV do mesmo Estatuto, cujo título é “Da Profissionalização e do Trabalho”, é destinado especificamente à inserção do idoso no mercado de trabalho:

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;

II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;

III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

O trabalho, no contexto capitalista do qual vivemos, é um direito do idoso que, mesmo tendo trabalhado ao longo da vida, muitas vezes continua no mundo do trabalho atuando por motivos de subsistência, inserção social, realização pessoal ou quaisquer que possam ser os motivos, podendo contribuir com a sociedade em que está inserido como alguém relevante a compartilhar suas vivências com os demais atores sociais. O Estado deve promover esta inserção estimulando empresas a admitir esses trabalhadores e preparando-os para a aposentadoria, em relação aos seus direitos e os incentivando a realizar novos projetos de vida que levem em consideração a condição de aposentado. Segundo o IBGE, o Brasil atualmente tem 14,6 milhões de pessoas desempregadas. Dentre esses números, pode-se dizer que os idosos tem a maior participação. A fim de ilustrar o que aqui foi colocado, insta replicar a lição de Jorge Felix (2016):

As estatísticas mostram que, desde a década de 1990, apesar do acelerado ritmo de envelhecimento populacional, tem-se observado queda na participação proporcional de idosos no mercado de trabalho, apesar de o crescimento da população idosa economicamente ativa estar num ritmo acima do da população economicamente ativa (PEA) como um todo. (p. 247)

Considerando que a população idosa brasileira que ainda trabalha tenha crescido mais que em relação àqueles que não são considerados idosos, tem diminuído o número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos com espaço no mundo do trabalho. Este fato se dá devido à falta de políticas públicas capazes de instruir e gerar oportunidades. Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram duas reformas da Previdência Social, em 1988 e 2003,

durante o governo dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva. Entretanto, segundo Felix:

Em nenhum momento, durante os debates legislativos, levou-se em conta a empregabilidade do trabalhador acima dos 60 anos, ou melhor, dos 50 anos. Assumiu-se que o crescimento econômico, por si só, ofereceria empregabilidade e que a elegibilidade para a aposentadoria do idoso do futuro estaria garantida. Tampouco o Estado brasileiro preocupou-se em envolver as empresas privadas neste esforço fiscalista, com medidas de incentivo à manutenção do emprego dos mais velhos, requalificação ou programas de preparação para a aposentadoria mais tardia. (p. 247).

O projeto de lei nº 6787/2016, que “altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nºs 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho” é de autoria do Poder Executivo e foi apresentado ao Congresso Nacional em 23 de dezembro de 2016. Em 2003 ocorreu a reforma trabalhista e em 2019 aprovou-se uma nova reforma sob o governo do então presidente Jair Bolsonaro, sendo palco para muitas discussões e contestações ainda em 2021.

O texto aprovado pela Câmara dos Deputados alterou mais de cem pontos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), estando entre as principais mudanças a prioridade do acordo entre empregador e empregado em detrimento da legislação, o parcelamento das férias, o fim do imposto sindical obrigatório e as horas *in itinere*<sup>12</sup> não serão computadas como tempo à disposição do empregador. A terceirização dos serviços está contida no artigo 4º-A da Lei nº 6019/1974.

Diante destas modificações, para o trabalhador com mais idade ficará mais difícil a sua adequação e receptividade no mundo do trabalho. Por um lado, terá que contribuir por mais tempo para se aposentar; por outro, terá que trabalhar durante mais tempo, inclusive com idade avançada, para obter os benefícios da Previdência e quanto menor o porte da empresa, maior será a exigência de qualificação deste trabalhador e muitos não se encaixam por possuírem pouca escolaridade.<sup>13</sup>

Nesse sentido, a reforma trabalhista acaba por ser um ônus para o idoso brasileiro, que, a despeito de ter que contribuir mais, não conseguirá se enquadrar em um contexto exigente e que, para trabalhar, terá que submeter-se à informalidade ou empregos em quaisquer condições

<sup>12</sup> Horas *in itinere* são as horas que uma pessoa leva para chegar ao trabalho ou voltar do trabalho no fim do expediente, refere-se ao trajeto percorrido pelo trabalhador.

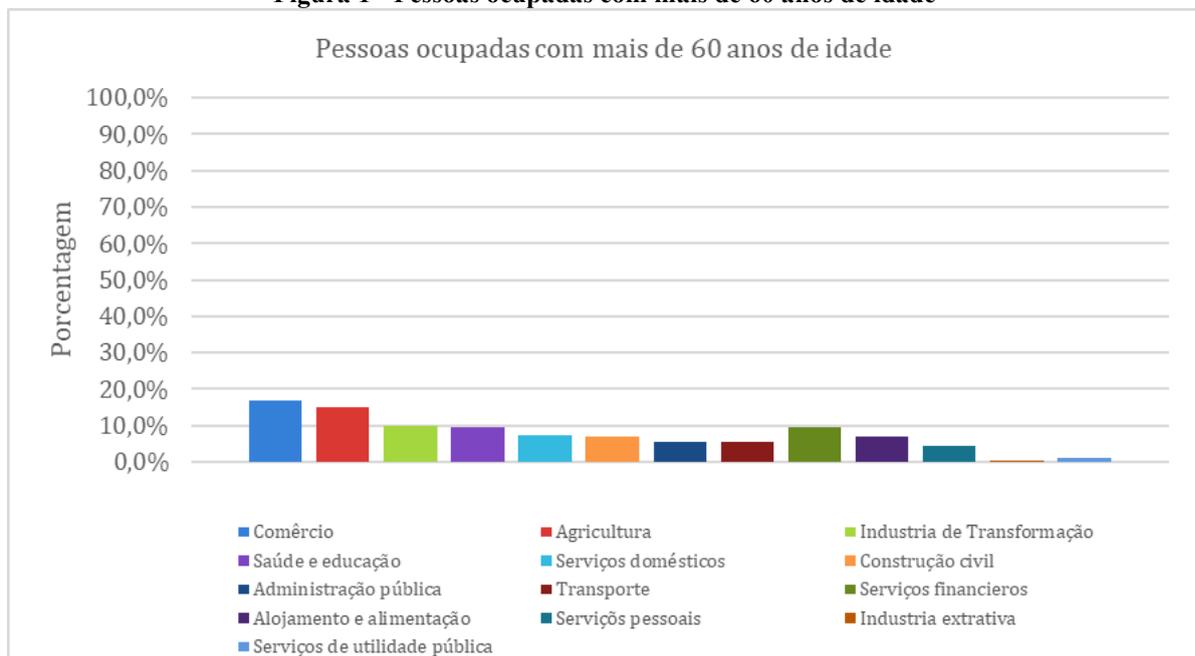
<sup>13</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/baixa-escolaridade-e-um-problema-extra-para-o-idoso-no-brasil/>

ou declinar para os seus próprios negócios, virando empreendedor. Segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no segundo trimestre do ano de 2018, 46% da população ocupada com mais de 60 anos trabalhava por conta própria e 9,3% eram empreendedores. Enquanto isso, apenas um em cada quatro (26%) idosos ativos tinham emprego com carteira assinada, ao passo que 18% estavam na informalidade, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE.<sup>14</sup>

As mudanças na lei trabalhista não evidenciam contribuir para oportunidades de trabalho ao idoso. Os dados do IBGE têm demonstrado que o idoso está vivendo mais, a população idosa no País está aumentando, e é grande o número de idosos que mantêm financeiramente as casas e famílias. Assim, o idoso que ainda é trabalhador amargará essas mudanças, terá que trabalhar mais, contribuir mais com a previdência e tendo que submeter-se às novas condições para manter-se empregado

Alguns dos resultados dessa pesquisa (Pnad) são esquematicamente apresentados nas figuras 1, 2, 3 e 4.

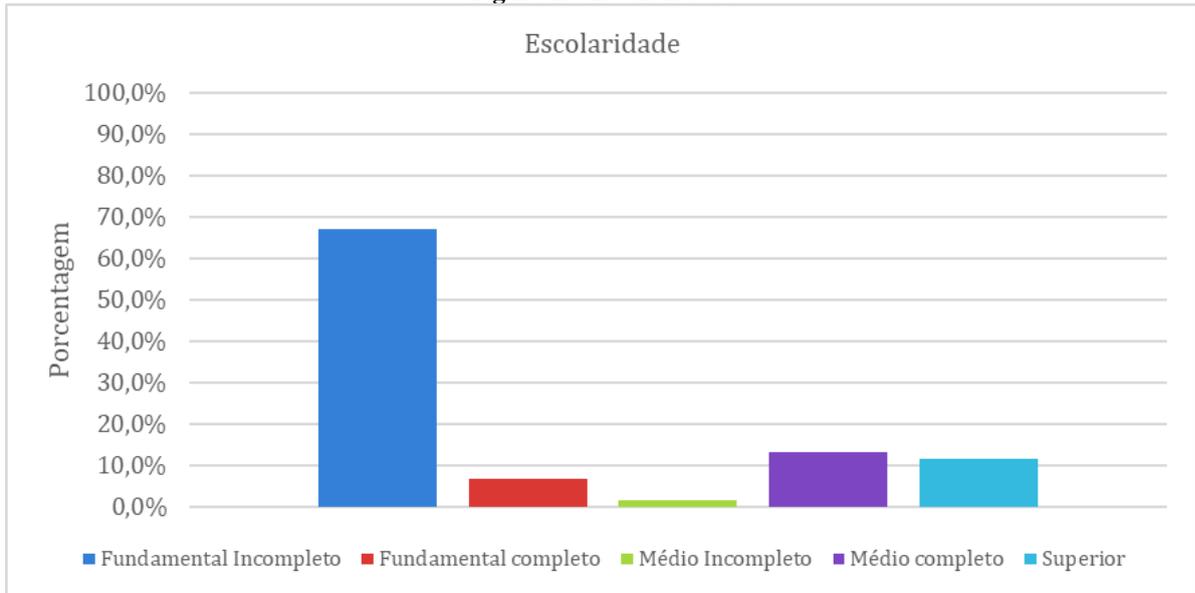
**Figura 1 - Pessoas ocupadas com mais de 60 anos de idade**



Fonte: IBGE 1º Trimestre de 2018

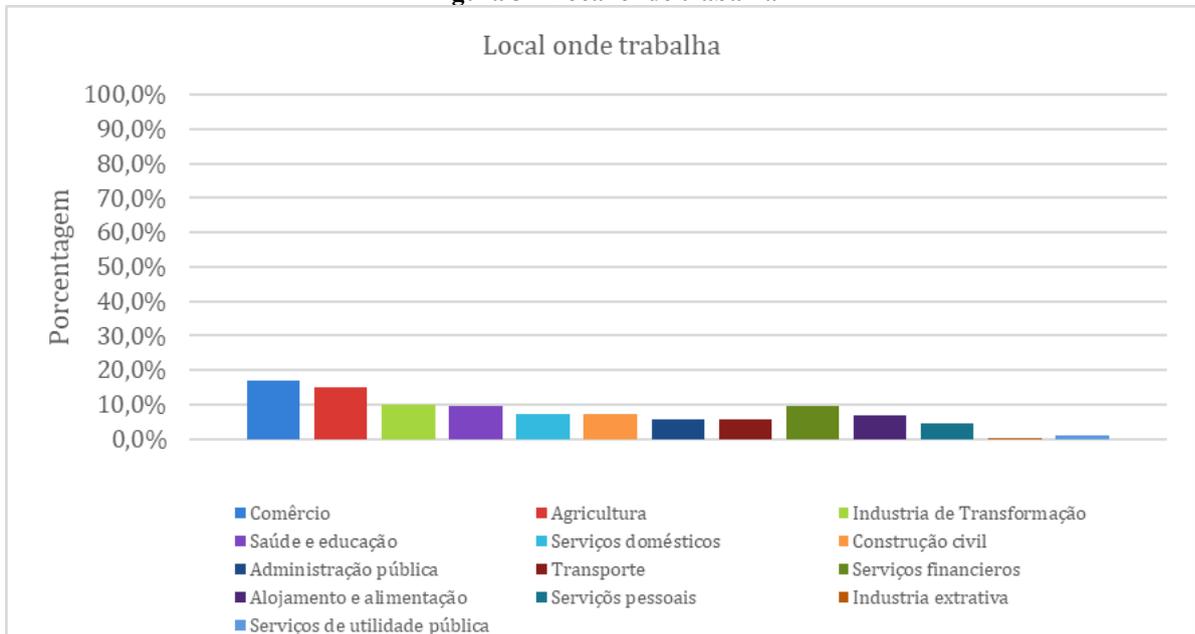
<sup>14</sup><https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2018/11/18/fora-do-mercado-formal-mais-da-metade-dos-idosos-que-trabalham-tem-negocio-proprio.ghtml/> acesso em 20 de novembro de 2022.

**Figura 2 - Escolaridade**

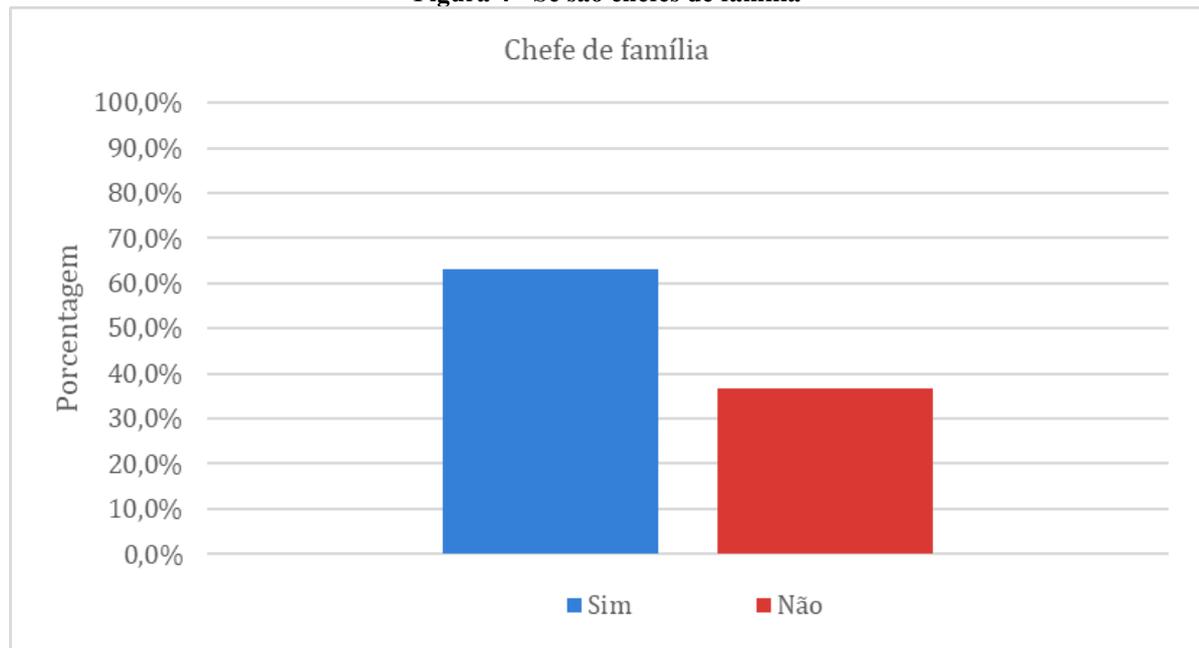


Fonte: IBGE 1º Trimestre de 2018

**Figura 3 - Local onde trabalha**



Fonte: IBGE 1º Trimestre de 2018

**Figura 4 - Se são chefes de família**

Fonte: IBGE 1º Trimestre de 2018

Os dados apontam que, em 2018, o maior número de trabalhadores idosos ainda tinha carteira de trabalho assinada e o comércio absorvia a maior parte desta mão de obra, indicando ser necessário possuir habilidade em lidar com pessoas e atender clientes, parte importante da atividade laboral do comércio. Outro fato destacado é a escolaridade, majoritariamente inicial, o que se torna um fator complicador em termos competitivos, pois as empresas podem mostrar interesse na experiência, porém, aliada a um conhecimento técnico.

## 4 TECNOLOGIA

O desenvolvimento humano sempre foi acompanhado pela tecnologia. Os diferentes artefatos utilizados pelo homem primitivo disponíveis no meio, como ferramentas que o auxiliaram em tarefas que ele não seria capaz de realizar somente com o uso das mãos o auxiliou na sua sobrevivência. A tecnologia, enquanto ferramenta que expande a ação do homem no mundo, ao mesmo tempo que o auxilia a se adaptar melhor ao meio e produzir seu próprio alimento, também contribuiu para o seu desenvolvimento cognitivo. Ao longo da história e nas diferentes culturas humanas é possível observar diferentes artefatos tecnológicos criados e manipulados pelo homem. Cada cultura desenvolveu seus próprios artefatos a partir de necessidades específicas na sua particularidade de seu modo de vida e concepção de mundo.

Grandes realizações surgiram com o auxílio da tecnologia. A invenção da máquina a vapor na indústria têxtil, a locomotiva, a energia elétrica, o uso da pólvora e outros contribuíram para estes avanços. A tecnologia permite ao homem adaptar-se e a natureza o auxilia diariamente em suas tarefas, independentemente do uso que faz desse artefato.

Considerando a história da civilização ocidental, muitos recursos tecnológicos foram criados a partir do conhecimento que fosse suficiente para tal criação e a necessidade humana da tecnologia. A impressão com tipos móveis desenvolvida pelo alemão Gutemberg no século XV, que foi uma tecnologia que permitiu a cópia de livros, jornais, e impressos de forma rápida e mais eficiente que as cópias à mão, revolucionou diversos setores além do econômico, pois a informação passou a ser divulgada de forma mais ampla e rápida.

O homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. Apenas, o que se entende por "natureza" em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente. Se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a nova "natureza" (PINTO, 2005, p. 37).

A argumentação do conceito de tecnologia elaborado por Álvaro Vieira Pinto descreve o homem no processo de hominização, sob duas óticas: a primeira pela capacidade humana de projetar; a segunda, pela formação de um ser social, condição essencial para produzir o que foi projetado. No entendimento destes dois conceitos, o autor apresenta o conceito de filosofia da técnica, a qual consiste na arte de sempre fazer algo novo. Diante disso, o autor destaca a importância da técnica como libertadora, ressaltando a necessidade do homem ser o agente do seu ambiente e da sua qualidade de vida.

Para que o homem seja promotor de seu ambiente, o autor defende que, para que o desenvolvimento econômico ocorra em nível global, é preciso romper com a dinâmica universal de que a tecnologia é detida por poucos, restando aos países subdesenvolvidos apenas receber as inovações tecnológicas. Neste contexto, ele coloca a importância da “técnica como libertadora” e a recusa como um mero perigo de nossa espécie, concluindo com isso que sempre é o homem o construtor de seu ambiente e de sua qualidade de vida. Para ele, é um erro primordial olhar para as coisas produzidas a partir da técnica simplesmente, “pois a verdadeira finalidade da produção humana consiste na produção das relações sociais, a construção de formas de convivência”. (PINTO, 2005, p. 169)

#### 4.1 A TECNOLOGIA COMO ARTEFATO DE TRABALHO

O processo de trabalho pré-capitalista era organizado em torno do ofício. O fazer se originava do conhecimento empírico, da experiência; a melhor forma de produzir era transmitida e conservada de geração a geração. Entendida como princípio organizador da produção, a tecnologia consiste em "considerar em si mesmo cada processo de produção e de decompô-lo, sem levar em conta qualquer intervenção da mão humana, em seus elementos constitutivos". Dessa forma o processo de trabalho "se decompõe em aplicações da ciência conscientemente planejadas e sistematicamente especializadas segundo o efeito útil requerido" (MARX, 2002, p. 557).

Assim, a tecnologia substitui a rotina empírica por princípios universais de conhecimento aplicados ao processo de produção, e o saber fazer do trabalhador imediato no processo de produção se torna secundário em face do conhecimento científico de caráter universal.

Enquanto as primeiras tecnologias industriais substituíram a força física do trabalho humano, trocando a força muscular por máquinas, as tecnologias baseadas no computador prometem substituir a própria mente humana, colocando máquinas inteligentes no lugar dos seres humanos em toda a escala da atividade econômica.

As implicações são profundas e de longo alcance. Máquinas automatizadas, robôs e computadores cada vez mais sofisticados podem desempenhar muitas, se não a maioria dessas tarefas.

Folcher e Rabardel (2007) ponderam que na confrontação homem-máquina, mais interessante do que conceber este sistema como uma combinação operatória, em que ambos

estão engajados na realização de uma tarefa, é buscar entender esta relação homem-máquina a partir da mediação da atividade humana pelo artefato. Neste sentido, destaca-se o uso humano das ferramentas culturais – dos artefatos – que possibilita uma adequação dos objetos à atividade sob a visão dos sujeitos.

A abordagem da atividade mediada, dessa forma, ressalta a modificação de artefatos para instrumentos. E são três as orientações desta mediação pelos instrumentos, segundo esses autores: a) em direção ao objeto da atividade; b) em direção aos outros sujeitos e c) em direção a si mesmo. É na conexão com a atividade dos homens que o artefato se traduz em um objeto funcional. Isto é, a partir da subjetividade e do saber-fazer humanos que o artefato se torna um instrumento de usos singulares e coletivos inscritos na sociedade, sem ignorar o processo histórico das transformações produtivas contemporâneas.

O aparecimento das TIC e suas transformações ao longo do tempo são diretamente dependentes da ação humana. Isso se confirma com alguns estudos críticos e sérios da área de conhecimento intitulada “cibercultura”, os quais concebem a dimensão humana da comunicação no contexto sociotécnico. A professora Elizabeth Saad, por exemplo, afirma: “encontramos conexões estreitas com a evolução das TIC e com a emergência de campos de experiências em sociabilidade, incluindo aí a comunicação humana” (CORRÊA, 2010, p.11).

A atuação das TIC no mundo do trabalho necessita um olhar cauteloso por parte de pesquisadores quanto à determinada corrente de pensamento da cibercultura que deposita todas as esperanças de resolução dos problemas da sociedade contemporânea nos avanços da tecnologia. As ideias concebidas por esta via tendem a ignorar a concretude das relações sociais construída num processo histórico marcado por desigualdades, conflitos e formas hierarquizadas de poder.

Nesta direção, Francisco Rüdiger (2002) interpreta:

(...) as redes não são outro mundo, mas uma mediação da sociedade em que vivemos: as redes apenas pretendem, com maior ou menor sucesso passar por tal coisa. O ciberespaço não é em geral, segundo tudo indica, uma nova realidade, mas uma sublimação tecnológica da realidade com que estamos acostumados. As contradições e conflitos sociais e políticos de nossa época, antes de encontrarem solução, tendem a ser reproduzidos eletronicamente através de seu funcionamento. As patologias históricas e culturais não são postas de lado neste contexto, mas redimensionadas, quer falemos de crime e demagogia, quer falemos de racismo e atividades terroristas. (RÜDIGER, 2002, p. 17)

A articulação do binômio comunicação e trabalho, portanto, pode contribuir para refletirmos criticamente quanto ao desenvolvimento das TIC no contexto sociotécnico, pois como nos lembra Figaro,

O estudo das relações de comunicação no mundo do trabalho revela a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem os coletivos de trabalho; como elas se apropriam dos artefatos tecnológicos transformando-os em instrumentos afeitos à particularidade do sujeito; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas; e as mudanças que ora se dão nos perfis dos profissionais e nas sobreposições de funções. (FIGARO, 2010a, p.104)

## 4.2 ALTERAÇÕES NAS OCUPAÇÕES DE TRABALHO ESTABELECIDAS PELA TECNOLOGIA

Técnicas estabelecidas para a realização do trabalho podem ser consideradas prescrições que modificam as tarefas que os trabalhadores desempenham e os usos das tecnologias de comunicação e de informação têm promovido significativas modificações que impactam os processos de trabalho de muitos profissionais. Isso ocorre, dentre outros motivos, porque

(...) as tarefas realizadas por um dado grupo qualquer de trabalhadores estão determinadas em grande medida pela divisão técnica do trabalho, e seus processos de trabalho estão modelados pela forma da tecnologia prevalecente (que, por sua vez, é modelada pela assunção daqueles que a comissionam e nos quais as relações sociais de produção estão, portanto, imiscuídas. (HUWS, 2009, p. 48)

Ursula Huws (2009) destaca um outro aspecto interessante quanto às modificações determinadas pelas TIC nas ocupações de trabalhadores: o veloz aumento do número de tarefas no mundo do trabalho que lidam com habilidades genéricas e padronizadas ligadas a computadores. Isso se refere, segundo ela, a ocupações profissionais que desenvolvem exclusivamente tarefas caracterizadas por este tipo de habilidade e aquelas que as utilizam juntamente com outras habilidades específicas:

Este aspecto envolvendo as habilidades padrões genéricas relacionadas a computadores gera resultados peculiares e ao mesmo tempo contraditórios: a) essas habilidades genéricas fazem com que o trabalhador tenha uma mobilidade maior de empresa para empresa; ao mesmo tempo isso leva o trabalhador a ser mais facilmente dispensável e substituído; b) é mais difícil criar grupos de identidades estáveis de profissionais com base em habilidades compartilhadas (HUWS, 2009, p. 49).

As transformações do sistema produtivo que o capital tem passado implicam numa contínua renovação das práticas e dos processos de gestão em prol da eficácia do trabalho nas empresas. Atividades e tarefas desenvolvidas em grupo ou em equipe, polivalência de funções e total responsabilização pelo desenvolvimento de produtos e prestação de serviços são algumas das imposições que os trabalhadores têm enfrentado em suas relações de trabalho na contemporaneidade (ANTUNES, 1999).

Não basta o trabalhador saber desempenhar a sua atividade, as empresas exigem que ele disponibilize de outros esforços que vão além de seus conhecimentos técnicos ou profissionais. Espera-se neste sentido que o indivíduo saiba interagir com o trabalho que está realizando, respondendo eficientemente às tarefas já preestabelecidas e aos acontecimentos imprevistos que influenciam o processo produtivo.

A valorização da subjetividade no trabalho apresenta-se como um reflexo do processo de modernização das relações de trabalho nas novas formas de gestão administrativa e organizacional e não necessariamente tem contribuído de forma positiva para a relação que o trabalhador tem com o seu trabalho. E as prescrições no mundo do trabalho, conseqüentemente, ganham papel de destaque na exploração do saber-fazer do trabalhador, conforme esclarece Brito (2006):

É importante fazer referência também às novas exigências tendenciais dos empreendimentos contemporâneos, como a chamada prescrição da subjetividade – sinônimo de exigência de implicação, iniciativa, criatividade, autonomia e disponibilidade para a produção. Semelhantes são os casos em que os objetivos a serem atingidos são demasiadamente amplos, levando o trabalhador a dar tudo de si para alcançar os resultados esperados, gerando fadiga crônica, esgotamento. Além disso, as prescrições podem contribuir diretamente para o desenvolvimento das atividades, ou serem ineficazes ou perturbadoras. Em várias situações observa-se também a existência de prescrições contraditórias: por exemplo, seguir determinadas normas de segurança e simultaneamente dar conta da tarefa em um tempo exíguo. (BRITO, 2006, p. 287).

As tecnologias de comunicação e de informação, infelizmente não tem contribuído para acabar com a precariedade do trabalho. Ao contrário, reforça a divisão entre concepção e execução do trabalho, desqualifica e simplifica o trabalho, explora ao máximo a subjetividade de homens e mulheres e propicia danos psicológicos e físicos aos trabalhadores. Como afirma o sociólogo Ruy Braga (2009), o que vemos é: “a miséria do trabalho informacional autêntico com a prosperidade do trabalho informacional idealizado (p. 65).

### 4.3 EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE

Um dos maiores desafios da Educação do século 21, sem dúvida, é aprender a viver com os outros e com suas diferenças (DELORS *et al*, 1996) e o desafio que se faz presente é que a inclusão digital aconteça respeitando as limitações do outro. Nesta perspectiva, o movimento da inclusão digital na terceira idade é de capital importância.

Segundo Pacievitch (2012), o termo inclusão digital pode ser considerado como a tentativa de garantir que todas as pessoas tenham acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC) que teve início no final do século XX devido à existência de um movimento mundial: a inserção na sociedade da informação. Segundo Silva *et al.* (2005, p. 32), “houve uma “corrida” para a construção de políticas nacionais, cujas propostas foram formuladas, em cada país, em vastos e abrangentes documentos governamentais”. Segundo Silva *et al.* (2005), o Brasil também empreendeu esse esforço de discussão, promovido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), que envolveu os quatro setores da sociedade – governamental, privado, acadêmico, e o terceiro setor – além de pessoas vinculadas a outros países e organizações internacionais. Isto se constituiu em verdadeiro desafio – em termos do estabelecimento do conteúdo e da necessidade de envolvimento de toda a sociedade brasileira – na construção de diretrizes para o estabelecimento. Razão pela qual é importante que os idosos superem suas dificuldades ao passarem pelo projeto de inclusão digital e como resultado, obtenham o domínio e a familiarização com a informática e tecnologia.

Além disso, é importante destacar que a capacidade de utilizar a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) habilita o grupo dos idosos na inclusão digital e social a estabelecerem uma interação natural nas trocas de informações com os parentes e amigos. Por isso, a promoção de projetos de Inclusão é de extrema importância não só para os idosos, para os professores voluntários, mas como também para evolução educacional do Brasil, pois conhecimento é o futuro, é vida, é cultura, é a evolução para um país melhor (DIEGOBINI, 2019).

Pesquisadores como Kachar (2001), Sá (1999), Novaes (1999) e Pasqualotti e Both (2008) apontam que os caminhos da inclusão digital para o público idoso vão muito além do ensino da informática ou da internet, existindo uma relação de educação e saúde de via de mão dupla, na qual os resultados contrastam com a realidade indicando resultados favoráveis, em que esse processo contribui para um envelhecer mais saudável. Porém, não é o que mostra uma

pesquisa realizada pelo Serviço Social do Comércio (SESC)<sup>15</sup> da cidade de São Paulo realizada de janeiro a março de 2020 onde aponta que os idosos se sentem excluídos no mundo digital e possuem muita dificuldade em ler e escrever. O estudo mostra que os idosos continuam apartados do mundo digital. Apesar do aumento dos maiores de 60 anos que disseram ter conhecimento sobre o termo internet (63% em 2006 e 81% em 2020), apenas 19% dos idosos fazem uso efetivo da rede. Segundo a pesquisa, 72% da população da terceira idade nunca utilizou um aplicativo e 62% nunca utilizou redes sociais.

Kachar (2001) aponta que a tecnologia amplia o acesso à informação, à qualidade de veiculação e à recepção em diferentes níveis de mídia. A facilidade e rapidez que esse recurso proporciona às informações relativiza a questão do tempo e do espaço, bem como interfere nas relações e nos comportamentos de seus usuários.

Pasqualotti e Both, (2008) afirmam que a inclusão do idoso no mundo digital configura-se como uma ferramenta de estreitamento entre as gerações e de participação nas novas formas de relações sociais. Nesse contexto, a socialização do idoso no universo digital possibilita melhor qualidade de vida aos idosos, gerando um sentimento de satisfação e vínculo nas relações.

Delors *et al.* (1996), ao tratar das novas tecnologias, pondera que, pela sociedade contemporânea viver a era da Informação, a utilização das tecnologias digitais dá ao idoso menor sentimento de exclusão social. Entretanto, chama a atenção que o mesmo avanço tecnológico que promove melhorias para a população, também pode propiciar uma forma de exclusão, a exclusão digital, para aqueles que não têm condições de acesso, seja econômica, educacional ou etária.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

É intensa a relação das considerações da subjetividade no uso das tecnologias no contexto das relações de trabalho.

Na perspectiva de Gonzáles Rey (2005), a subjetividade não é algo internalizado no indivíduo. Não se trata de algo que vem do externo e que passe para o lado de dentro do sujeito. Para ele, a subjetividade não aparece somente no nível individual. Neste sentido, a cultura na qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo gerador de subjetividade. Gonzalez Rey (2005), evidencia a necessidade de transição

---

<sup>15</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/pesquisa-mostra-exclusao-de-idosos-do-mundo-digital-e-da-escrita>

da visão mecanicista de que a cultura, o sujeito e a subjetividade são fenômenos diferentes que se relacionam. O autor aponta que é urgente vê-los como fenômenos que, mesmo não sendo idênticos, se integram como momentos de avaliação da ecologia humana em suma relação de compreensão.

O conceito elucidado por Gonzales Rey (2005) compreende a subjetividade como

(...) um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Essa visão da subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa a forma essencial dos processos de subjetivação” (GONZALES REY, 2005, p. 09).

Gonzales Rey (2005) parte de uma concepção de subjetividade a partir da compreensão histórico-cultural do homem. Essa abordagem tem como foco de destaque a compreensão da unidade dialética entre indivíduo e sociedade, entendida como sistema complexo, estando os dois contidos um no outro em um processo que atravessa as formas atuais de organização, tanto do social como do individual.

O conceito de subjetividade trazido por Ewald e Soares (2007, p. 35), descreve sua origem grega, traduzida para o latim *subiectum*, sendo traduzida como “a noção do que é fundamental e que permanece subjacente”. Ewald e Soares (2007) citam Merleau-Ponty (1962) para esclarecer esse conceito, mostrando a subjetividade como o entendimento dos extremos do homem em sua consciência individual e o pensamento geral, sendo a razão da identidade social e individual. Ainda com a contribuição dos autores citados, é “a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo” (EWALD; SOARES, 2007, p. 35). A construção da subjetividade pode ser entendida a partir das representações das vivências e experiências de um sujeito

[...] individual e socialmente construída, é determinada e determinante das ressignificações e dos sentidos de ação, ao mesmo tempo em que é instituída e instituinte dessas ressignificações. Ela é definida pela dinâmica existente entre biografia e a história, mediada pela noção de experiência (CARDOSO, 2007, p. 34).

Relacionando a subjetividade ao conceito do trabalho nos deparamos com o sequestro da subjetividade do sujeito trabalhador.

Segundo Faria e Meneghetti, (2007), o processo de sequestro da subjetividade é aquele em que o sujeito passa a dedicar mais que apenas a força de trabalho. É tido como uma forma camuflada de controle que as empresas adotam sobre os seus trabalhadores. Isso ocorre de

forma planejada e é executado através de programas direcionados pela área de gestão de pessoas dessas empresas. Com a proposta de motivar e incentivar esse trabalhador ao seu desenvolvimento e autonomia, aos poucos as empresas se apropriam de todo o tempo desse trabalhador.

O sequestro da subjetividade por parte da organização consiste no fato desta apropriar-se, planejadamente, através de programas na área de gestão de pessoas, e de forma sub-reptícia, furtiva, às ocultas, da concepção de realidade que integra o domínio das atividades psíquicas, emocionais e afetivas dos sujeitos individuais ou coletivos que a compõem (trabalhadores, empregados). Estas atividades formam a base da percepção e da representação que permite aos sujeitos interpretar o concreto pela via do pensamento e tomar atitudes (agir). O sequestro da percepção e da elaboração subjetiva priva os sujeitos de sua liberdade de se apropriar da realidade e de elaborar, organizar e sistematizar seu próprio saber, ficando à mercê dos saberes e valores produzidos e alimentados pela organização sequestradora (FARIA; MENEGETTI, 2007, p.50).

Essa situação tem sido exacerbada pelas transformações no cotidiano dos sujeitos proporcionadas pelo aparecimento de dispositivos como os celulares com funções que dão acesso à internet ou os sistemas de teleconferência via computadores móveis com câmeras acopladas, fazendo com que muitos profissionais sejam exigidos a ficar “conectados” em tempo integral com o seu trabalho. Isso tem provocado o crescimento das tarefas a eles atribuídas, o que, aliados ao prolongamento das jornadas de trabalho, ao acesso e compartilhamento de informações, tudo proporcionado pela tecnologia inserida nos processos, ocupa, cada vez mais, a disponibilidade do trabalhador. Ou seja, quanto mais tecnologia, mais disponibilidade do operário a empresa terá e mais apropriação de sua subjetividade ocorrerá.

Essa estratégia empresarial, entretanto, conforme Schwartz e Durrive (2007), mascara o sofrimento e opressão causados pelas ações do trabalho na busca frenética por resultados, visto a alta competitividade de mercado. Para eles,

(...) no trabalho temos a tendência a só ver o prescrito. Ele está formalizado nos livros sobre organização, ele pode ser afixado num mural, ser objeto de esquemas, modelos, razões. Ele é registrado, é visível, pode ser verbalizado. Por outro lado, tudo o que é da ordem do real é dificilmente visto e expresso. Quantos trabalhadores dizem ‘eu estou acostumado’, e não conseguem verbalizar sua maneira de fazer! A atividade é tão enigmática”. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, p. 71).

De acordo com Mattoso (2000), o progresso técnico pode ser ao mesmo tempo fonte de crescimento e, portanto, de empregos, e origem da elevação da produtividade, que permitiria a supressão de postos de trabalho. Mas a inovação tecnológica e a elevação da produtividade, ao mesmo tempo que destruiriam produtos, empresas, atividades econômicas e empregos, também

poderiam criar produtos, novas empresas, novos setores e atividades econômicas e, portanto, novos empregos. Assim, do ponto de vista do mundo do trabalho, o progresso técnico (e seu ritmo) favorece a aceleração das transformações qualitativas do trabalho como a mudança da divisão técnica do trabalho, da organização do trabalho, das qualificações, assim como da distribuição setorial do emprego (nascimento, expansão e declínio das atividades econômicas), o que faz com que aspectos relativos ao trabalho do idoso sejam um reflexo dessa nova realidade.

## 5 O IDOSO

Segundo a legislação brasileira, a lei nº 10.741/03 define idoso como a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos. O artigo 1º desta lei é destinado a especificar os direitos assegurados a estas pessoas, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), por sua vez, define o idoso como aquela pessoa com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. É importante reconhecer que segundo a Organização Mundial da Saúde (2005), a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento.

Dias (2007) relata que envelhecer é um processo multifatorial e subjetivo, ou seja, cada indivíduo tem sua maneira própria de envelhecer. Sendo assim o processo de envelhecimento é um conjunto de fatores que vai além do fato de ter mais de 60 anos. Nesta fala o autor justifica que fatores físicos, econômicos e sociais interferem no processo do envelhecimento e que são encarados de formas diferentes pelos idosos, alguns buscam retornar aos bancos escolares no intuito de reintegração e inserção e minimizar com isso o sentimento de exclusão.

### 5.1 O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA

É notável o crescimento da população idosa no Brasil e no mundo. Segundo Ramos *et al.* (1993, p.01)

(...) o Brasil, à semelhança dos demais países latino-americanos, está passando por um processo de envelhecimento populacional rápido e intenso. Artigo publicado pelo site El Pais<sup>16</sup> em outubro de 2020, aponta que de 6,3% da população total, em 1980, as pessoas com 60 anos ou mais passarão a representar 14%, em 2.025 - em números absolutos uma das maiores populações de idosos do mundo. (RAMOS *et al.* 1993, p.01)

Dados desse mesmo artigo apontam que nos países da América Latina<sup>17</sup> os idosos com mais de sessenta anos representam em média 13% da população, sendo que Barbados e Uruguai estão perto de 20%. Estima-se que em 2050, 27,5% da população desse território terá

<sup>16</sup> <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-28/a-velhice-quer-ser-bela-na-america-latina.html> / acesso\_em 30 de janeiro de 2022.

<sup>17</sup> A região engloba 20 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

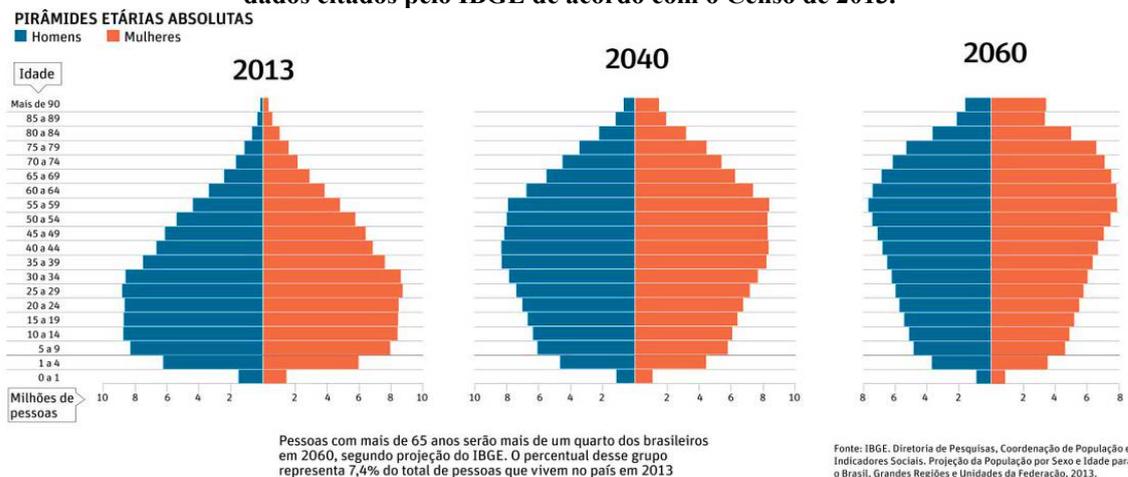
mais de 60 anos, o que representa um em cada quatro habitantes. E em mais 40 anos, em 2090, a América Latina se destacará como sendo a região com a população mais velha do mundo, pois estima-se que 36% de sua população terá mais de 60 anos, de acordo com as projeções da população mundial feitas pelas Nações Unidas.

O Brasil, os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) baseados no Censo Demográfico de 2013 revelam que a Terceira Idade no Brasil cresceu cerca de onze vezes nos últimos 60 anos, passando de 1,7 milhões para 14,9 milhões de pessoas nesta faixa etária. Em 2025 serão 64 milhões e em 2050, um em cada três brasileiros será idoso.

O menor número de filhos, tendência registrada desde a década de 1970, é explicado, também, pelo adiamento da maternidade. Em 2013, as brasileiras tinham o primeiro filho aos 26,9 anos, em média; em 2030, ele virá quase três anos depois, aos 29,3 anos (IBGE, 2012). O IBGE estima que a população brasileira cresça pelos próximos 29 anos, até 2047, quando deverá atingir 233,2 milhões. Nos anos seguintes, a população cairá, até chegar a 228,3 milhões em 2060. A redução da taxa de fecundidade, a gravidez tardia são alguns dos motivos e a expectativa de vida será de 81 anos. O contrário ocorre na população de crianças de até 14 anos, que atualmente representa 21,3% do total e que em 2060 representará 14,7%.

Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) baseados no Censo Demográfico de 2013 revelam que a Terceira Idade no Brasil cresceu cerca de onze vezes nos últimos 60 anos, passando de 1,7 milhões para 14,9 milhões de pessoas nesta faixa etária. Em 2025 serão 64 milhões e em 2050, um em cada três brasileiros será idoso.

**Figura 5 - Projeção da população por sexo e idade para o Brasil para os próximos anos, conforme os dados citados pelo IBGE de acordo com o Censo de 2013.**



**Fonte: IBGE Censo de 2013.**

De acordo com esses dados, as mulheres continuarão vivendo mais do que os homens. Em 2060, a expectativa de vida delas será de 84,4 anos, contra 78,03 dos homens.

Hoje, elas vivem, em média, até os 78,5 anos, enquanto eles, até os 71,5 anos. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade (BRASIL, 2003).

O maior crescente de idosos em nossa população mundial deve nos fazer repensar o nosso mundo em que vivemos. Atualmente o mundo, visa prioritariamente o ensino, o crescimento, de jovens e adultos, desconsiderando em sua maioria o idoso. Considera-se que o crescimento da população idosa está ligado, diretamente, aos avanços da medicina e a melhoria da qualidade de vida que contribuíram para o aumento da expectativa de vida da população.

No contexto da sociedade industrial capitalista, a velhice tem ficado à margem dos interesses produtivos. O idoso tem sido rejeitado e somente aqueles com prestígio social e de classes favorecidas podem se esquivar da marginalidade social através de seus bens acumulados.

O idoso passa a ser considerado um ser inválido perante a sociedade, e quando deseja voltar a exercer uma ocupação remunerada, precisa competir com concorrentes mais jovens, com mais disposição e com maior qualificação. Ignorar o idoso no mundo do trabalho passa a ser natural para as empresas e para os jovens que disputam as oportunidades. Infelizmente é uma realidade presente na sociedade capitalista em que a mão de obra produtiva é moeda de troca latente.

Sua produtividade não é mais a mesma, seu conhecimento é considerado ultrapassado, já que não frequenta a escola e considera-se que não se atualiza, o que facilita tornar-se depressivo e sem força de vontade de continuar a sua vida. Segundo Goldstein (1999) a temática provocou uma preocupação generalizada em diversos segmentos profissionais e educacionais fazendo com que, nos últimos anos, proliferassem no Brasil e no mundo os programas e associações destinados aos idosos, como o movimento dos aposentados, os movimentos assistenciais e os socioculturais. Porém os idosos ainda em muitos casos sofrem com o desafeto dos jovens que em algumas situações, ainda possuem ao seu favor, a proteção da lei, lhe garante a permanência ou até mesmo a necessidade de contratá-lo para vagas de empresas, fato que desagrade muitos jovens devido ao fato de se pensar que o idoso pode estar roubando oportunidades para eles.

Na atualidade pode-se dizer que na medida que cresce a população idosa no Brasil, aumentam as demandas nas áreas de prestação de serviços, pesquisa e políticas públicas, abrindo-se novos espaços ocupacionais. Do profissional especializado em gerontologia espera-

se que responda com competência teórica e prática aos desafios do envelhecimento individual e populacional. Consequentemente, é necessário que se invista na formação de recursos humanos. Os profissionais têm um importante papel na realização de pesquisas sobre as características dos idosos, na busca dos determinantes do envelhecer bem e, principalmente, na divulgação dos conhecimentos acerca das ações que previnem o desajustamento, a doença, a incapacidade.

As necessidades evolutivas dos idosos requerem um foco não apenas sobre declínio e mudança, como também sobre a manutenção do controle de sua vida. Ao se perceber este fato, deve-se propiciar aos idosos a melhor forma de alcançarem os quesitos básicos para sua vida, a fim de propiciar a melhor qualidade de vida possível para que possam continuar desfrutando de suas habilidades e podendo realizar suas necessidades.

Nas várias práticas da saúde e tecnológica, percebe-se a intenção de se propiciar mais as questões descritas acima aos idosos. Aos poucos, cresce o investimento na área educativa, a inserção em maior número nas escolas regulares, do ensino de jovens e adultos (EJA) o que propicia a reinserção de idosos aos estudos, mesmo para os que jamais haviam estudado ou até mesmo para os que pararam por motivos diversos.

Ainda segundo Neri e Jorge (2006, p.01) quando a presença dos idosos na sociedade torna-se mais notada, não somente por causa do seu aumento numérico, mas também porque a melhora relativa do nível de vida de parte deles faz com que tenham mais visibilidade social e que passem a demandar mais por serviços especializados, as profissões e as instituições sociais tendem a começar a desenvolver ou a consolidar formas de atender a essa clientela e a reconhecer que é importante resguardar e investir na boa qualidade de vida na velhice, em favor da saúde econômica da própria sociedade.

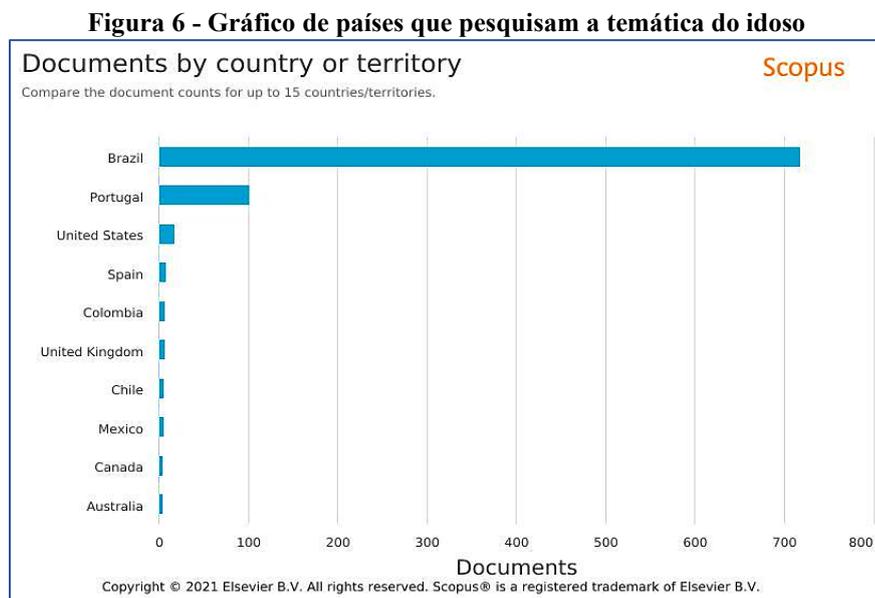
A notoriedade do idoso na sociedade segundo o autor, tem sua especificidade descrita por Mercadante, Goldfarb e Lodovici (2007, p.02) quando citam que o idoso, especialmente a partir da década de 1980, em nosso país, vem-se colocando como um ator político cada vez mais visível. Verifica-se que 13% de nossos eleitores estão acima de 60 anos, embora nem todo esse percentual participe do processo político, dado que o voto é obrigatório apenas até os 70 anos. Essa situação redefine a posição do idoso na família, no âmbito social, no processo educativo e na mídia.

## 5.2 PESQUISAS RELACIONADAS À TEMÁTICA DO IDOSO

As questões ligadas ao envelhecer e ao idoso vêm sendo pesquisadas há algum tempo em âmbitos diversos. Um breve resumo do estado atual das pesquisas internacionais a respeito publicadas demonstra a intensidade dessa preocupação. A opção por tomar a base de dados Scopus foi tomada por ser ela uma base de dados bibliográfica de resumos e citações de artigos de revistas científicas, que concentra mais de 24.500 títulos em série (periódicos, conferências, séries de livros de pesquisa) de mais de 5.000 editoras em 140 países, resultado de pesquisas científicas e que são revisados por pares nas áreas de ciência, tecnologia, medicina e ciências sociais, incluindo Artes e Humanidades.

O procedimento de busca na base de dados foi estabelecido tomando como referência a palavra-chave: Idoso, com a finalidade de identificar os países que mais pesquisam sobre o assunto e a partir de que ano se inicia o interesse na área, que tipo de documentos são produzidos e em que áreas de pesquisa.

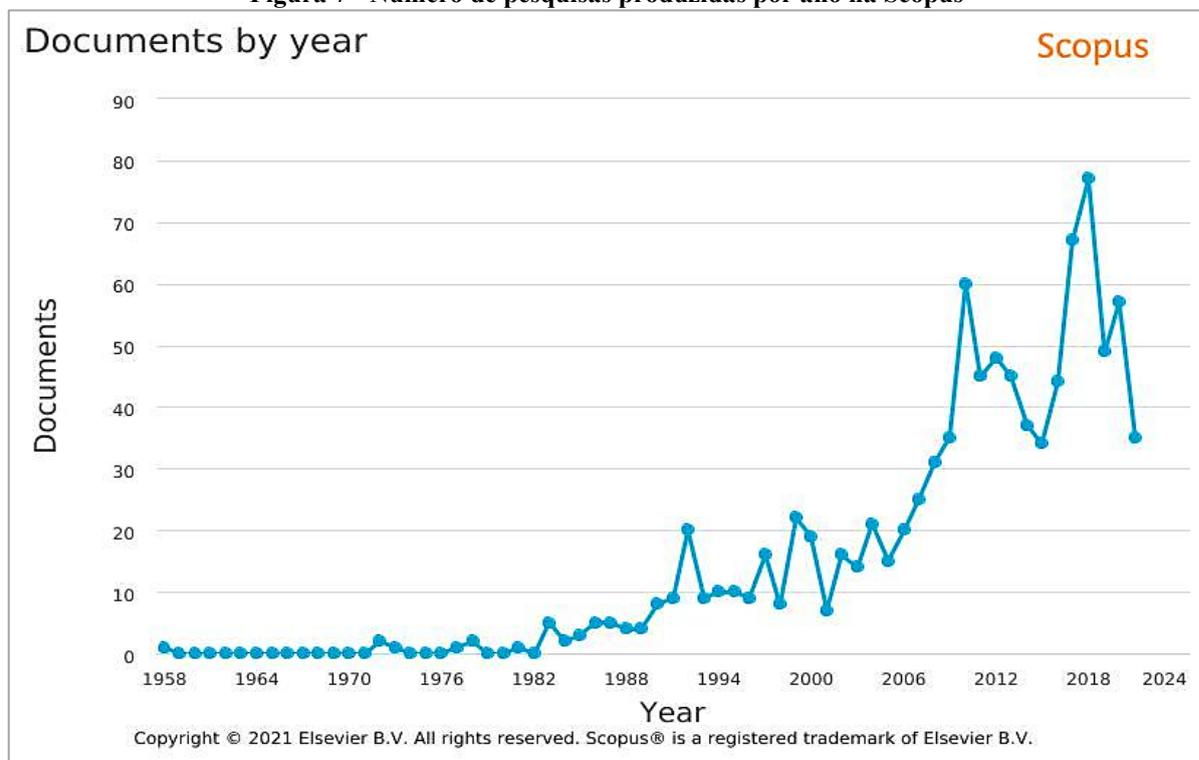
O Brasil se destaca por ser o país com mais produções científicas, seguido por Portugal e Estados Unidos, e com muito pouco nos demais países. É importante destacar que o tema do idoso não tem sido muito estudado, o que dá relevância nesta pesquisa. Toda pesquisa requer investimentos intelectuais, financeiros e interesse das políticas públicas. O Brasil, mesmo adiantado em pesquisas considerando os demais países, necessita de investimentos e políticas públicas que apoiem a pesquisa para que melhorias indicadas pelos dados apresentados nas buscas possam ser consolidadas.



Fonte: Plataforma Scopus

Na categoria número de pesquisas produzidas por ano na Scopus, afirma-se que foi no ano de 1958 que se realizou o primeiro trabalho, daí foi só até o ano de 1971. É a partir de 1983 que se apresenta outra pesquisa e se dá continuidade em estudar o tema envolvendo outras áreas de estudo e até que no ano de 2017 que se tem a maior produção, porém, ainda com uma diminuição nos anos seguintes. Fomentar as pesquisas pela temática trará resultados que poderão ser consolidados por meio de políticas públicas na área de saúde, bem-estar, lazer, empregabilidade, acessibilidade, assistência previdenciária e outros aspectos voltadas a melhoria dessa população que cresce consideravelmente e não poderá ficar na invisibilidade

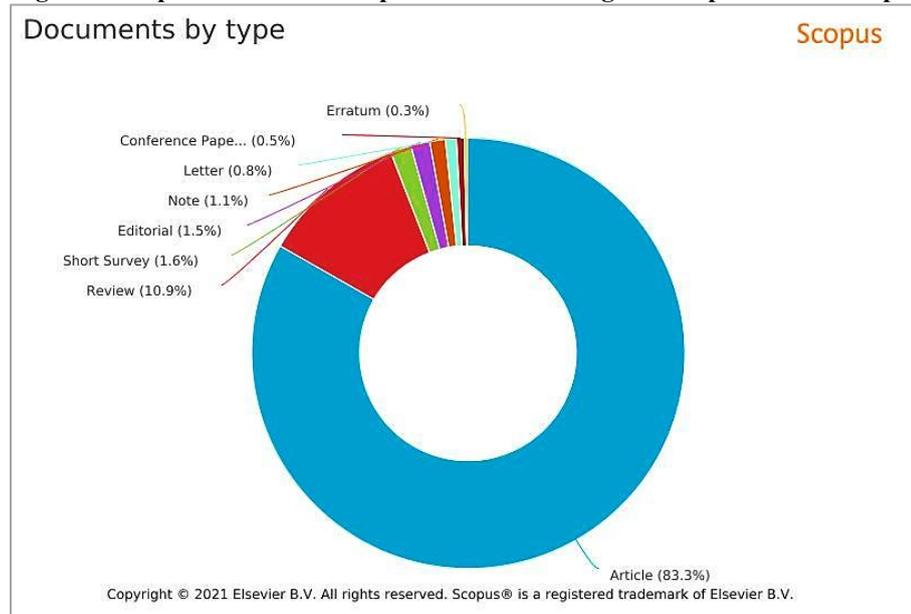
**Figura 7 - Número de pesquisas produzidas por ano na Scopus**



**Fonte: Plataforma Scopus**

Com relação aos tipos de documentos que mais tratam o tema do Idoso, encontra-se a predominância de artigos científicos, forma de apresentar os resultados de pesquisas como teses e dissertações.

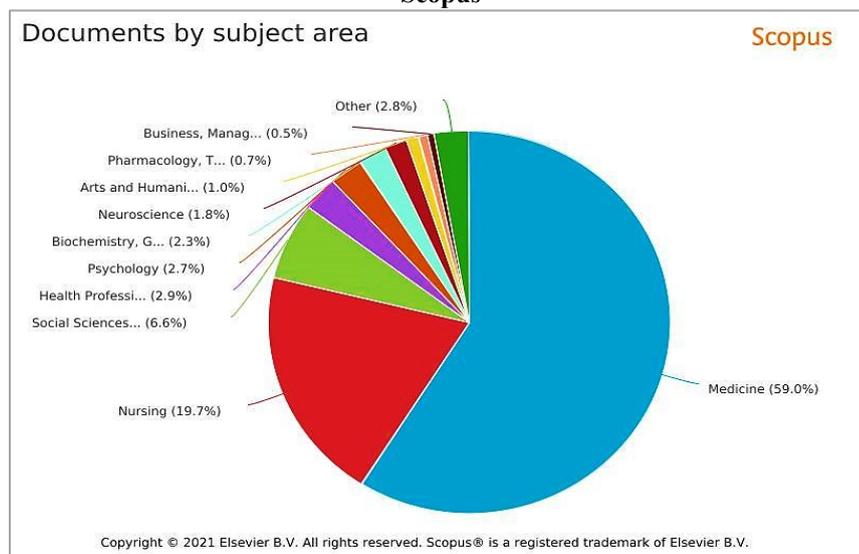
**Figura 8 - Tipos de documentos produzidos e catalogados na plataforma Scopus**



**Fonte: Plataforma Scopus**

Com respeito às áreas de conhecimento científico que estudam a temática sobre o idoso, Medicina e Enfermagem são as dominantes, e ambas somam mais de 80%, com relação às outras áreas de estudo. É importante também assinalar que a área das Ciências Sociais só representa 6,6% do total das pesquisas, o que novamente dá relevância ao presente estudo. O idoso é um sujeito social e isso precisa ficar evidenciado, pois continua atuando economicamente e está ativo no mundo do trabalho.

**Figura 9 - Áreas de conhecimento científico que estudam a temática do idoso segundo a plataforma Scopus**



**Fonte: Plataforma Scopus**

A análise destes dados mostra a pertinência em pesquisar o idoso, a crescente população que se apresenta demandará melhoria na qualidade de serviços, nas ocupações dos postos de trabalho, do preparo diante das tecnologias e da inclusão social. É importante localizar e analisar a produção científica sobre envelhecimento e qualidade de vida, com o objetivo de verificar como o assunto tem sido estudado nas diferentes áreas de conhecimento, uma vez que o tema é interdisciplinar.

As revistas científicas são consideradas o melhor suporte para a comunicação do conhecimento das diversas áreas, por meio dos artigos que são publicados após a avaliação rigorosa dos pares (POBLACIÓN, *et al.* 2011). A produção científica é um processo contínuo, dinâmico, que envolve a descoberta e a alteração do conhecimento, a comprovação de modelos e teorias e está sempre em fase de ampliação, comprovação e reformulação. Busca, acima de tudo, partilhar seus resultados com a comunidade científica e a sociedade, como forma de democratização do conhecimento (WITTER, 1996). Nas universidades brasileiras, especificamente, a produção científica concentra-se mais nos cursos de mestrado e doutorado, restringindo-se à Pós-Graduação *Stricto-Sensu* (WITTER, 1996).

Cabe ressaltar, entretanto, que a publicação dos conhecimentos gerados pelas diferentes áreas do saber deve sempre ser feita em suportes científicos confiáveis, a fim de se construírem bases de dados sólidas e de real utilidade para toda a população.

### 5.3 AS LEIS DE PROTEÇÃO AO IDOSO

O Artigo 25 da *Carta de Direitos Fundamentais da UE*<sup>18</sup> dispõe que "A União reconhece e respeita os direitos dos idosos de viver uma vida digna e independente e de participar da vida social e cultural". Porém não fica claro o que se entende por uma vida independente. As condições de pobreza em que os idosos vivem não apresentam uma condição digna e mesmo alguns governos atendendo a alguns direitos como seguridade social e fornecendo assistência médica de forma gratuita ou subsidiada, a população idosa apresenta números bem inferiores aos jovens e adultos.

A preocupação futura destes países que adotaram sistemas de saúde universal é o peso de uma população crescente que está envelhecendo e como se sustentará no futuro. Ainda de acordo com o artigo, outro problema apontado é a queda da renda dos pensionistas nos Estados

---

<sup>18</sup> A Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia é um documento que contém disposições sobre os direitos humanos, proclamada solenemente pelo Parlamento Europeu, pelo Conselho da União Europeia e pela Comissão Europeia em 7 de dezembro de 2000.

membros no futuro por causa do crescimento da população idosa e as pressões que isso exercerá sobre o sistema de pensões.

O artigo aponta que de acordo com as estimativas, projeta-se um aumento nos gastos públicos relacionados à idade (pensões, saúde e cuidados de longo prazo), de 4,1 pontos percentuais, subindo para aproximadamente 29% do PIB entre 2010 e 2060. A projeção de aumento de gastos públicos com pensões, tomadas isoladamente, é de 1,5%, atingindo quase 13% do PIB até 2060.

Conforme informação apontada pelo artigo em que atualmente, muitos destes cuidados de saúde são oferecidos pela própria família do idoso e de maneira informal, porém, essa disponibilidade de assistência informal tende a se reduzir, tendo em vista as mudanças sociais e políticas na UE, como, por exemplo, a maior participação das mulheres na força de trabalho, as transformações das estruturas familiares e o aumento da mobilidade, impulsionando a promoção de uma nova ética do cuidado na UE.

Será preciso que a UE desenvolva instrumentos institucionais capazes de proporcionar o amparo necessário quanto ao cuidado dessa população que estará envelhecida no futuro. A transparência desses cuidados exige uma política voltada a discutir as necessidades e os interesses dessa população.

Para o idoso latino-americano, de acordo com o artigo de Ansiliero e Costanzi (2008), a América Latina atualmente possui profundas deficiências em termos de proteção social dos idosos e, dadas as tendências demográficas e de estrutura familiar, esse quadro pode-se agravar ainda mais.

O cenário torna-se ainda mais preocupante tendo em vista que a globalização financeira, caracterizada por capitais especulativos em busca de ganhos rápidos e elevados, associada a uma inadequada regulamentação, acabou gerando uma crise financeira internacional que criou riscos à seguridade social em países da América Latina, os quais realizaram reformas liberais que transformaram regimes de repartição pública em regimes de capitalização de contas individuais, ou combinaram ambos os regimes, como Chile, Colômbia e Argentina – embora este último tenha recentemente voltado à repartição pública.

A elevada pobreza, seja estrutural ou resultante da instabilidade econômica e social das últimas décadas, é outro obstáculo ao incremento da proteção social por meio de programas contributivos na América Latina. Além de cobrar a contribuição dos que são capazes de fazê-la, uma política que tenha por objetivo aumentar a cobertura da proteção social demandará novas formas de financiamento para tal.

Em se tratando do idoso brasileiro, desde 1995 o governo mostra preocupações com a dinâmica populacional e suas consequências para o desenvolvimento econômico. O primeiro passo para estudar e mapear as alterações da pirâmide populacional e outras modificações no quadro demográfico do país foi a criação, naquele ano, da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), cuja primeira presidente foi a demógrafa e professora Elza Berquó. Neste momento, o governo brasileiro demonstrou, embora de forma incipiente, interesse no estudo do envelhecimento populacional entre outros desafios demográficos: “(...) ainda que minoritário, o crescimento da população idosa requer adequação do aparato médico-hospitalar e recursos da seguridade social” (BERQUÓ, 1998, p. XX).

Entretanto, apenas em 2006 o governo brasileiro ampliou sua percepção de que a produção acadêmica sobre o envelhecimento da população caminha em ritmo aquém da urgência das necessidades apresentadas pela evolução do ambiente demográfico. O Ministério da Educação constituiu, assim, uma comissão Especial no âmbito da Secretaria de Ensino Superior (Sesu/MEC) para acompanhar e incentivar a produção acadêmica sobre envelhecimento populacional, elaborar diretrizes e propor políticas de formação de profissionais aptos a tratar da questão<sup>19</sup>.

Como objetivo dessa Comissão foi estabelecido, sobretudo, mobilizar a comunidade universitária e despertá-la para o tema, como forma de ampliar o caráter multidisciplinar do assunto, entendido, até agora, como excessivamente restrito à área da Saúde, mas que requer participação nos currículos de várias faculdades, principalmente, a de Economia. Este esforço de incentivar o estudo do envelhecimento em outras áreas é explicado pelo conceito de envelhecimento ativo da OMS que estabelece como saudável apenas o idoso capaz de manter-se apto a várias funções do cotidiano, logo independente e produtivo e este estágio, no entendimento da OMS, apenas pode ser atingido com a autonomia garantida por outras áreas do conhecimento e da ciência como educação, economia, meio-ambiente, arquitetura, ou seja, muito além do quadro médico.

Paralelo ao aumento de idosos empregados a quantidade de leis relativas a estes profissionais reflete a preocupação governamental. A primeira delas é a lei 9.029 de 1995, que proíbe qualquer prática discriminatória tanto no processo de admissão quanto na permanência de um funcionário na empresa.

---

<sup>19</sup> Diretrizes e objetivos explicitados pelo próprio MEC disponíveis no site da Sesu. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32014-secretaria-de-educacao-superior/> acesso em 30 de janeiro de 2022.

Art. 1º É proibida a adoção de qualquer prática discriminatória e limitativa para efeito de acesso à relação de trabalho, ou de sua manutenção, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, deficiência, reabilitação profissional, idade, entre outros, ressalvadas, nesse caso, as hipóteses de proteção à criança e ao adolescente previstas no inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal.

Além de proibir qualquer prática discriminatória que envolva a idade dos profissionais, essa lei também impede que haja um limite superior de idade para qualquer vaga, claro que dependendo da função que será exercida e das aptidões do candidato. Esta mesma lei afirma que em concursos públicos, caso haja um empate entre os candidatos, o fator de desempate será a idade, o que representa mais uma forma de garantir a inclusão desses profissionais.

A segunda lei, e talvez a mais importante, é a lei nº 8842/94 que estabelece a Política Nacional do Idoso (PNI) e surge para assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Ela também determina que é papel das ações governamentais garantir mecanismos que impeçam a discriminação de idosos no mundo do trabalho, além de também estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores público e privado com no mínimo dois anos antes do afastamento.

O Estatuto do Idoso (EI) surge através da lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003 alinhado à Constituição Federal de 1988, segundo a qual é dever do Estado e um direito do cidadão ter a devida proteção em seu processo de envelhecimento, como proteção à vida, à saúde de modo que possa transitar pela velhice em condições saudáveis e dignas. O idoso dispõe de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, direitos estes assegurados nos artigos 5º. a 17 da Constituição Brasileira.

O discurso apresentado pelas políticas públicas sobre o envelhecimento prevê a participação de todos os envolvidos (o idoso, a família, a sociedade e o Estado) nas discussões e ações de assistência à saúde e social, que envolvam essa temática. Percebe-se, porém que as políticas públicas não conseguem acompanhar o rápido crescimento da população idosa registrado no Brasil, principalmente nesse início do século XXI, e como consequência a distorção das responsabilidades sobre o idoso dependente, que acabam sendo assumidas por seus familiares como um problema individual ou familiar, devido à ausência ou precariedade do suporte do Estado.

Com a finalidade de assegurar os direitos da população mais experiente, a legislação tratou de trazer em seu conteúdo que o exercício de atividade profissional deve respeitar as condições físicas, intelectuais e psíquicas do trabalhador idoso, ou seja, o empregado idoso jamais poderá ser discriminado em razão de sua condição, sendo possível neste caso, a

proposição de uma ação de indenização, com pedido de danos morais contra aquele que o desrespeitar por conta destas características.

Com relação à idade, importante destacar que, ao admitir um idoso, este diploma legal, em seu artigo 27, proíbe a fixação de idade máxima. Inclusive, destaca-se que constitui crime negar a alguém qualquer cargo ou emprego por motivo de idade, sendo este punível com reclusão de seis meses a um ano, sem prejuízo da imposição de multa.

Não é diferente com os concursos públicos. Estes também não poderão fixar limite máximo de idade, exceto em casos específicos em que o cargo traz uma exigência intrínseca de necessidade. Entretanto, para reforçar a ideia de que a experiência de vida é algo a se considerar, o Estatuto do Idoso impõe que o primeiro critério de desempate dos concursos deve ser a idade, preferindo-se sempre o mais velho.

Infelizmente não resolve termos uma legislação que impõe sanções à sociedade se esta não proporcionar acesso e profissionalização aos beneficiados. Desta forma, o Estatuto também prevê que o Poder Público deve estimular programas de profissionalização e estímulo às empresas privadas para a admissão de idosos. Dados do IBGE projetam que de 2016 a 2030 haverá um crescimento de 6,5% da população idosa, sendo que de 2016 a 2060, o crescimento será de 21%. Nesse sentido, ainda que atualmente encontrem-se poucos incentivos efetivos para a contratação de idosos, tais dados demonstram que estas medidas se fazem emergenciais e que o Estatuto do Idoso (EI) precisará sair do papel para que as empresas privadas comecem, de fato, a contratar pessoas com mais de 60 anos.

Segundo a Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED)<sup>20</sup> o país passa por um momento em que o desemprego é muito grande e a absorção de mão de obra acima de 50 anos torna-se cada vez mais difícil. Em 2012, esperava-se que os consumidores com 60 anos ou mais movimentem cerca de R\$ 402,3 bilhões. Esse valor é 45% maior do que há cinco anos, quando movimentaram R\$ 219 bilhões (IBGE, 2010).

Nota-se, assim, que esse envelhecimento já tem reflexos na economia nacional, aumentando o potencial de consumidores e despertando o empreendedorismo para novos negócios focados nesse público-alvo.

---

<sup>20</sup> <http://www.abed.org.br/> acesso em 30 de janeiro de 2022.

#### 5.4 O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA O IDOSO

Atualmente pode-se dizer que um dos aspectos da sociedade mais discutidos pelos estudiosos das questões demográficas brasileiras é o progressivo envelhecimento da população. Com o crescimento expressivo e contínuo do número de cidadãos com idade acima dos 60 anos, a sociedade se vê diante de uma distribuição etária jamais vivenciada até então (CARVALHO, 2009).

Para Carvalho (2009) o significado do trabalho pode sofrer modificações dependendo da educação e do processo de socialização do indivíduo e, mais ainda, os valores podem ser modificados ao longo da vida pelas experiências e condições de trabalho vivenciadas e assumir dimensões significativas, de forma a possibilitar a garantia de liberdade e autonomia mesmo na velhice.

Para as pessoas idosas o trabalho alcança dimensões significativas. Além de manter-se financeiramente ou auxiliar no orçamento familiar, não deixa de ser um aspecto intangível do sentido do trabalho, visto que na medida em que o idoso pode se sustentar, tem a possibilidade de garantir sua liberdade e autonomia.

A permanência do idoso no mundo do trabalho pode se dar por prazer, por ocupar-se de uma atividade, mas também pode se dar pela necessidade da sua contribuição econômica no lar. Para Nascimento, Argimon e Lopes (2006), é comprovada a importância do trabalho na qualidade de vida dos idosos, já que influencia no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional destes. Além disso, quando o trabalho é atrelado à ideia de satisfação e realização pessoal, as possibilidades de uma sobrevivência mais digna e saudável são maiores, além de se preservar o papel social do sujeito em seu próprio meio.

Segundo Giaqueto e Soares (2010), é pelo trabalho que as necessidades humanas são satisfeitas e, ao mesmo tempo, a atividade cria nos seres humanos novas necessidades, acarretando uma relação cíclica que pode ser a causa da motivação entre o trabalho, seus significados e a permanência, mesmo depois de certa idade.

Neste sentido, de acordo com Sikota, Bretas (2012), o trabalho é compreendido como um importante instrumento de realização, contribuindo para o sentimento de utilidade e de inserção social do indivíduo. Apesar de o envelhecimento biológico ter ligação com a idade dos indivíduos, deve-se considerar todas as variáveis relacionadas ao envelhecer e não apenas a idade. As implicações da velhice podem estar atreladas ao contexto, à cultura, à época vivida e também às histórias de vida que variam de uma pessoa para a outra, não sendo possível assim,

traçar um determinante preciso sobre este conceito. Logo, não se deve pensar no envelhecimento como uma experiência homogênea. (DEBERT,1997).

As sociedades passaram a se deparar com um grande número de idosos com perfil bastante diferente de alguns anos atrás. São pessoas mais ativas, saudáveis e principalmente ainda produtivas. Coutrim (2006) afirma que as pesquisas atuais apontam que grande parte dos idosos hoje tem capacidade de trabalhar e realizam efetivamente suas atividades laborais. Independente do setor, as pessoas mais velhas que procuram um novo emprego, ganham em qualidade de vida, pois além de ganharem uma renda extra, previnem a ociosidade e aumentam a autoestima por se sentirem ativas e úteis.

O histórico pessoal e profissional de cada sujeito idoso é fundamental para entender os motivos da permanência no mundo do trabalho, pois o acúmulo de experiências ao longo da vida o estimula a continuar trabalhando. Segundo Roviada (2016), é por meio do trabalho que o indivíduo reconfigura a percepção de si e do seu ambiente, o que possibilita crescimento e desenvolvimento pessoal. Os motivos que têm prevalecido como justificativa para permanecer trabalhando ou voltar a trabalhar, tem sido a identificação com a atividade laboral, a necessidade de uma renda como um complemento essencial à aposentadoria e a noção de ser sujeito ativo da sociedade.

A reportagem de Laporta e Cavallini, de 18 de novembro de 2018<sup>21</sup> aponta que os idosos estão ampliando o seu espaço de trabalho, mas só um quarto deles com carteira assinada. A reportagem aponta que o aumento do interesse das empresas por essa mão de obra tem crescido e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bateu recorde de contratações no segundo trimestre daquele ano, mas, mesmo que este número estivesse em crescimento, apenas 26% dos contratados possuíam carteira de trabalho assinada. A maior parte ainda estava na informalidade ou em ocupações por conta própria. A faixa etária mais excluída do trabalho formal era também a que mais tinha sofrido com o fechamento de vagas com carteira assinada, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED. Em agosto daquele ano, enquanto a faixa etária até 39 anos criou mais de 140 mil vagas, 37 mil postos foram fechados para pessoas acima de 50 anos.

---

<sup>21</sup> <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2018/11/18/idosos-ampliam-espaco-no-mercado-de-trabalho-mas-so-14-tem-carteira-assinada.ghtml>/acesso 30 de janeiro de 2022.

## 5.5 O IDOSO BRASILEIRO E O MUNDO DO TRABALHO

As mudanças culturais e demográficas observadas nas sociedades ocidentais impactaram diretamente o mundo do trabalho. A redefinição do papel da mulher, a extensão da juventude e o adiamento da velhice são marcas, entre outras do mundo atual e justificam, em parte, a tendência observada de ampliação da vida produtiva remunerada dos idosos, além da premência da sobrevivência ou da manutenção do nível de vida dessa parcela da população.

O crescimento da população idosa e o aumento da expectativa de vida têm-se tornado, com frequência, temas de discussões em diversos setores da sociedade brasileira (CAMARANO; KANSO, 2016). Entre esses temas estão a inserção do idoso no mundo do trabalho e a investigação da percepção dessa parcela da população brasileira que tem interesse ou necessidade em manter-se ativa profissionalmente, mesmo após a aposentadoria, e compreender como idosos têm passado por essa experiência e quais os possíveis impactos de continuar ativo economicamente tendo a tecnologia como participante da sua rotina de trabalho, será cada vez mais necessário.

Amarilho, (2005) argumenta que as potencialidades mentais dos indivíduos de terceira idade, hoje comprovadas, merecem, portanto, ser entendidas como sinônimo da força produtiva de que são detentores.

Em 2018, pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil)<sup>22</sup> apontou que pelo menos 21% da população idosa que já se aposentou continua trabalhando e que nove em cada dez (91%) idosos acima de 60 anos contribuem financeiramente com o orçamento familiar. Destes, 43% são os principais responsáveis pelo sustento da casa.

Na questão das relações trabalhistas o Estatuto do Idoso (EI) dedica o capítulo VI à profissionalização e ao trabalho, destacando-se: O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. (BRASIL, 2013). O Estatuto ainda aborda a questão da idade limite e do serviço público:

Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir. Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada (BRASIL, 2012, art. 27).

---

<sup>22</sup> <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/11/21-dos-idosos-que-se-aposentaram-continuam-trabalhando-mostra-pesquisa.ghtml/>. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

A Constituição Federal do Brasil nos artigos 203 e 229 faz referência à velhice, no que se refere aos direitos dos idosos, assim como a Política Nacional do Idoso (PNI) (BRASIL, 1994), cujo capítulo IV sobre as ações governamentais dispõe que se deva:

- a) garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado;
- b) priorizar o atendimento do idoso nos benefícios previdenciários;
- c) criar e estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores públicos e privado com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento.

Moreira (2000) considera que a permanência do idoso no trabalho pode ser discutida por dois ângulos: o trabalho pode ser benéfico quando propicia autoestima, satisfação, sensação de produtividade, além da remuneração, e, por outro lado, pode ser prejudicial quando a única razão para se manter trabalhando é a necessidade de renda, sem qualquer outra motivação.

O trabalho tanto pode ser uma fonte de aumento da qualidade de vida (por proporcionar ao idoso a atividade, tanto física quanto intelectual), como pode ser agravante da qualidade de vida (porque quanto piores, mais dilapidadoras e degradantes as condições de trabalho, pior a qualidade de vida do trabalhador na terceira idade). O trabalho pode ser um elemento importante para gerar qualidade de vida, desde que esteja associado ao prazer (MOREIRA, 2000).

Para as pessoas idosas o trabalho assume dimensões significativas, pois, além de manter-se financeiramente ou auxiliar no orçamento familiar, estudos realizados por Both (1994) e Passerino, Bez e Pasqualotti (2006), indicaram que a aposentadoria afeta o processo do envelhecimento do sujeito idoso de modo a influenciar no seu nível de desenvolvimento cognitivo e biopsicossocial.

A permanência ou o retorno da pessoa idosa ao mundo do trabalho após a aposentadoria, tem-se dado por causas diversas: gosto pelo desenvolvimento do trabalho, necessidade de uma renda adicional, ocupação do tempo ocioso, ou vontade de permanecer ativo, o que lhe proporciona, além disto, [...] “autonomia física e mental, e maior integração social” (AZEVEDO, 2008, p. 56).

Diante disso, reputa-se como preocupante esta desvalorização da mão de obra envelhecida, tendo em vista que os estudos apontam que o número de idosos cresce no Brasil e no mundo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), até 2025, o Brasil será o sexto país com o maior número de idosos, o que sinaliza projeções futuras, configurando uma nova realidade para a qual será preciso adaptação, de forma a incluir a pessoa idosa no

mundo do trabalho, devendo, inclusive, implementar políticas públicas que atendam este cenário.

O crescimento da população idosa e o aumento da expectativa de vida é frequente discussão em diversos setores da sociedade brasileira e trazem junto uma nova realidade: o papel dos idosos na sociedade. Com o aumento da longevidade, as pessoas querem continuar a ser ativas, a fazer parte do processo produtivo, continuam consumindo e movimentando a economia atuando como economicamente ativos. O trabalho para os idosos além de constituir uma fonte de renda muitas vezes como complemento essencial à aposentadoria, é também uma forma de se manter útil, de se ocupar, uma questão de dignidade. E, portanto, se deve compreender que o envelhecimento não significa improdutividade e dependência.

A literatura nacional apresenta evidências de que a decisão de participação dos idosos no mundo do trabalho é influenciada por diversos fatores: melhor condição de saúde, sobrevida elevada, educação, manutenção dos padrões de vida e falta de impedimentos legais às atividades laborais dos aposentados (LIBERATO, 2003; CAMARANO *et al.*, 2006; QUEIROZ; RAMALHO, 2009).

A reportagem veiculada pelo site [agenciabrasil.com.br](https://agenciabrasil.com.br)<sup>23</sup> de 01 de maio de 2019 intitulada “Total de idosos no mercado de trabalho cresce; precariedade aumenta” aponta, a partir de dados de pesquisa realizada pela Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do ano de 2017, que aumentou o número de brasileiros acima dos 65 anos ou mais em vagas com carteira assinada, saindo de 484 mil em 2013 para 649,4 mil em 2017, tendo uma ampliação de 43% em quatro anos. Aponta também que, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o desemprego entre os idosos saiu de 18,5% em 2013 para 40,3% em 2018. O aumento destes dados, na opinião dos coordenadores da pesquisa, se deu pelo fato de ter mais pessoas nesta faixa etária, o que faz com que a oferta de mão de obra seja maior e por consequência aumente o desemprego. Indica a pesquisa que a razão central pelo crescimento da presença maior de idosos trabalhando é a falta de renda e a busca por meios para custear as despesas não somente da pessoa, mas da família.

Os envolvidos na pesquisa citada afirmam que esse esforço é particularmente maior em um cenário de crise econômica, como o que vem marcando o Brasil nos últimos anos. E este contexto torna ainda mais difícil a inserção das pessoas desta faixa etária, pois, quando o idoso

---

<sup>23</sup> <https://agenciabrasil.com.br/economia/noticia/2019-05/total-de-idosos-no-mercado-de-trabalho-cresce-precariade-aumenta/acesso> em 30 de janeiro de 2022.

deseja voltar ao mundo laboral precisa competir com candidatos mais jovens e com maior grau de qualificação.

Ainda na mesma pesquisa, neste cenário de crise, como consequência, os idosos acabam ocupando os postos de trabalho mais precários. Isso é confirmado por estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que, a partir de dados da PNAD, mostrou um aprofundamento da informalidade nesse segmento. As vagas com carteira assinada representavam 27,6% do total nesse grupo populacional no primeiro trimestre de 2016, índice que diminuiu para 26,6% no primeiro trimestre de 2018. Ou seja, os trabalhos por fora da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) – ou por conta própria ganharam mais espaço.

Sob a ótica previdenciária, de acordo com Carvalho (2009), quando o Sistema Previdenciário do país foi planejado, na década de 1940, a expectativa de vida do brasileiro era de 50 anos. Naquele cenário, os gastos eram baixos para o contingente de cidadãos que gozariam os benefícios previdenciários até o final da vida. Hoje, a despesa para os cofres públicos é elevada, uma vez que o número de cidadãos com idade avançada é alto e o Estado se vê diante de uma complexa equação que busca equilibrar receita e despesa do sistema previdenciário. Segundo o Fagnani (2018) a tributação brasileira está na contramão de outros países capitalistas relativamente menos desiguais.

No Brasil, a tributação é extremamente regressiva, porque incide sobre o consumo, não sobre a renda e a propriedade das classes abastadas. Não é verdade que a nossa carga tributária seja elevada, na comparação internacional. Mas é fato que temos a maior carga tributária em todo o mundo a incidir sobre o consumo, repassada aos preços das mercadorias, onde captura proporção maior da renda dos pobres e parcela menor da renda dos ricos. O Brasil é considerado o nono país mais desigual do mundo e do ponto de vista econômico, a desigualdade reforça aspectos negativos da heterogeneidade estrutural das economias subdesenvolvidas, como a ocupação em atividades de baixa produtividade e a ineficiência micro e macroeconômica, perpetuando níveis de crescimento sempre abaixo do potencial. Do ponto de vista político, a desigualdade impede que a democracia cumpra o papel de garantir a livre manifestação do contraditório das opiniões, vontades e interesses diversos. Numa democracia, os conflitos podem ser disciplinados, regrados e periodicamente resolvidos pelas eleições e pelos mecanismos participativos e deliberativos diretos que respeitam a soberania popular.

A situação previdenciária do país compromete a capacidade estatal de oferecer condições de vida dignas aos aposentados, o que o leva, mesmo que a contragosto, a não deixar de trabalhar. E essa situação pode ficar mais crítica, haja vista a aprovação da Nova Previdência

em 2019, trazendo mudanças importantes na contribuição do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) no que diz respeito às novas aposentadorias.

Entretanto, de acordo com Felix (2019), autor do livro *Economia da Longevidade*, o envelhecimento populacional vai muito além da previdência e classifica esse fenômeno como uma “integração desqualificante”, que marca tanto pessoas com mais qualificação e maior renda quanto as da base da pirâmide. No topo, os mais velhos são desligados de empregos formais e acabam assumindo consultorias ou empresas próprias, sem vínculo empregatício, desenvolvendo, muitas vezes, atividades precarizadas. Para a real e satisfatória (re)inserção dos idosos no mundo do trabalho, é necessária uma mudança de atitude em relação às pessoas mais velhas. É primordial que empregadores aprendam a ver os trabalhadores mais velhos como um ativo real, evitando qualquer tipo de discriminação, além de ajustar as condições e horas de exercício de suas atividades.

Há que se considerar que esse processo ocorre no âmbito de um sistema capitalista, tornando mais difícil a permanência ou reinserção dos idosos no mundo do trabalho, por ter sua mão de obra desvalorizada em relação à mão de obra jovem, mais bem capacitada, mais tecnicamente preparada. Já aos mais pobres sobram postos mais precários, o que os remete, segundo o autor, para atividades de menor complexidade, como motoristas autônomos ou de aplicativos, camelôs, trabalhadores de empresas terceirizadas prestadoras de serviços. Nesse contexto, ao trabalhador idoso resta trabalho com tarefas que não são as ideais para a idade dele. Entretanto, esta é a forma a que se submete este contingente menos qualificado, com menos anos de estudo.

Dados esses elementos, segundo os quais a população brasileira está envelhecendo, aliados ao fato de que também é estatisticamente representativa a quantidade de pessoas que necessitam continuar a trabalhar mesmo com mais idade, o trabalho na velhice, sob esse aspecto dual, se reveste de importância investigativa que merece ser aprofundada.

No conceito do envelhecimento ativo, o desafio de o idoso dominar as novas tecnologias do século 21 aparece como crucial para a garantia de sua independência. Peixoto e Clavairolle (2005) recusam a visão preconceituosa de que o idoso apresenta resistência ao uso de novas tecnologias e ressalta como indispensável uma política pública de inclusão digital da população idosa como forma de esta manter seu vínculo com a sociedade contemporânea que hoje se dá fortemente por meio do amplo aparato tecnológico.

## 5.6 O IDOSO E A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO

As possibilidades do nosso cotidiano estão cada vez mais na ponta dos dedos, e o celular é parte fundamental de todo esse avanço. Basta um aparelho de celular conectado a uma rede de internet que muitos negócios acontecem e a economia do país gira. É possível vender, comprar, realizar todo tipo imaginável de serviços e transações. Diante desse avanço tecnológico, as forças de trabalho precisaram se reorganizar e se enquadrar nesse novo contexto. Segundo Antunes (2020), um desses novos arranjos é a Uberização, termo derivado da plataforma de transportes Uber<sup>24</sup>, na qual a relação de trabalho acontece de forma autônoma, invisível e individual, provocando nos trabalhadores a falsa sensação de que eles são donos do seu negócio, sendo o seu próprio patrão e empreendedores. Entretanto, nesse processo, no qual o trabalhador arca com todos os prejuízos e custos da sua própria demanda de trabalho, há apenas o atendimento das necessidades do mercado capitalista.

A chamada Uberização do trabalho é integrada e utilizada como manifestações de modos de ser do trabalho que se estendem nas plataformas digitais, onde os vínculos de trabalho estão cada vez mais específicos, caracterizando a sua individualização e invisibilidade de maneira que estes trabalhadores recrutados se tornem prestadores de serviços.

Para Antunes (2020), a Uberização é como uma espécie de globalização que propaga características de sustentações da vida de trabalhadores pobres que transitam em um roteiro de inconstância e ausência de identidade profissional, transpassado por riscos e falta de suportes de proteção que poderiam de certa forma acontecer através de redes convencionais.

Para Filgueiras e Antunes (2020),

O conceito de “Uberização” como expressões de formas diferenciadas de assalariamento, comportando tanto obtenção de lucro, exploração do mais valor e também espoliação do trabalho, ao migrar os custos para seus/suas trabalhadores/as que passam a depender diretamente do financiamento de suas despesas, que são indispensáveis para a realização de seu trabalho. (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020, p. 32).

A partir da expansão das TIC, ampliaram-se os processos de precarização da força de trabalho em dimensão global, que propiciou inclusive a universalização do termo Uberização do trabalho. Floresce, então, nas plataformas digitais e nos aplicativos, um mosaico de modalidades de trabalho, como se pode presenciar nos aplicativos de transportes privados e

---

<sup>24</sup> Uber Technologies é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano. Ganhou notoriedade por desenvolver um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização e conectá-los aos usuários. O serviço está disponível em vários países e se assemelha a um serviço de táxi.

*delivery* da Uber criando um proletariado de serviços que padece das vicissitudes da chamada escravidão digital (ANTUNES, 2018).

Corroborando a discussão em torno da temática, Castro (2020) aponta que a Uberização do trabalho é um processo de precarização e partindo da atividade dos motoristas que compreendem uma parcela desta população, é possível alcançar diversos elementos convergentes que hoje constituem a precariedade, onde a atividade realizada não necessariamente é reconhecida como profissão e o tempo que dedicam à atividade pode ser permeado por outras atividades. Não há garantia de um salário-mínimo, as jornadas podem ser extensas e intensas. São trabalhadores sem vínculos empregatícios, despojados de grande parcela de direitos trabalhistas, entre outros elementos.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O traçado de uma pesquisa indica o caminho metodológico que guiará o pesquisador em sua investigação (KERLINGER, 1980). Ao ressaltar que a pesquisa científica existe com o objetivo de resolver problemas reais da sociedade, Fonseca (2002) argumenta que este é um processo que envolve sujeitos, objetos de estudo e procedimentos, tendo em vista comprovar ou refutar hipóteses, atualizar conhecimentos, descrever aspectos de uma dada realidade, ou até mesmo, explorá-la. Para a concretização dessas etapas é necessário definir-se um conjunto de procedimentos científicos com a finalidade de aproximar o pesquisador do objeto de estudo e de seus investigados.

Assim, é necessário adotar uma metodologia de trabalho, estabelecer um conjunto de técnicas e estratégias e optar por um referencial teórico que atenda a finalidade e os objetivos do estudo proposto, dado que, de acordo com Minayo (2001), a metodologia e a teoria, como concepções de abordagem, caminham juntas e são inclusive, inseparáveis.

Neste estudo a metodologia utilizada foi pautada no levantamento documental do objeto de estudo, na legislação e no Estatuto do Idoso, sendo utilizados ainda, questionários com perguntas abertas e fechadas e entrevistas semiestruturadas, ambos com a finalidade de se obter as informações pessoais necessárias para o desenvolvimento da pesquisa.

Posto que buscou-se analisar como idosos com trajetórias profissionais distintas consolidam sua identidade profissional no trabalho como motoristas de aplicativos usando recursos tecnológicos e que “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem” (CHIZZOTTI, 2013, p.13), a pesquisa desenvolvida pode ser classificada como de cunho qualitativo. Essa opção metodológica propiciou a obtenção de uma série de informações que permitiram não apenas caracterizar os participantes, mas também tomar conhecimento das suas trajetórias e experiências vividas.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa busca avaliar aspectos de realidade pela compreensão e explicação das relações sociais que não podem ser quantificadas. Para Creswell (2014), a investigação qualitativa constitui uma forma legítima de análise das ciências sociais e humanas, uma vez que aborda, em sua essência, os significados que os indivíduos emprestam às questões marcadamente sociais. Segundo a autora, seu objetivo é produzir novas informações não quantificáveis sobre a dinâmica das relações sociais.

Nesse sentido, concorda-se com os autores que afirmam que uma pesquisa qualitativa compreende o entendimento mais profundo de uma realidade (MALHOTRA; ROCHA; LAUDISIO, 2005), com o objetivo de desenvolver teorias empiricamente fundamentadas

(FLICK, 2009). Deste modo, o pesquisador procura assegurar ao leitor que o propósito da investigação não é alcançar a generalização, mas fornecer exemplos situacionais à experiência do leitor (STAKE, 2011).

Geograficamente, o universo da pesquisa ficou restrito a pessoas residentes em Curitiba e foi constituído a partir da metodologia *snowball* ou técnica “Bola de Neve”, segundo a qual os próprios entrevistados dão sugestões de novos participantes. Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam outros participantes.

Albuquerque (2009) esclarece que a forma mais confiável na aplicação de uma pesquisa em cadeias de referência é aquela que consegue coletar o máximo de informações sobre todos os membros de uma rede (*complete network design*) ou utilizar uma amostra aleatória dos participantes (*local network design*). No entanto, como esclarece a autora, muitas vezes isso não é viável ao pesquisador e, nesses casos, a técnica *snowball* (Bola de Neve) pode ser recomendada, justamente por utilizar a abordagem em cadeias.

Albuquerque (2009) lembra que em alguns estudos as “sementes” recrutam o maior número de pessoas possível; em outros, os próprios pesquisadores podem efetuar esse recrutamento, por meio de agentes que atuam em um dado campo, com conhecimento aprofundado e trânsito em uma dada comunidade (são os *outreach workers*), uma espécie de divulgadores da pesquisa e captadores de participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto tido como o ponto de saturação. O ponto de saturação é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994). Portanto, a *snowball* é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.

Neste estudo investigou-se uma categoria específica de trabalhadores, os motoristas de aplicativos, que, por suas características, pode ter também limitado o número de participantes no estudo. O uso da técnica bola-de-neve é um viés a ser considerado, pois implica em um grupo homogêneo, uma vez que o participante costuma indicar outros indivíduos com características semelhantes às dele. Logo, os resultados devem ser analisados levando-se em consideração esta limitação do estudo.

## 6.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, contou-se com a participação de um grupo de oito pessoas, homens e mulheres com idade igual ou superior a sessenta anos, que ainda se

encontravam trabalhando. A escolha por este público se deu em função da ocupação de trabalho como motorista de aplicativo; da necessidade do uso da tecnologia para o desempenho das atividades laborais; ter acima de sessenta anos; ser homem ou mulher, e da relativa facilidade com que se pode atuar como motorista de aplicativo.

Este estudo traçou o perfil dos idosos participantes, sua trajetória de vida profissional, a ligação com os artefatos tecnológicos e a sua atuação no mundo do trabalho. Como delimitação da investigação, o estudo se situa no universo de motoristas de aplicativos na cidade de Curitiba. Busca conhecer que categorias de oportunidades de trabalho estão sendo ofertadas aos idosos, entender a relação estabelecida no uso da tecnologia no ambiente de trabalho e a necessidade desta para o desempenho das suas atividades, assim como identificar a forma de como o idoso se apropria dos recursos tecnológicos para o exercício da sua função na cidade de Curitiba, aspectos que poderão desenhar o caminho e as perspectivas de trabalho que aguardam boa parte da população brasileira para os próximos anos.

## 6.2 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS

A intenção inicial era realizar a pesquisa no formato presencial, com gravação da entrevista para transcrição posterior, com agendamento da disponibilidade do pesquisado e sem um tempo pré-determinado para início e fim. Porém, devido aos acontecimentos pandêmicos vividos no ano de 2020 e que se mantiveram em 2021, com as indicações de isolamento principalmente na faixa etária escolhida<sup>25</sup>, a pesquisa realizou-se a partir de agendamento de uma entrevista realizada remotamente por meio de aplicativo e a utilização de questionário falado conforme modelo anexo.

Foi também solicitada autorização do entrevistado para a gravação da entrevista para posterior transcrição das informações conforme documentos anexos.

Para dar início ao processo, o primeiro participante foi buscado pela própria pesquisadora, a partir de contatos anteriormente estabelecidos, e este indicou o próximo, que indicou o próximo e assim sucessivamente.

---

<sup>25</sup> Inclusive a pesquisa sofreu impacto, pois dois candidatos que estavam pré-agendados para entrevistas vieram a falecer devido à epidemia.

### 6.3 OS BLOCOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO

O questionário aplicado na pesquisa foi composto por 19 questões abertas e fechadas, organizadas em quatro blocos: perfil do idoso, educação, tecnologia e trabalho.

O primeiro bloco procurou caracterizar o perfil do idoso, sua trajetória familiar, seus rendimentos e lazer. O segundo abordou questões relativas à trajetória educacional do participante e sua relação com o aprendizado tecnológico. Nos terceiro e quarto blocos foram explorados o histórico profissional do trabalhador idoso, sua relação com a tecnologia e sua trajetória até se tornar motorista de aplicativo e as condições de trabalho por ele vivenciadas.

Antes das entrevistas, optou-se em realizar uma entrevista piloto, com um voluntário que se dispôs a responder ao questionário de forma virtual com pré-agenda, como forma de validar o instrumento de pesquisa.

## 7 OS RESULTADOS DA PESQUISA

Para preservar o anonimato os entrevistados foram representados por meio dos códigos M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7 e M8. O critério utilizado para o código foi a ordem das entrevistas, M1 foi o primeiro a ser entrevistado e assim sucessivamente.

### 7.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A partir das respostas dadas aos questionários e aos depoimentos das entrevistas foi possível caracterizar os participantes da pesquisa, o que possibilitou avaliar não apenas os sentidos que aparecem no decorrer do trabalho de campo, mas também descobrir a origem desses sentidos e os motivos que os levaram a tornar-se motorista de aplicativo.

Para tanto, buscou-se aspectos relacionados à formação escolar/acadêmica e profissional dos entrevistados nas questões abordados nas perguntas 8 e 13, cujos resultados são apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1 - Formação escolar e profissional dos entrevistados, respostas às questões 8 e 13.**

<b>Questão: Formação Escolar E Profissional</b>			
<b>Entrevistado</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão Anterior</b>	<b>Profissão Atual</b>
M1	Ensino Médio	Empresário	Motorista de aplicativo
M2	Sup. Adm. Emp.	Corretor Imóveis	Motorista de aplicativo
M3	Sup. Adm. Emp.	Gerente Financeiro	Motorista de aplicativo
M4	Ens. Fundamental	Taxista	Motorista de aplicativo
M5	Ens. Médio	Bancário	Motorista de aplicativo
M6	Ens. Fundamental	Vendedor	Motorista de aplicativo
M7	Sup. Adm. Emp.	Empresário	Motorista de aplicativo
M8	Sup. Contabilidade	Gerente Comercial	Motorista de aplicativo

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

### 7.2 SOBRE AS ENTREVISTAS

As entrevistas ocorreram de forma online pela plataforma *Google Meet*<sup>26</sup>. Após o contato inicial em que foi apresentado o projeto da tese e obtida a concordância de participação, estabeleceu-se um horário para a entrevista e, no dia e horário agendado, o entrevistado recebeu o link pelo celular e a entrevista aconteceu em forma de conversa informal, na qual se procurou deixar o entrevistado o mais confortável possível para realizá-la.

<sup>26</sup> Google Meet: Serviço de videoconferência que permite até 250 pessoas em uma sala, usada para reuniões e aulas.

Das entrevistas participaram oito motoristas de aplicativos, dentre os quais uma mulher. Na entrevista foram abordados 19 pontos, cuja sequência foi sendo definida pelo ritmo e rumo que a conversa ia tomando.

O quadro a seguir sintetiza alguns dos resultados da entrevista, referentes ao interesse em identificar o gênero do participante, a sua idade, se já estava aposentado ou não, como ele residia, se com familiares, ou sozinho e qual era a sua faixa de rendimentos.

**Quadro 2 - Gênero, Idade, Estado Civil, Moradia e Rendimentos. Resposta às questões 1, 2, 3 e 4**

**SM\* Total dos rendimentos somados ou não à aposentadoria, em termos de Salários Mínimos.**

Questões: <b>Gênero, Idade, Estado Civil, Moradia e Rendimentos (SM)*</b>	
M1:	Masculino – 63 anos – divorciado – aposentado – mora sozinho – 5 a 7 SM
M2:	Masculino – 62 anos – casado – aposentado – esposa e filhos – 5 a 7 SM
M3:	Masculino – 69 anos – divorciado – aposentado – mora com a mãe – 5 a 7 SM
M4:	Masculino – 82 anos – casado – aposentado – mora com a esposa – 1 a 3 SM
M5:	Masculino – 69 anos – casado – aposentado – mora com a esposa e filha – 3 a 5 SM
M6:	Masculino – 67 anos – divorciado – aposentado – mora sozinho – 1 a 3 SM
M7:	Feminino – 61 anos – solteira – não aposentada – mora com a filha – 3 a 5 SM
M8:	Masculino – 65 anos – casado – aposentado – mora com a esposa – 3 a 5 SM

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

Verifica-se nas respostas que a grande maioria dos respondentes é do gênero masculino, são aposentados, têm mais que 60 anos, merecendo destaque um respondente que tinha 82 anos, o que chamou a atenção, pois já alcança idade avançada. Percebeu-se que nas relações familiares o divórcio está presente em quase metade das respostas; em contrapartida a outra metade mantém família e filhos, permanecendo a estrutura inicial da família. Aqui pode-se inferir que parte das relações familiares foram abaladas ao longo dos anos, não tendo sido possível, entretanto, estabelecer relação entre essa situação conjugal e o fato dos participantes da pesquisa serem motoristas de aplicativos.

Quanto aos rendimentos dos entrevistados, somados todos os seus rendimentos, a maioria tem remuneração acima de três salários mínimos, renda relativamente baixa e que pode ser insuficiente, dado o custo de vida na atualidade.

**Quadro 3 - Rendimentos dos entrevistados. Resposta às questões 5, 6 e 7**

Questões: Sua renda é só do aplicativo? Possui complemento de renda (como, por exemplo, algum imóvel alugado)? Finalidade da renda?	
M1	Não. Eu tenho complemento da aposentadoria e recebo aluguel de um imóvel. Uso para as despesas pessoais, da casa, manutenção do carro e consigo poupar um dinheiro todo mês.
M2	Não. Eu também sou aposentado. Uso para as despesas da casa, cuidado do carro, pago o plano de saúde. Raramente consigo poupar um dinheiro.
M3	Não. Eu tenho o complemento da aposentadoria. Uso a renda para cuidar das despesas da casa, cuidado da minha mãe, pago o plano de saúde dela e remédios. Não consigo poupar, pois o nosso custo é muito alto.
M4	Não. Eu sou aposentado, mas recebo só um salário mínimo. Os valores são para as despesas da casa, pagamos aluguel e remédios. Não conseguimos poupar, não há como.
M5	Não. Eu tenho a aposentadoria. Eu uso a renda para as despesas da casa, a manutenção do carro e guardo um dinheiro. A gente precisa pensar no amanhã.
M6	Não. Eu tenho uma aposentadoria. Uso o dinheiro para as minhas coisas pessoais, cuidado da manutenção do carro, pago pensão alimentícia para uma filha. Infelizmente ainda não consigo poupar.
M7	Sim, infelizmente a minha renda é só do aplicativo, eu ainda não sou aposentada e uso o dinheiro para as despesas da casa, com a minha filha e para a manutenção do carro. Não consigo poupar, pois as contas são grandes.
M8	Não. Eu tenho aposentadoria. Uso para as despesas pessoais, manutenção do carro e guardar um dinheirinho.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Apenas a respondente M7 não possui complemento de renda, dependendo unicamente do aplicativo, o que causou manifestação adicional de preocupação em relação ao trabalho, pois não pode adoecer, não pode faltar ao trabalho, pois qualquer situação compromete o seu rendimento.

Os demais possuem como complemento principal a aposentadoria e mesmo com aposentadoria e renda do aplicativo apenas três participantes conseguem poupar, o que ressalta as dificuldades financeiras devido ao elevado custo de vida vivenciado pela população nos últimos anos. Tal fato já havia sido apontado por estudos divulgados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE<sup>27</sup> que indicam que o salário mínimo deveria ter um patamar de pelo menos cinco vezes mais que o valor praticado hoje que é de R\$ 1.212,00 para que ocorresse um equilíbrio financeiro familiar, considerando uma família de quatro pessoas e gastos com moradia, transporte, alimentação, saúde, educação, vestuário, higiene, lazer, etc.

**Quadro 4 - Escolaridade dos entrevistados. Resposta às questões 8 e 9**

Questões: Você pode falar um pouco sobre sua escolaridade? Estudou em escolas públicas ou particulares? Fez algum curso a distância? Usou algum recurso tecnológico nos estudos? Há alguma coisa que você julga como relevante em seu percurso formativo?	
M1	Ensino médio, escola pública, não usei recurso tecnológico e nunca estudei a distância e não tenho interesse nessa altura da vida.
M2	Adm. Empresas, particular, há pouco tempo, antes de ser motorista de aplicativo, realizei um curso de corretor de imóveis via plataforma EAD e não tive dificuldades de acesso e nem de entendimento.

<sup>27</sup> <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html#2021>

Questões: <b>Você pode falar um pouco sobre sua escolaridade? Estudou em escolas públicas ou particulares? Fez algum curso a distância? Usou algum recurso tecnológico nos estudos? Há alguma coisa que você julga como relevante em seu percurso formativo?</b>	
M3	Adm. Empresas, particular, nunca estudei de forma EAD, mas se fosse necessário acredito que não teria dificuldade pois eu sou curioso e gosto de aprender.
M4	Ensino fundamental, pública, nunca usei recurso tecnológico, nunca estudei a distância e não conseguiria pois teria muita dificuldade. Não tenho condições de fazer nada pelo computador porque eu já estou muito velho para isso e eu nem quero aprender mais nada.
M5	Ensino médio, escola pública, nunca usei recurso tecnológico na escola e não tive vontade de continuar estudando. Não fiz nada pelo computador e não tenho vontade, mas se fosse necessário eu acho que não teria problema e eu até aprenderia fácil.
M6	Ensino fundamental, pública. Nunca usei recurso de tecnologia na escola e nunca estudei nada pela internet e não tenho interesse. Deixa isso para quem é mais novo. Eu não preciso aprender mais nada.
M7	Adm. Empresas, particular, sempre uso recurso tecnológico pois eu continuo estudando, faço cursos pela internet e não tenho dificuldade com as plataformas. Gosto do EAD e aprendo mais rápido.
M8	Contabilidade, particular, nunca estudei a distância e acho que nem me adaptaria nessa altura da vida.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

Nas descrições acima percebe-se que quatro dos participantes não possuem ensino superior e que quando questionados o motivo da não continuidade aos estudos, a justificativa se deu em função da prioridade de ajudar nas despesas da casa e da necessidade de abrir mão dos estudos para começar a trabalhar o quanto antes.

Eu fiz meu ensino médio em Contabilidade e fui obrigado a parar, pois precisava ajudar em casa. Logo me casei e vieram outras responsabilidades e nunca mais consegui voltar a estudar. (Entrevistado M1)  
 Estudei até o ensino básico. A gente era da roça e eu tinha que ajudar em casa, não dava pra estudar e foi ficando e abandonei a ideia de estudar. (Entrevistado M4)  
 Nunca gostei de estudar e como precisava trabalhar para ajudar em casa, abandonei os estudos. (Entrevistado M6).

Quatro participantes declararam ter curso superior concluído e atuaram em diferentes postos de trabalho antes de se tornarem motoristas de aplicativos. Construíram uma trajetória profissional com conquistas, realizações pessoais através do trabalho e ficou evidente a diferença social vivenciada por eles, as formas como as oportunidades foram colocadas na vida de cada participante.

Fiz Administração de Empresas em faculdade particular e atuei na área por muitos anos e fui muito feliz e antes de me tornar motorista de aplicativo. Concluí um curso de corretor de imóveis através de uma plataforma online e eu achei muito interessante e não tive nenhuma dificuldade. Penso que devemos sempre estar com a mente aberta para receber o novo e não ter medo de aprender. (Entrevistado M2)  
 Consegui fazer duas faculdades, uma de Administração de Empresas e outra de Finanças, ambas particulares, e nunca fiz nada online e, se fosse hoje, acredito que conseguiria sem ter dificuldades, pois me considero uma pessoa curiosa e sempre que tenho dúvidas eu vou buscar nos vídeos da internet. Então por isso não teria dificuldades. (Entrevistado M3)

Eu tenho facilidade em estudar por plataformas e gosto do modelo EAD, agiliza o tempo e posso estudar nas minhas horas livres. Não sinto dificuldade no aprendizado. (Entrevistado M7)

**Quadro 5 - Aparelhos tecnológicos utilizados pelos entrevistados. Resposta às questões 10 e 11**

Questões: <b>Que aparelhos tecnológicos você utiliza no seu dia a dia? Como você aprende a usá-los? Você os usa em sua totalidade? Você já fez algum curso específico para aprender a usar algum aplicativo? Qual? Como se saiu? Gostaria de aprender mais a respeito do uso desses equipamentos e aplicativos? Por quê?</b>	
M1	Possuo celular que é de uso de trabalho também. Procuro usar somente para trabalho. Não tenho computador em casa e não acho que necessito. Possuo internet vinculada ao celular. Consigo me virar tranquilamente no celular, já domino os aplicativos necessários para a execução das minhas atividades de trabalho.
M2	Possuo celular, notebook, rede de internet doméstica, não sinto dificuldades no manuseio destes equipamentos, tenho facilidades na utilização dos aplicativos e sempre que surge dúvidas eu busco ajuda por conta própria via internet através de vídeos com tutorial.
M3	Possuo celular, notebook, uso em casa para as minhas pesquisas; sempre estou lendo algo, buscando informações sobre alguns assuntos, e não apresento dificuldades de entendimento e manuseio nestas ferramentas. Uso todos os eletroeletrônicos disponíveis em casa. Quanto aos aplicativos, eu tive até certa facilidade na adaptação, mesmo não tendo recebido treinamento da empresa que representa.
M4	O único recurso tecnológico que eu tenho é o celular. Sou limitado em tecnologia e não tenho vontade de aprender, sou muito velho e estou cansado para aprender.
M5	O único recurso tecnológico que eu uso é o celular. Me considero uma pessoa inteligente no uso do aplicativo. Nunca precisei de ajuda para mexer no aplicativo.
M6	Eu tenho celular com internet, mas no meu pensamento a tecnologia atrapalha a vida das pessoas, e isso limita a capacidade de pensar deixando-as totalmente dependentes da tecnologia e isso não é bom.
M7	Possuo celular, tenho computador, tenho internet no meu celular e acho que as pessoas são reféns da tecnologia. Hoje guardamos tudo no celular, colocamos a nossa vida, dependemos do celular.
M8	Possuo celular, notebook, rede de internet doméstica, não sinto dificuldades no manuseio destes equipamentos, tenho facilidades na utilização dos aplicativos e sempre que necessário busco ajuda por conta própria via internet.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Pelos relatos observa-se que todos possuem celular com internet e isso se dá até mesmo por ser um pré-requisito para a execução das atividades como motorista de aplicativo. O que se destaca aqui é o uso fora do processo de trabalho do aplicativo, ficando evidente que a utilização da tecnologia extra atividade laboral se dá apenas por quatro participantes, o que limita a atuação da tecnologia no cotidiano do entrevistado.

A justificativa para os entrevistados que relataram não utilizar os recursos fora do expediente de trabalho se dá em função de não sentirem necessidade do mesmo.

**Quadro 6 - Percepção da tecnologia na vida das pessoas sob o olhar do entrevistado. Resposta à questão 12**

Questão: <b>Como você vê a presença da tecnologia na rotina das pessoas, nos processos de trabalho, nas suas relações? Qual sua opinião a respeito da presença desses aparelhos no seu dia a dia? Você participa das redes sociais? Tem Facebook, Instagram, WhatsApp? Com que regularidade você participa dessas redes?</b>	
M1	Considero de extrema importância a participação da tecnologia, e que sem tecnologia o mundo não seria tão evoluído, e que os jovens precisam entrar na tecnologia cada vez mais. Não tenho participação em rede social, prefiro não ter, pois sou evangélico, o pouco tempo que tenho livre prefiro ficar livre para os compromissos com minha igreja.

Questão: <b>Como você vê a presença da tecnologia na rotina das pessoas, nos processos de trabalho, nas suas relações? Qual sua opinião a respeito da presença desses aparelhos no seu dia a dia? Você participa das redes sociais? Tem Facebook, Instagram, WhatsApp? Com que regularidade você participa dessas redes?</b>	
M2	É necessário que as pessoas derrubem o medo da tecnologia, principalmente os mais velhos, que se aproximem e descubram as vantagens de usar tecnologia no dia a dia. Eu sou uma pessoa conectada, tenho rede social e participo, sou ativo.
M3	Desde o momento que saio de casa até o meu retorno estou envolto com a tecnologia e tenho grande apreço pela tecnologia e quero cada vez mais aprender. Dedico aproximadamente de quatro a cinco horas de trabalho diários ao aplicativo e prefiro o período noturno. Possuo redes sociais e estou conectado o tempo todo.
M4	Quem é jovem tem que se atualizar e aproveitar, não é o meu caso que já estou velho e não aprendo mais nada e também não tenho interesse. Não tenho redes sociais, uso somente o celular apenas para o trabalho.
M5	Penso que a tecnologia é tudo para as pessoas hoje, ela proporciona trabalho, e no meu caso é muito importante, pois é isso que me traz todas as corridas que eu faço. Eu tenho redes sociais e sou bem participativo, gosto de comentar e colocar as minhas opiniões e meus comentários.
M6	Eu acho que a tecnologia é muito importante para as pessoas e os seus trabalhos, mas eu ainda prefiro a conversa cara a cara, pessoalmente. Pena que isso está acabando, dia a dia. Eu tenho uma filha, então eu tenho rede social mais para acompanhar o que ela faz e não ficar tão por fora de tudo, mas não sou ativo, não participo.
M7	A tecnologia é tudo hoje na vida das pessoas, desde a hora que começa o nosso dia. Todo o tempo que eu tenho livre eu estou conectada, comprando, pagando uma conta, conversando com alguém. Raramente não estou conectada, se eu estou num lugar que não tenha sinal de internet por exemplo, eu já fico sentindo a falta.
M8	Acho importante a tecnologia no trabalho das pessoas, mas eu particularmente não sou tão conectado. Tenho rede social, mas não sou tão ativo. Tenho por causa dos meus netos, só para acompanhar mesmo.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

No quesito tecnologia, todos os entrevistados concordam com a importância e a necessidade na rotina de trabalho, pois é através dela que as suas atividades laborais acontecem, que as solicitações de corridas acontecem. Embora concordem com a importância da tecnologia, apenas metade dos entrevistados se consideram ativos nas redes sociais e a outra metade prefere usar a tecnologia somente para as funções de trabalho.

Isso demonstra que o idoso ainda está longe de ser ativo tecnologicamente e nisso Santos (2005) relata que os idosos têm motivação para o uso da Internet com os propósitos de se ocupar, de conhecer novas pessoas e estabelecer novos vínculos pessoais. Porém, inicialmente, demonstram baixa autoestima, muitas vezes pela inabilidade com as novas tecnologias e que, no decorrer da prática, se sentem satisfeitos, chegando a comparar seu desempenho com o de filhos e netos.

**Quadro 7 - Trajetória profissional dos entrevistados. Resposta à questão 13**

Questão: <b>Você pode falar um pouco sobre sua história e trajetória profissional? O que você já fez na vida, no que já trabalhou? Como foi se adaptando aos novos trabalhos? Quais foram as maiores dificuldades que sentiu nas mudanças de trabalho?</b>	
M1	Meu primeiro trabalho foi na lavoura com o pai. Mais tarde eu consegui abrir uma loja de autopeças e foi assim por vinte e oito anos. Eu tinha funcionários, comprava peças e vendia. Na década de 1990 comecei a ter muitos problemas trabalhistas, funcionários com muito tempo de casa, alguns sem vínculo na carteira de trabalho e isso começou a me dar dor de cabeça. Me colocaram na justiça e tive prejuízos financeiros. Tive que vender alguns imóveis para poder pagar estes ex-funcionários; a empresa começou a ficar numa

Questão: <b>Você pode falar um pouco sobre sua história e trajetória profissional? O que você já fez na vida, no que já trabalhou? Como foi se adaptando aos novos trabalhos? Quais foram as maiores dificuldades que sentiu nas mudanças de trabalho?</b>	
	situação ruim e eu não consegui contornar e a empresa fechou. Foi aí que eu virei motorista de aplicativo. Eu sempre dirigi bem e isso me ajudou a me adaptar fácil a esta nova atividade. A maior mudança nisso tudo é você num dia ser patrão e no outro ser o empregado, que é o meu caso agora.
M2	Eu sempre trabalhei na área financeira e contábil. Comecei minha vida profissional em 1976 como office boy, depois tive várias promoções e eu operava uma máquina chamada Ascota, que auxiliava os processos contábeis e antecedeu o computador. Ainda nesta empresa, trabalhei no setor fiscal e comercial e finalizei minha carreira no departamento financeiro. Trabalhei também numa grande empresa no setor financeiro. Esta experiência me levou a cursar a graduação, pois senti a necessidade de uma formação técnica. Fiquei nesta empresa financeira por dezesseis anos até a minha aposentadoria. Depois disso é que me tornei motorista de aplicativo e essa transição foi tranquila, foi fácil para mim e me adaptei.
M3	Eu trabalhei em grandes empresas sempre no departamento financeiro. Tive oportunidade de conhecer muitos lugares através do trabalho, muitas filiais, algumas fora do país. Implantei vários processos de melhorias, trabalhei até acontecer a aposentadoria. Sempre morei em São Paulo, e com adoecimento da minha mãe, e por ela já apresentar idade avançada e morar em Curitiba, resolvi me mudar para cá para ter condições de prestar os cuidados que ela necessita. Para me ocupar, acabei me tornando motorista de aplicativo e ter a possibilidade de complemento de renda também. O processo de adaptação para mim foi tranquilo, sempre dirigi bem e isso me ajudou. Quem dirige em São Paulo, dirigir em Curitiba se torna fácil.
M4	Eu sempre fui da roça, tive pouco estudo. Quando vim morar na cidade eu virei motorista de taxi e isso durou muitos anos, mas a placa do taxi não era minha, quando tive a oportunidade eu virei motorista de aplicativo porque dava para ganhar um pouco mais. E assim tem sido até hoje. Não tive dificuldade em virar motorista de aplicativo, só mudei do taxi para o aplicativo, para mim foi fácil.
M5	Meu primeiro emprego foi no banco, eu era responsável pelos malotes, era um trabalho manual, não usava tecnologia, e ali eu fiquei por dez anos. Usava muito papel, formulário, tinha que anotar tudo. Quando saí do banco, fui trabalhar com caminhão e fiquei alguns anos e daí que eu virei motorista de aplicativo e estou até hoje. Sair do caminhão e ir para o carro para mim foi mais fácil, eu trabalho menos, viajo menos e estou mais próximo da minha família.
M6	Fiz a minha vida profissional no comércio, sempre vendi algo e assim foi por trinta anos. Depois resolvi ir para o aplicativo, tentar essa nova experiência. Eu já sabia lidar com o público e isso facilitou essa mudança. Não tive dificuldades na mudança, me dei bem e eu gosto da nova profissão.
M7	Eu trabalhei em banco, e quando o banco foi vendido, eu resolvi mudar para a área da estética, resolvi trabalhar com pessoas, pois o banco era só o escritório, só papel. Senti uma diferença muito grande, tive dificuldades, era uma pessoa tímida, era retraída, essa mudança me fez uma pessoa melhor, e mais tarde mudei para o aplicativo e estou até hoje. Tive um pouco de dificuldades, as pessoas são muito diferentes umas das outras.
M8	Eu era vendedor, depois virei gerente comercial e fiquei até me aposentar. Como gostava muito de lidar com o público e queria me ocupar, resolvi virar motorista de aplicativo. Não tive dificuldades para me adaptar. O processo foi tranquilo, saber dirigir eu sei, conhecer a cidade eu conheço e aprendi a mexer no celular com os endereços e as funções para aceitar as corridas e está tudo dando certo.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

Pelos relatos apresentados, os entrevistados não demonstraram dificuldades em adaptação ao se tornarem motoristas de aplicativos. Alguns mencionaram nas entrevistas que eles possuem um elo entre os motoristas de ajuda mútua e isso faz com o que o motorista se sinta acolhido, não fique perdido, sem orientação, caso surja alguma dificuldade. Eles mesmos se ajudam e resolvem as questões porque o próprio aplicativo não dá este suporte e isso foi apontado coletivamente como sendo uma falha do aplicativo.

**Quadro 8 - Como os entrevistados se tornaram motoristas de aplicativos. Resposta à questão 14**

<b>Questão: Como você se tornou motorista de aplicativo? Como foi sua adaptação a essa atividade? Como foi sua adaptação ao uso dos aplicativos? Necessitou aprender algo novo? Quem lhe ensinou a usar os aplicativos? Você recebe, ou recebeu alguma orientação da empresa para a qual trabalha referente ao uso dos aplicativos? Se sim, qual? Ela foi suficiente?</b>	
M1	Eu era empresário e a minha empresa faliu, eu não soube administrar. Fiquei numa situação difícil e precisava encontrar uma fonte de renda. Eu sempre dirigi bem, tinha um bom carro na época, já estava com idade e não ia conseguir emprego, eu sempre fui patrão. A opção que me apareceu foi me cadastrar para ser motorista de aplicativo, isso foi em 2014 quando o aplicativo estava chegando em Curitiba. Deu certo e estou até hoje. Gosto de ser motorista e trabalho bem e agrado os meus clientes. Não tive grandes dificuldades, me adaptei logo às funções do aplicativo. Do aplicativo especificamente a gente não recebe treinamento, vai se virando. O que conta muito é a ajuda dos colegas.
M2	O processo de me tornar motorista aconteceu de forma natural e por sugestão das minhas filhas, que achavam que eu precisava encontrar uma ocupação. Eu e a minha esposa já estávamos aposentados, ela encontrou outra atividade e eu ainda estava parado. Aproveitei o momento aquecido do mercado na época e realizei meu cadastro na plataforma como candidato para ser motorista e logo foi selecionado e estou até hoje. A plataforma é autoinstrutiva, não apresenta complexidade, não precisei fazer nenhum curso e quando aparecia alguma dúvida eu procurava algum colega já antigo na função.
M3	Eu já estava aposentado e morando em São Paulo. A minha mãe já tem certa idade e estava doente e morando aqui em Curitiba, me obriguei a vir morar aqui para poder cuidar dela. Aos poucos fui tendo um tempo livre e resolvi buscar uma ocupação, daí resolvi me inscrever na plataforma para ser motorista de aplicativo. Não precisei de grandes adaptações, o processo foi simples, me considero uma pessoa articulada tecnologicamente e isso facilitou para mim. A nossa plataforma não fornece curso de capacitação para quem chega. Tive um acolhimento grande do grupo de motoristas, e isso fez muita diferença pois a gente se sente só e foi muito importante, eu não tinha nenhum amigo ainda.
M4	Eu sempre trabalhei na roça, depois de um tempo viemos morar na cidade e eu me tornei motorista de taxi, eu aluguei uma placa de taxi e fazia as corridas. Depois o taxi começou a ficar muito fraco e eu resolvi mudar para o aplicativo. Eu não tenho estudo, então para mim as coisas são mais difíceis e agora tudo é no computador e celular eu me bato um pouco ainda, mas eu aprendi a mexer no celular e a receber os pagamentos. Eu conheço toda a cidade, quase nem preciso do GPS. Isso facilita um pouco para mim. Tenho dificuldade com as outras ferramentas do aplicativo, mas vou me virando. Agora a minha saúde já está me impedindo de trabalhar tanto, mas estou ativo até quando eu aguentar.
M5	Eu era bancário, fazia os malotes do banco, depois que saí fui ser motorista de caminhão e fiquei por muitos nos e resolvi mudar para o aplicativo para fazer viagens curtas e ficar mais perto da minha família. Eu acabei me adaptando rápido, não tive dificuldades com o aplicativo, eu sempre fui curioso e fico mexendo aqui e ali. Infelizmente a plataforma que eu trabalho não oferece nenhum curso de treinamento para o motorista que está chegando, a gente precisa se virar mesmo. Ainda bem que temos o nosso grupo só de motoristas e estão sempre ajudando um ao outro.
M6	Desde o meu primeiro emprego eu sempre trabalhei no comércio, fui atendente e vendedor. Trabalhei por trinta anos assim. Quando eu saí do comércio e por já ter facilidade em tratar com pessoas eu resolvi ir para o aplicativo. De certa forma eu continuaria lidando com o público e poderia ser de forma mais tranquila. Hoje eu faço os meus dias de folga e fico mais perto da minha família. Eu trabalho em média 12 horas por dia no aplicativo.
M7	Eu sempre trabalhei em banco, fazia processos administrativos e quase não conversava com pessoas, eu não precisava fazer atendimentos. Depois o banco foi vendido e eu resolvi buscar outras coisas e fui para o ramo da estética, senti dificuldades pois eu sempre fui tímida e isso me atrapalhava no atendimento dos meus clientes. A estética não deu certo e resolvi ir para o aplicativo e foi mais fácil, já estava acostumada a atender clientes. O que me ajudou muito neste processo de entrar no aplicativo foi a rede de apoio dos outros motoristas porque o próprio aplicativo não nos fornece nenhum treinamento de adaptação. Eu não tenho dificuldades em tecnologia, me adapto fácil e aqui no trabalho não tem complicação.
M8	Eu trabalhei muito na área comercial e me aposentei como gerente comercial. Fui para o aplicativo para ocupar o tempo e não ficar sem atividade. O processo de mudança para mim foi fácil, não tive complicações para entender os processos, a tecnologia de certa forma esteve presente nos meus últimos anos de trabalho. Não foi necessário fazer curso para entrar na plataforma; apenas o cadastro foi avaliado e aprovado. Recebi apoio do nosso grupo de motoristas que acolhem a todos que chegam e isso dá uma segurança para quem está entrando.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Observa-se nas falas dos entrevistados que cada um passou por processos diferenciados de migração até tornar-se motorista de aplicativo, cada um dentro da sua trajetória de vida e profissional. O que fica em evidência é que em todos os casos o aplicativo entrou como uma alternativa de renda, não foi uma escolha em querer tornar-se membro de um aplicativo quando envelhecer. Foram as próprias circunstâncias que os empurraram à condição atual. Pode-se considerar a opção do aplicativo como sendo benéfica neste sentido, pois de acordo com os relatos colhidos, teriam a necessidade de ocupar-se com uma atividade laboral que lhes proporcionasse uma renda e poderia ser de uma forma que exigisse empenho físico mais elaborado e nem todos estariam aptos a atender.

**Quadro 9 - Participação da tecnologia no dia a dia dos entrevistados. Resposta à questão 15**

<b>Questão: Como é a participação da tecnologia no seu dia a dia de trabalho atual? Em comparação com o que você fazia antes essa participação é maior ou menor? Em relação à sua jornada de trabalho, quantas horas você trabalha por dia? O uso da tecnologia exige mais, ou não tem relação com a quantidade de horas trabalhadas?</b>	
M1	O único aparelho que utilizo hoje é o celular; a minha necessidade de trabalho está no celular, não preciso de outros recursos. Leio notícias em alguns sites de notícias para ficar informado e poder ter uma conversa atualizada com os meus passageiros. Eu não tenho interesse em aprender novas tecnologias, o tanto que eu sei já é suficiente. Eu acho importante as pessoas buscarem saber de tecnologia principalmente os mais jovens que ainda precisam se colocar no campo de trabalho. No meu caso não vou fazer outra coisa a não ser dirigir, então eu deixo para os mais jovens essa tarefa de aprender mais sobre a tecnologia. A tecnologia me ajuda no trabalho e com isso eu fico em média 12 horas por dia no aplicativo. Não uso redes sociais, não gosto, acho que isso afasta as pessoas. Eu sou evangélico, prefiro ir para a igreja e apreciar os cultos.
M2	Tenho computador em casa e uso sempre que estou com tempo disponível. Trabalho com o celular e fica mais fácil fazer as coisas pelo celular. Tenho vários eletrônicos em casa e não tenho dificuldade com nenhum deles. A tecnologia é fundamental na nossa vida e temos que ver as vantagens disso no nosso dia a dia. Infelizmente, vejo colegas da mesma idade que a minha que correm da tecnologia, preferem não se apropriarem de conhecimento e isso é triste. Com a ajuda da tecnologia facilita a rotina do trabalho e eu faço em média seis horas por dia no aplicativo. Uso as redes sociais e acho isso uma parte importante de me socializar.
M3	Tenho vários eletrônicos em casa com uso de tecnologia, tenho computador em casa e o celular hoje é a minha ferramenta de trabalho, faço tudo através dele. Não tenho dificuldade em aprender tecnologia, gosto de aprender e acho necessária essa conexão, temos que evoluir sempre. Trabalho para o aplicativo cinco horas por dia. Hoje, graças a tecnologia, por exemplo, eu escolho qual cliente atendo aceitando ou não a corrida. Uso redes sociais e não tenho maiores dificuldades. Quando precisava usar os recursos do computador eu dava conta.
M4	Eu acho que tecnologia é coisa para os mais jovens, eu não dou conta disso não. Eu já aprendi o que precisava e também não tenho interesse. Eu já estou bem velho, não tenho disposição para aprender. Só preciso trabalhar e me manter até enquanto eu puder. Não tenho redes sociais, uso só o celular e a máquina para fazer a cobrança dos clientes. Eu não acho que a tecnologia ajuda no meu trabalho. Eu conheço toda a cidade, nem preciso de guia de endereço e eu me atrapalho um pouco com as funções do aplicativo; mesmo assim fico dez horas por dia. Eu não tenho redes sociais e nem saberia usar. Na minha casa temos o básico de eletrônicos e que sejam sem muita dificuldade de manuseio.
M5	Eu gosto muito de aprender, e a tecnologia está no meio disso tudo. A tecnologia foi a melhor coisa que aconteceu para as pessoas, principalmente nas suas relações de trabalho. Nas nossas vidas também facilitou muito e eu não tenho dificuldade com tecnologia, uso o celular, tenho computador em casa, faço compras pelo computador. Trabalho em média dez horas diárias no aplicativo e a tecnologia me ajuda nisso todo. Tenho redes sociais, uso o Instagram, tenho Facebook, mando e recebo vídeos pelo celular. Eu sou bem ativo, porque além de motorista de aplicativo eu também sou pastor e tenho necessidade de estar inserido na tecnologia.

Questão: <b>Como é a participação da tecnologia no seu dia a dia de trabalho atual? Em comparação com o que você fazia antes essa participação é maior ou menor? Em relação à sua jornada de trabalho, quantas horas você trabalha por dia? O uso da tecnologia exige mais, ou não tem relação com a quantidade de horas trabalhadas?</b>	
M6	Eu acho que a tecnologia atrapalha a vida das pessoas e que isso limita a capacidade de pensar, deixando-as totalmente dependentes da tecnologia. As pessoas entram no meu carro e algumas nem sequer me falam bom dia, ficam grudadas no celular. Isso é muito estranho. Eu sou do tempo que as pessoas paravam e conversavam entre si, hoje em dia isso não acontece mais. Eu não gostaria de depender da tecnologia para o meu trabalho, mas infelizmente necessito dela para trabalhar. Eu fico 12 horas por dia trabalhando no aplicativo. Eu uso as ferramentas necessárias como o celular, a máquina do cartão e o GPS para os endereços. Em casa também temos alguns eletros, mas nada com complexidade. Se for mais complicado já tenho que chamar alguém mais experiente para me ajudar. Eu tenho redes sociais, mas utilizo bem pouco. Uso mais o WhatsApp para quase tudo.
M7	Eu não tenho dificuldade com a tecnologia, gosto de usar tecnologia e em casa mesmo ela é muito necessária e facilita a nossa vida. Eu tenho computador, impressora, televisão com vários recursos tecnológicos e me viro bem com tudo isso. Eu penso que a tecnologia aproxima as pessoas, mas também pode afastar. As pessoas precisam continuar conversando, isso é parte da vida das pessoas. Eu faço em média 12 horas diárias no aplicativo e isso é graças aos recursos da tecnologia. O cliente vem para mim por meio da tecnologia. Sou ativa nas redes sociais e gosto muito dessa interação.
M8	Temos computador em casa, mas eu não uso, uso mais o celular. Faço tudo por aqui e já me acostumei a isso. Eu considero a tecnologia importante para as pessoas; mesmo a gente não querendo precisamos dela. Não tem jeito. Quando eu tenho alguma dúvida, alguma função que preciso ativar e ainda não sei, eu sempre peço ajuda para o meu filho, que entende mais que eu. E no fim dá tudo certo. A tecnologia me ajuda no meu trabalho todos os dias, a começar para saber como será o clima durante o dia, se vai chover ou não. Pode não parecer, mais isso influencia no número de clientes; se acaso chove, tem mais clientes. Eu faço em média oito horas diárias no aplicativo, e descanso sábado e domingo. Já faço isso tem um tempo e tem funcionado.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

Percebe-se nos relatos dos entrevistados que todos reconhecem que a tecnologia é parte da função do trabalho, colabora para isso e que é necessário que todos a utilizem. Podemos destacar a fala de dois entrevistados que deixaram registrado o não interesse no quesito aprender tecnologia, (M1 e M4). Já estão satisfeitos com o quanto sabem a respeito. Os demais entrevistados, entretanto, se mostraram abertos a novas possibilidades de descobertas pela tecnologia, mostrando uma quebra de paradigmas, uma derrubada de resistência para aprender tecnologia. Percebe-se que o idoso ativo profissionalmente está entendendo que a tecnologia é parte do seu processo de trabalho.

Um dado relevante das falas está vinculado ao número de horas diárias que cada motorista de aplicativo faz, indo de cinco até treze horas diárias. Isso tem a ver com a necessidade financeira de cada motorista. Na média, os participantes dedicam cerca de nove horas diárias à atividade de trabalho.

**Quadro 10 - Dificuldades enfrentadas na aplicação da tecnologia na rotina de trabalho dos entrevistados.  
Resposta às questões 16 e 17**

Questões: <b>Que dificuldades você enfrenta na aplicação da tecnologia na sua rotina de trabalho? Como as supera? Você já perdeu alguma oportunidade de trabalho por não saber manipular algum equipamento ou aplicativo? Em relação ao conhecimento tecnológico, o que você gostaria de dizer às pessoas que se encontram na mesma faixa etária que a sua e que estão buscando uma colocação no mundo do trabalho?</b>	
M1	Desde que deixei de ser empresário, eu virei motorista de aplicativo. E é só isso que eu faço. Nunca cheguei a buscar outra coisa, eu não tenho muito estudo, sabia dirigir, foi o que deu certo para mim. Possivelmente eu não arrumaria outro emprego devido ao meu baixo estudo. Então, eu não consigo dizer se perdi alguma oportunidade de emprego, eu nem cheguei a buscar outras possibilidades. A nossa rotina de trabalho não solicita grandes avanços na tecnologia, basta saber mexer no aplicativo e mais alguns comandos e já está tudo certo, não exige grandes habilidades tecnológicas. O que eu faço sempre é atualizar o aplicativo sempre que é solicitado. Às vezes aparece algum recurso novo e precisamos usar. Eu quero dizer para as pessoas que estão na mesma idade que eu e buscando emprego, que tentem fazer algo que seja necessário para a sociedade, com isso terão mais chances e a tecnologia está nesse processo. <b>Ser motorista de aplicativo, por exemplo, é uma função necessária para a sociedade.</b>
M2	Eu não saberia responder se perdi oportunidades de empregos. Desde que me aposentei tentei me recolocar no mercado tradicional de trabalho, porém, infelizmente não tive sucesso. Não fui chamado para nenhum processo seletivo, fiz vários cadastros para algumas vagas, me cadastrei em várias agências de empregos inclusive para acima de 50 anos e nada, não fui chamado para nenhuma entrevista. Eu acho que isso é em função da minha idade, o que eu acho uma grande pena. Temos potencial e isso não é reconhecido e aproveitado. Por isso que eu fui para o aplicativo, foi o que me apareceu mais viável e assim estou. Eu aconselharia as pessoas a se atualizarem na questão da tecnologia e se possível que não se aposentassem, se puderem continuem ativas.
M3	Eu não perdi nenhuma oportunidade de trabalho porque eu não tive nenhuma oportunidade de trabalho. Desde que me aposentei não fui convidado para nenhum processo seletivo e mesmo buscando recolocação não me chamaram para nada. Eu penso que as pessoas precisam estudar tecnologia desde muito cedo para poderem ter condições de brigarem por um espaço, uma oportunidade de trabalho mais justo. Quem tem mais idade precisa derrubar também o medo de aprender a mexer com a tecnologia; daqui para a frente será assim, não tem mais volta.
M4	A minha vida inteira eu fui da roça, depois aprendi a dirigir. Quando vim para a cidade entrei no taxi e fiquei muitos anos, quase a minha vida toda. Não estudei e nem procurei outros empregos. Eu não gosto de tanta tecnologia, ela na minha visão atrapalha a vida das pessoas, todo mundo anda parece meio transtornado, não conversam mais, não se comunicam mais. Isso, na minha opinião, atrapalhou muito a vida das pessoas. Eu acho que quem tem que mexer com tecnologia são os mais jovens, eles têm mais cabeça para isso.
M5	Eu não posso dizer que perdi oportunidade de empregos por não saber tecnologia; na verdade nem cheguei a buscar outras oportunidades. Quando eu saí do banco, fui trabalhar com caminhão e depois fui para o aplicativo e estou até hoje. Eu procuro entender de tecnologia, procuro estar atualizado para sempre atender melhor o meu cliente. Eu acho que as pessoas deveriam fazer isso, principalmente as pessoas idosas. Saber tecnologia pode favorecer as pessoas para a recolocação, uma vaga de trabalho.
M6	Eu não tive nenhuma oportunidade de trabalho voltada à área de tecnologia. Sempre fui do comércio e quando saí fui trabalhar no taxi. Então não posso afirmar que perdi oportunidade de trabalho devido a não saber tecnologia; as oportunidades, elas não aconteceram. E depois já entrei no aplicativo. A tecnologia na minha opinião afasta as pessoas do convívio das outras, é tudo uma grande ilusão. Temos que saber tecnologia, mas ela afasta todo mundo.
M7	Sim, eu perdi uma oportunidade quando eu trabalhava no banco, eu não sabia Excel e por isso perdi uma promoção do setor. Aquilo me marcou muito e era uma grande oportunidade na época. Depois disso não ocorreram mais oportunidades, tive meu próprio negócio, acabou não dando certo por má gestão da minha parte e acabei indo para o aplicativo. A tecnologia está presente nas nossas vidas e todos temos que nos apropriar dela. Eu aconselho que as pessoas busquem saber o quando antes de tecnologia e se antecipem ao que acontece com as oportunidades de trabalho, e assim poderem garantir uma colocação.
M8	Quando eu me aposentei não busquei recolocação; então eu não posso afirmar que perdi oportunidade de trabalho por não saber tecnologia. Depois busquei me encaixar direto no aplicativo como motorista, e assim estou. Eu aconselho que as pessoas busquem aprender sobre tecnologia, as relações de trabalho serão totalmente voltadas para a tecnologia e os postos de trabalho em função da tecnologia. Infelizmente os de mais idade vão ficar sem este espaço.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

O relato dos participantes da pesquisa mostra que não houve, para nenhum deles, convites para participações de processos de entrevistas, mesmo para aqueles que estavam buscando outras formas de recolocações, como é o caso dos candidatos M2 e M3. Os depoimentos demonstram que as oportunidades estão cada vez mais restritas para o público idoso, o que faz com que a alternativa de se tornar motorista de aplicativo seja a opção mais viável e disponível no momento.

**Quadro 11 - Realização pessoal dos entrevistados. Resposta à questão 18**

Questão: <b>Diante de tudo o que você já viveu pessoal e profissionalmente, você se considera uma pessoa realizada? O conhecimento e uso de tecnologias lhe ajudou? Fale a respeito.</b>	
M1	Quando eu era empresário eu atendia os meus clientes, só sabia fazer isso na vida, mas tive muitos problemas trabalhistas com funcionários e isso me custou muito caro e tive muitos prejuízos financeiros. Vieram as desavenças com a família, me custou o casamento, brigas com os filhos e hoje sou uma pessoa sozinha e me resguardo na igreja. Me realizo sendo motorista de aplicativo e atendendo bem os meus clientes. O que eu sei de tecnologia me ajuda a fazer isso.
M2	Profissionalmente eu fiz muitas coisas que me dão orgulho, foi um tempo de muitas conquistas e aprendizado do qual tenho muito orgulho, porém já passou e não vivo mais isso. Sou feliz sendo motorista de aplicativo, sou feliz com as minhas duas filhas e esposa, tenho conforto na minha casa, e mesmo não sendo rico posso proporcionar bem-estar à minha família. Trabalho o quanto eu quero e posso aproveitar a minha família e o conforto que eu adquiri ao longo da minha vida de trabalho. Sim, eu acredito que a tecnologia tem me ajudado a ser dessa forma.
M3	Eu sempre trabalhei muito, sempre fui muito dedicado. O que vivemos hoje infelizmente é um descarte da mão de obra experiente. O velho já não está servindo para muita coisa. As empresas estão correndo de contratar gente velha, isso dá prejuízo. Eu acho que aqui poderia ser como nos EUA, que lá o velho para de trabalhar quando acha que deve e a empresa fica com ele até ele parar. Eu fui feliz profissionalmente, me realizei. Hoje faço outra coisa totalmente diferente e que também me deixa feliz. Sinto orgulho de tudo o que fiz até aqui.
M4	Eu não sou feliz, pois até hoje não tenho a minha casa própria, moro de aluguel e assim será até o fim. Estou com 82 anos e não tenho esperanças de comprar e tudo o que ganho dá apenas para a minha sobrevivência e da minha esposa. Gasto com medicamentos e tenho despesas. Isso me deixa triste, eu não tenho reservas financeiras, sei muito pouco de tecnologia e não quero aprender mais nada. Já basta tudo isso.
M5	Eu sou uma pessoa muito feliz no meu trabalho, tenho prazer em atender bem os meus clientes, faço amizades com eles e o que eu mais gosto é que todo dia é uma situação diferente. Um cliente novo, um destino novo, uma conversa nova, e quando eu chego em casa tenho a minha esposa e minha filha à minha espera. Sou bem comunicativo e isso é parte da minha alegria. Me considero uma pessoa realizada, e quero fazer isso sempre. Não me imagino fazendo outra coisa. Gosto muito da tecnologia e acho que ela estará presente cada vez mais nas nossas vidas e temos que nos adaptar.
M6	Eu gosto do que faço, tenho muitos amigos aqui e me sinto realizado. Eu só acho que a tecnologia atrapalha as relações das pessoas. Antes, as pessoas eram mais abertas para as amizades, agora tudo é restrito, ficam isoladas. Os clientes entram no carro e muitos nem olham para a gente, ficam só no celular. Isso dificulta a interação, sem contar na quantidade de empregos que a tecnologia tirou das pessoas e os velhos estão ficando para trás.
M7	Eu não me considero feliz, eu me acostumei com as situações que a vida me apresentou e assim vou vivendo. Tenho alguns momentos felizes na minha vida, mas não sou uma pessoa feliz. Acúmulo muitas frustrações profissionais, escolhas erradas que fiz profissionalmente e isso custou minha alegria. Afetou a minha vida pessoal, não sou organizada financeiramente, todo mês é uma luta. Gosto da tecnologia, mas...
M8	A minha vida profissional foi toda para a parte comercial, sempre negocieei alguma coisa, e isso me fez muito feliz, conquistei coisas.

**Fonte: Elaborado pela autora (2022)**

O que se evidenciou nas respostas dos entrevistados é que, de certa forma, todos os respondentes associam o conceito felicidade ao formato da realização profissional. Percebe-se uma fuga da solidão em algumas respostas como o caso do M1, que se refugia na igreja e isso o ajuda a lidar com a solidão e abandono da família. Observa-se uma certa amargura nas respostas do M3 em função de não haver reconhecimento de sua trajetória profissional, como se todo o aprendizado de uma vida tivesse sido dispensado. Infelicidade que fica evidente na fala do M4 devido ainda ter que se ver obrigado a trabalhar nessa altura da vida e do quanto a vida o maltratou nestes anos todos e o obriga a trabalhar ainda. E nas do M7, que se culpa devido a algumas escolhas feitas pelo meio do caminho. Aqui o conceito etimológico de trabalho “tripalium” ganha o significado adequado de tortura, de punição, de fardo para a vida.

Os demais respondentes, podemos considerar, que se complementam com o fato de atuarem como motoristas de aplicativos e isso soma ao que já possuem acumulado de felicidade. Percebe-se que os que responderam que estavam bem com a família, tinham estima por seus familiares se mostraram mais felizes, o que permite inferir que a estrutura familiar tem um peso nesse contexto.

### 7.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SUJEITOS

De modo geral, todos os entrevistados se mostraram receptivos em participar das entrevistas, vistos que foram indicados por alguém conhecido, característica da técnica Bola de Neve usada na pesquisa. Foi percebido que buscavam responder a todas as perguntas com franqueza e sinceridade, e alguns iam um pouco além, complementando com alguma situação vivenciada. Percebeu-se relatos divergentes entre os entrevistados quando perguntados se eram felizes.

Alguns entrevistados trazem dentro de si sentimentos de amarguras com o que a vida lhes apresentou, como por exemplo o entrevistado M1, que lamenta ter sido um empresário e hoje se vê na condição de motorista de aplicativo e abandonado pela família.

Quando eu era empresário eu atendia os meus clientes, só sabia fazer isso na vida, mas tive muitos problemas trabalhistas com funcionários e isso me custou muito caro e tive muitos prejuízos financeiros. Vieram as desavenças com a família, me custou o casamento, brigas com os filhos e hoje sou uma pessoa sozinha e me refugio na igreja. (Entrevistado M1).

E também do entrevistado M4, quando afirma sentir-se frustrado por chegar nessa idade da vida e ainda depender de aluguel para morar e ter a certeza de que será assim até o fim de seus dias.

Eu não sou feliz, pois até hoje não tenho a minha casa própria, moro de aluguel e assim será até o fim. Estou com 82 anos e não tenho esperanças de comprar e tudo o que ganho dá apenas para a minha sobrevivência e da minha esposa. (Entrevistado M4).

Essa situação também ficou evidenciada na fala da entrevistada M7, quando perguntada se nessa altura da vida se considerava uma pessoa feliz, relatou que era pessoa de negócios, possui duas graduações, era do comércio, se considerava pessoa bem sucedida, porém, devido aos maus investimentos perdeu tudo e hoje mora de aluguel e depende do aplicativo para viver. Atribui grande parte do seu fracasso financeiro ao fato da perda da mãe, que era quem lhe dava um grande suporte emocional.

Eu não me considero feliz, eu me acostumei com as situações que a vida me apresentou e assim vou vivendo. Tenho alguns momentos felizes na minha vida, mas não sou uma pessoa feliz. (Entrevistada M7)

Alguns relataram satisfação em ser motorista de aplicativo e que veem na atividade uma oportunidade de se sentirem inseridos no mundo do trabalho. O relato do entrevistado M3 demonstra sentir satisfação em tudo o que realizou profissionalmente e que entende que foi um tempo que passou e que agora está em outro momento e que também se sente feliz com esse momento.

Profissionalmente fiz muitas coisas que me dão orgulho, foi um tempo de muitas conquistas e aprendizado do qual tenho muito orgulho, porém já passou e não vivo mais isso. Sou feliz sendo motorista de aplicativo, sou feliz com as minhas duas filhas e esposa. Tenho conforto na minha casa, e mesmo não sendo rico posso proporcionar bem-estar a minha família. (Entrevistado M3)

O entrevistado M5 aponta as grandes amizades que faz durante a sua jornada de trabalho e da satisfação que tem ao chegar em casa e ter esposa e filha a sua espera e de como se sente realizado sendo motorista de aplicativo. O contato com pessoas o dia todo, conversas diversas, clientes diversos, destinos diversos, o motiva a sair de casa todos os dias e dar o seu melhor no trabalho.

Eu sou uma pessoa muito feliz no meu trabalho, tenho prazer em atender bem os meus clientes, faço amizades com eles e o que eu mais gosto é que todo dia é uma situação

diferente. Um cliente novo, um destino novo, uma conversa nova, e quando eu chego em casa tenho a minha esposa e minha filha à minha espera. (Entrevistado M5)

Os trechos relatados demonstram que os entrevistados trazem sentimentos de frustrações, insatisfações consigo mesmo e que demonstram não acreditar que nessa fase da vida haverá mudança de cenário. Outros, porém, se mostram satisfeitos com suas escolhas e encontraram na profissão de motorista de aplicativo um novo propósito profissional.

É sabido que as escolhas profissionais, certas ou erradas, não punem ou castigam. O que ocorre é que o resultado de cada ação gera uma consequência em relação ao que foi feito e é necessário lidar com isso. Por meio das falas percebeu-se amargura no relato dos que não puderam continuar com seus estudos, muitas vezes pela condição financeira na ocasião, não tendo podido, assim, garantir uma formação, obter um diploma de graduação. Conviver com essa frustração ao longo da vida pode ter gerado impactos emocionais, afetando a autoestima, o desempenho como profissional, o sentir-se capaz de algo melhor, entre outros atributos.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fomentar a discussão sobre o trabalho do idoso pressupõe tirá-lo da invisibilidade, bem como trazer para debate os motivos que o mantêm ativo no mundo do trabalho.

Esta pesquisa não abordou o cotidiano do motorista de aplicativo na sua rotina de trabalho em relação aos seus passageiros, suas inseguranças em relação à atuação da profissão, os pontos negativos tais como a violência que muitos estão expostos, a vulnerabilidade a cada corrida solicitada, aspectos que poderiam ser abordados, mas num outro estudo. Também não foi abordada a questão relativa aos direitos trabalhistas, haja vista que esse tipo de atividade está associada à remunerações muito baixas quando comparadas às longas jornadas de trabalho desempenhadas (ANDRADE; BERNARDINO, 2015).

Seu foco foi voltado para a intenção de identificar os motivos que impulsionam o idoso a continuar trabalhando e verificar como ele, ainda ativo nas suas demandas laborais, se relaciona com a tecnologia exigida na sua atividade como motorista de aplicativo na cidade de Curitiba.

Entretanto, no sentido acadêmico, a forma como este estudo foi conduzido contribuiu para o entendimento de questões que estavam inicialmente postas como objetivos específicos e que, de certa maneira, acabou ampliando a sua perspectiva, solicitando uma série de reflexões a respeito das possíveis relações existentes que, por serem consideradas relevantes, serão destacadas a seguir.

### 8.1 ALGUMAS RESPOSTAS E REFLEXÕES

Uma primeira resposta diz respeito aos motivos que levam o idoso a continuar trabalhando. Como se pode verificar, ficou evidente que isso se dá em função da condição econômica dele, e mesmo os que possuem uma condição financeira um pouco melhor, trabalham para que este padrão de vida continue se mantendo. Então, pode-se inferir que o que mantém o idoso ativo no mundo do trabalho é, prioritariamente, a manutenção da sua condição financeira.

Reforça-se assim que a motivação que levou os participantes desta pesquisa a se tornarem motoristas de aplicativos foi a questão econômica em que se encontravam, a oportunidade de trabalho de fácil acesso e o baixo nível de exigência para começar a trabalhar. Essa situação vai ao encontro do ponderado por Rossi e Gimenez (2017) que apontam que a crise econômica brasileira, que teve início em meados de 2014 e que é apontada como a maior

crise econômica que o país já enfrentou, tendo a maior aceleração da taxa de desemprego dos últimos tempos, provocou a busca por trabalhos alternativos. Esse fato pode ser exemplificado pelas muitas pessoas desempregadas entre dezembro de 2014 e dezembro de 2016 e que não encontraram oportunidades, visto que foram eliminados 2,6 milhões de postos de trabalho nesse período. Esses valores somam quase seis milhões de desempregados em apenas dois anos. Assim, nesse contexto, quando mais de dois milhões de empregos com carteira assinada foram perdidos, houve um aumento na busca por atividades por “conta própria” que é caso em específico apontado nesta pesquisa.

Essa situação é reforçada pela constatação de que apenas três dos oito entrevistados conseguem fazer uma reserva financeira. Os demais trabalham unicamente para garantir o pagamento de suas despesas. Isso aponta para a situação precária da valorização da mão de obra do trabalho “uberizado”, processo no qual, segundo Antunes e Braga (2009), as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas e invisibilizadas, sendo o assalariamento e a exploração cada vez mais encobertos. Com salários precários fica cada vez mais distante a possibilidade de construir uma reserva financeira, o que daria certa autonomia financeira aos trabalhadores.

Entretanto, as condições de trabalho a que o motorista de aplicativo idoso é submetido ficam aquém das recomendadas. As horas trabalhadas por estes motoristas excedem, em sua maioria, dez horas diárias (cinco dos entrevistados), fato por eles justificado porque quanto mais horas trabalhadas, mais possibilidades de atender mais corridas, o que reflete no orçamento financeiro.

Paralela a esta questão foi possível verificar que as longas jornadas diárias comprometem a qualidade de vida, a participação com familiares e o lazer, pois as horas livres são usadas para descansar e fazer a manutenção dos veículos. Apesar da condição de trabalho não envolver esforço físico braçal, ficar muitas horas na mesma posição dirigindo compromete o corpo, havendo assim necessidade de alongar-se, movimentar-se e isso não é possível enquanto no desempenho das atividades.

Há que se considerar o declínio cognitivo associado à idade, prejudicando a atenção, aspecto que, na atividade de motorista, é um componente importante. Além disso, o esforço mental é grande, pois dirigir numa cidade como Curitiba se torna desafiador em função do número de veículos circulando, nos horários de grandes movimentos, o que é exaustivo e requer o dobro de atenção. Com o processo de envelhecimento, cresce a dificuldade para o indivíduo focar ou dividir a atenção exigida na atividade.

Por outro lado, o uso de instrumentos tecnológicos no cotidiano gera impactos positivos nos componentes cognitivos (COSENZA; MALLOY-DINIZ, 2013; PÁSCOA; GIL, 2017). O uso da tecnologia empregada na sua rotina estimula o cognitivo deste motorista e o mantém mais ativo. Estimula a leitura, a busca por informações, o contato entre pessoas, dentre outros aspectos.

Em relação aos mecanismos a que os idosos recorrem para se apropriarem dos recursos tecnológicos percebeu-se que eles são aplicados em função das necessidades do aprendizado do aplicativo no desempenho da função de motorista. Evidenciou-se não haver grandes dificuldades por parte dos entrevistados, que apontam que as instruções são de fácil entendimento, não requerem muito conhecimento, basta o básico de compreensão da rota de endereços, as funções de aceite e finalização das corridas e os processos de recebimento de pagamentos dos clientes que já estão aptos a usarem a ferramenta do aplicativo. Alegaram que quando há dúvidas, sempre há um ou outro colega disposto a ajudar, num comportamento de equipe.

Os principais obstáculos à inclusão digital na terceira idade se dá em vários aspectos que podem ser atrelados a declínios naturais da idade, dificuldade de adaptação às novas tecnologias e à dificuldade de acompanhar a sua evolução. A inclusão do idoso exige esforços, tanto pedagógicos quanto de forma, mais específicos por parte das companhias privadas, o que não tem ocorrido. Isso fica evidente na fala dos entrevistados quando relataram que não houve treinamento ou capacitação por parte da plataforma do aplicativo que representam, e que cada um necessitou se adaptar por conta própria.

Há evidências da rejeição na sociedade para quem caminha para a velhice, está se distanciando do mundo laboral e segue para o final do ciclo produtivo (LOPES; BURGARDT, 2013; PAOLINI, 2016). Crenças infundadas sobre a capacidade laboral de pessoas mais velhas convergem para o que é conhecido como idadismo<sup>28</sup>, que se refere a estereótipos contra indivíduos ou grupos com base na idade, presente em diversas esferas da sociedade, em especial no mundo do trabalho, o que contribui para a marginalização e exclusão social (ANDRÉS, 2017).

Essa situação contrasta com a necessidade dos idosos de continuar trabalhando para manter as condições de vida, manter o padrão atual e para complemento da renda doméstica, situação vivenciada por milhões de brasileiros conforme dados já citados neste estudo. Alguns se mostram preocupados com as questões financeiras em função de não possuírem reservas

---

<sup>28</sup> O idadismo, que é o preconceito em relação a idade, surge quando ela é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneira a causar prejuízos, desvantagens e injustiças. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/340205>

financeiras e não demonstram expectativas em relação ao futuro, havendo um conformismo na situação e acreditando não haver perspectivas de melhorias. Não consideram suas experiências profissionais anteriores como impulso para avanços profissionais e acreditam que serão sempre motoristas enquanto estiverem ativos.

Finalmente, um resultado que ficou evidenciado e que transcende os objetivos desta pesquisa, diz respeito ao sentimento de felicidade dos participantes. Dos oito entrevistados apenas três se consideram felizes, realizados como pessoa, como profissionais, sentindo-se úteis e orgulhosos da sua trajetória. Este espaço da não satisfação está preenchido pela aceitação de algumas escolhas que consideraram erradas, caminhos que foram percorridos de forma que não houve volta e isso construiu um sujeito duro para as perspectivas de futuro. Não há sonhar.

## 8.2 À GUIZA DE CONCLUSÃO

Aprofundar as discussões sobre o idoso ativo no mundo do trabalho se faz necessário para estabelecer melhores condições de atuação deste profissional, do aproveitamento desta mão de obra que é qualificada e que necessita se encaixar nesse novo contexto de demandas de trabalho. A Essa questão, entretanto, é pouco abordada no cenário político e poucos são os projetos de lei em questão que aprofundam tais interesses.

Na análise jurídica de forma geral, percebe-se um desinteresse por parte do poder público como garantidor dos direitos dos trabalhadores idosos e é perceptível os prejuízos em relação aos direitos fundamentais que são assegurados aos trabalhadores, sendo necessário criar ferramentas e mecanismos capazes de proporcionar a inserção dos idosos no mundo do trabalho.

A discussão em torno do idoso, da tecnologia e o do trabalho necessita de atenção, pois envolve aspectos que vão além da idade deste trabalhador, como questões de saúde, bem-estar mental, relação com a família e tranquilidade financeira, aspectos que precisam ser amparados para o acolhimento deste trabalhador. Há a demanda de projetos que discutam e implantem formas deste sujeito se reconectar com as oportunidades de trabalho, sendo ativo e produtivo. Há a necessidade de se aproveitar essa bagagem rica de conhecimentos e que poderá, por meio de projetos e parcerias, serem vistos como um diferencial.

De acordo com pesquisa feita pelo Datafolha<sup>29</sup> em 2017, ao comparar as características entre os jovens e idosos que estão no mercado de trabalho, a grande maioria atribuiu diversos valores positivos aos idosos. Essa pesquisa revelou que os profissionais dessa faixa etária são

---

<sup>29</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938235-para-mais-de-90-existe-preconceito-contr-os-idosos-no-brasil.shtml>/acesso em 30 de janeiro de 2022.

caracterizados como os mais tolerantes, carinhosos, cuidadosos, produtivos, responsáveis, educados, atenciosos, éticos e os que estão mais preparados para a demanda de trabalho. Essas características são os principais motivos pelos quais as empresas estejam começando a contratar mais idosos, pois veem nisso uma oportunidade de crescimento para o seu negócio. Isso porque, profissionais classificados como pertencentes à chamada Geração Z<sup>30</sup>, que buscam mudanças e renovações constantes, geram altos índices de rotatividade e até mesmo de demissões, o que prejudica o andamento dos processos nas empresas na entrega de resultados e faz com que gastem muito tempo com processos de recrutamento e seleção, o que não acontece na mesma proporção com os motoristas idosos.

Apesar da pesquisa citada indicar otimismo para as contratações dos idosos, a realidade não é positiva. De um lado podem existir empresas dispostas a contratar idosos, porém, do outro, há idosos que não estão preparados para este novo cenário de trabalho e essa é uma das grandes dificuldades de recomeçar, o que ficou evidenciado em nosso estudo.

Percebemos que o idoso tem pouco espaço no mundo atual de trabalho. Como relatado, antes de se assumirem como motorista de aplicativo, não houve convites para processos de entrevistas, mesmo que muitos deles tivessem um histórico profissional. Essa situação ensejou algumas questões que não puderam ser respondidas ou investigadas nessa pesquisa.

Dentre elas interessaria aprofundar as razões pelas quais poucas empresas têm interesse em contratar mão de obra idosa. Por que o idoso se torna descartável? Por que ele fica deslocado dos processos de recrutamento? Que sociedade inclusiva é esta que exclui os seus?

À pergunta, “o que sobra para este idoso então?” foi respondida. Sobra o trabalho precarizado de várias maneiras, quer na forma de motorista de aplicativo; na forma de entregador de comidas delivery<sup>31</sup> com horas exaustivas de trabalho. Ou em trabalhos de menor importância em empresas. Essa situação remete ao papel desempenhado por um idoso no enredo do filme “Um Senhor Estagiário” do ano de 2015. A diferença, entretanto, é que o protagonista do filme quer voltar a exercer as suas atividades profissionais para afastar o tédio, não para garantir remuneração básica para sua sobrevivência. E, para garantir-se, mesmo como estagiário, encontra várias barreiras tecnológicas, como se tivesse sofrido uma espécie de apagão na linha do tempo.

Após sua realização, considero que a beleza desta pesquisa se concentra na discussão do mundo do trabalho uberizado em que este trabalhador idoso foi levado a se inserir, a partir

---

<sup>30</sup> Essa geração é marcada por jovens que nasceram em um contexto tecnológico desenvolvido.

<sup>31</sup> Forma de um estabelecimento oferecer aos seus clientes a possibilidade de receber os pratos comprados no conforto de suas casas por intermédio de um aplicativo.

do acesso às suas percepções, trajetórias e sociabilidade nesse atual momento de vida que engloba trabalho, família, felicidade e o futuro. Conceitos como solidariedade, cooperação, preocupação com o futuro, a questão de ser só ou estar em família, ter uma ocupação para manter a saúde mental estiverem presentes nas falas e relatos dos entrevistados.

Foi possível perceber a luta diária pelo trabalho marcado pela precarização da mão de obra deste trabalhador. Essa realidade transcendeu a discussão da apropriação da tecnologia e de seus aparatos para o exercício da atividade laboral, que pelo ponto de vista dos participantes desta pesquisa, não correspondem à sua maior preocupação, resultado que se apresentou de forma contrária às expectativas iniciais da pesquisa, em que se cultivava uma ideia de complexidade no entendimento e necessidade de ajuda para a apropriação destas tecnologias.

Finalizando, tenho a considerar que os resultados que obtivemos em nossa pesquisa, as conclusões a que chegamos, as reflexões que esta investigação ensejou, nos levam a enunciar nossa tese de que **só haverá uma perspectiva de melhoria de cenário para o idoso no mundo do trabalho a partir do momento que houver um olhar atento para as questões referentes ao respeito ao sujeito idoso, ao deficiente e a todos os que se sentem excluídos do mundo do trabalho.** Enquanto políticas públicas não se voltarem para estas causas, enquanto não superarmos a exclusão por parte de uma sociedade que luta para ser inclusiva, o idoso seguirá sendo explorado e à margem de causas sociais e econômicas.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é o trabalho**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/2411/ENSP\\_Disserta?sequence=1](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/2411/ENSP_Disserta?sequence=1). Acesso em: 19 abr. 2018.

AMARILHO C. B. **O executivo-empendedor, sua aposentadoria e o processo de afastamento do trabalho**. Rio de Janeiro: UNATI, 2005.

ANDRADE, M.; BERNARDINO, D. C. de A. M. O trabalho informal e as repercussões para a saúde do trabalhador: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 7, p. 149-158, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV14049>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3882/388243209011.pdf>. Acesso em 19 abr. 2023.

ANDRÉS, A. Os idosos e a cultura. In: SOUZA, A. C. (ed.). **Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece**, p. 233-261. Brasília: Edições Câmara, 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudios/pdf/brasil-2050-os-desafios-de-uma-nacao-que-envelhece>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ANSILIERO, G.; COSTANZI, R. N. Evolução, determinantes e efeitos da proteção social entre os idosos no Brasil. **Informe de previdência social**, v. 20, n. 9, 2008. Disponível em: [https://www.gov.br/previdencia/pt-br/outros/imagens/arquivos/office/3a\\_081031-162955-926.pdf](https://www.gov.br/previdencia/pt-br/outros/imagens/arquivos/office/3a_081031-162955-926.pdf). Acesso em 19 abr. 2023.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**, v. 2, p. 35-48, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/35174327.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho: As múltiplas formas de degradação do trabalho. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 83, p. 19-34, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.431>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/431>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial, 2015.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 335-351, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/FSqZN7YDckXnYwfqSWqgGpp/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ANTUNES, R.; BRAGA, R. (orgs). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

AZEVEDO, H. G. de. **A inserção do idoso no mundo do trabalho**. Belo Horizonte, 2008.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. **Anais do Seminário Internacional sobre o Envelhecimento Humano: uma agenda para o fim do século**, 1998.

BERZINS, M. A. V. da S. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. **Serviço Social & Sociedade**, v. 75, p. 19-35, 2003.

BOM SUCESSO, E. de P. **Relações Interpessoais e Qualidade de Vida no Trabalho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

BORDENVE, J. E. D. **O que é participação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BOTH, S. Fundamentos sociológicos. *In*: BOTH, A.; PORTELLA, M. R.; BOTH, S. L. **Fundamentos da gerontologia**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1994.

BRAGA, R. A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contratempo. *In*: BRAGA, R.; ANTUNES. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**, 2009.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_3edicao.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.741 de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. DF: Brasília, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm#:~:text=Art.,de%20sessenta%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm#:~:text=Art.,de%20sessenta%20anos%20de%20idade). Acesso em: 19 abr. 2023.

BRITO, J. C. de. Trabalho prescrito. *In*: VENÂNCIO, Escola Politécnica de Saúde Joaquim (org.). **Dicionário de Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2006.

CAMARANO, A. A. **O idoso brasileiro no mercado de trabalho**. IPEA. Rio de Janeiro. Texto para discussão, 2001.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. (orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

CAMARANO, A. A. *et al.* A oferta de força de trabalho brasileira: tendências e perspectivas. *In: TAFNER, P. (Org.). Brasil: o estado de uma nação - mercado de trabalho, emprego e informalidade.* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARDOSO, A. C. M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho:** vivências cotidianas de trabalhadores. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20032008-101721/publico/TESE\\_ANA\\_CLAUDIA\\_MOREIRA\\_CARDOSO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20032008-101721/publico/TESE_ANA_CLAUDIA_MOREIRA_CARDOSO.pdf).

CARVALHO, A. S. Gestão de Pessoas e Envelhecimento: Sentido do trabalho para o idoso. *In: XXXIII ENCONTRO DA ANPAD, 2009, São Paulo. Anais [...].* São Paulo: ANPAD, 2009.

CASTRO, V. V. **As ilusões da Uberização: um estudo à luz da experiência de motoristas Uber.** 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campina, Campinas, 2020.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 7 ed. SP: Cortez, 2013.

CORRÊA, E. S. Fragmentos da cena cibercultural: transdisciplinaridade e o "não conceito". **Revista USP**, n. 86, p. 6-15, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p6-15>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13809>. Acesso em: 19 abr. 2023.

COSENZA, R. M.; MALLOY-DINIZ, L. F. Declínio cognitivo, plasticidade cerebral e o papel da estimulação cognitiva na maturidade. *In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; CONSENZA, R. M. (Eds.) Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional.* Porto Alegre: Artmed, 2013.

COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. **Aposentadoria, cotidiano e espaços urbanos: vivências na cidade de Florianópolis.** Editora Appris, 2009.

COUTRIM, R. M. da E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/rD4dFxQDztkJPYn3n7b839r/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa:** Escolhendo entre Cinco Abordagens. Penso Editora, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997. Disponível em: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34\\_03.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997. Disponível em: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34\\_03.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

DELORS, J., *et al.* **A educação: um tesouro a descobrir**. Lisboa, Asa, 1996.

DIAS, A.M., **O processo de envelhecimento humano e a saúde do idoso nas práticas curriculares do curso de fisioterapia da UNIVALI campus Itajaí: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2007. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1130>. Acesso em: 19 abr. 2023.

DIEGOBINI. **A importância da inclusão digital na terceira idade**. 2019. Disponível em: <https://blog.luz.vc/tendencias/a-importancia-da-inclusao-digital-na-terceira-idade>. Acesso em: 26 jul. 2016.

EWALD, A. P.; SOARES, J. C. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, p. 23-30, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/gXGdqXgSsw4pnr75XFSb4rP/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FAGNANI, E. **A Reforma Tributária Necessária. Justiça fiscal é possível: subsídios para o debate democrático sobre o novo desenho da tributação brasileira**. Brasília: ANFIP: FENAFISCO: São Paulo: Plataforma Política Social, 2018. Disponível em: [https://www.anfip.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Livros\\_17\\_10\\_2018\\_19\\_49\\_54.pdf#:~:text=A%20Reforma%20Tribut%C3%A1ria%20Necess%C3%A1ria.%20Justi%C3%A7a%20fiscal%20%C3%A9%20poss%C3%ADvel%3A,%E2%80%93%20Federa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do%20Fisco%20Estadual%20e%20Distrital](https://www.anfip.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Livros_17_10_2018_19_49_54.pdf#:~:text=A%20Reforma%20Tribut%C3%A1ria%20Necess%C3%A1ria.%20Justi%C3%A7a%20fiscal%20%C3%A9%20poss%C3%ADvel%3A,%E2%80%93%20Federa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do%20Fisco%20Estadual%20e%20Distrital). Acesso em: 19 abr. 2023.

FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. O Sequestro da Subjetividade. *In*: FARIA, J. H. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FELIX, J. **Economia da longevidade: o envelhecimento da população brasileira e as políticas públicas para os idosos**. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/9389>. Acesso em: 20 mar 2022.

FELIX, J. **Economia da longevidade: o envelhecimento populacional muito além da previdência**. São Paulo: Editora 106, 2019.

FELIX, J. O idoso e o mercado de trabalho. *In*: ALCÂNTARA *et al.* **Política Nacional do Idoso**. Velhas e novas questões. Rio de Janeiro, IPEA, 2016.

FIGARO, R. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sociotécnica. **Revista USP**, n. 86, p. 96-107, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p96-107>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13816>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FILGUEIRAS, V.; ANTUNES, R. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, 2020. p. 32. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38901>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

FOLCHER, V.; RABARDEL, P. Homens, artefatos, atividades: perspectiva instrumental. In: FALZON, P (ed.). **Ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANÇA, L. Envelhecimento dos trabalhadores nas organizações: estamos preparados? In FRANÇA, L; STEPANSKY, D. (Orgs.), **Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria**. Rio de Janeiro: Quarter/FAPERJ, 2012.

FRANÇA, L. H. de F. P. *et al.* Aposentar-se ou continuar trabalhando? o que influencia essa decisão? **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, p. 548-563, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XTgLNpnHn6vPSQcC3FdXTDG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 233-263, 2006. Disponível em: [https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/CAPITULO\\_7.pdf](https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/CAPITULO_7.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

GAIGER, L. I. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, v. 16, n. 39, 2003. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v16i39.18642>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GAMA, R. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel Universidade de São Paulo. 1986.

GASPARINI, L. *et al.* Poverty among older people in Latin America and the Caribbean. **Journal of International Development: The Journal of the Development Studies Association**, v. 22, n. 2, p. 176-207, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1002/jid.1539>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jid.1539>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos da pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIAQUETO, A.; SOARES, N. O trabalho e o trabalhador idoso. **Proceedings of the 1st Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca**, 2010. Disponível em:

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000112010000100007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000112010000100007&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 19 abr. 2023.

GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 759-771, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/zztfdfsMPYHFDhpdTHrnT4s/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GIRARDI, A. **Desapontado: melhor agora**. Curitiba: Edição da Editora Clube dos desapontados, 2009.

GOLDSTEIN, L. L. A produção científica brasileira na área da gerontologia:(1975-1999). **ETD-Educação Temática Digital**, v. 1, n. 1, 1999. Disponível em: [https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10642/ssoar-etd-1999-1-goldstein-a\\_producao\\_cientifica\\_brasileira\\_na.pdf?sequence=1](https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10642/ssoar-etd-1999-1-goldstein-a_producao_cientifica_brasileira_na.pdf?sequence=1). Acesso em: 19 abr. 2023.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. Bopitempo Editorial, 2015.

HUWS, U. A construção de um cibertariado? Trabalho virtual num mundo real. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, v. 1, 2009.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. Cortez editora, 1994.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudos e Análises: Brasil vai se tornar um país de idosos já em 2030**. Censo 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudos e Análises: Brasil vai se tornar um país de idosos já em 2030**. Censo 2017.

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_2010.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2010.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

IBGE. **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KACHAR, V. **A terceira idade e o computador: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar**. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

KERLINGER, F.N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

KUNZLER, R. B. **A resignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento**. Tese (Doutorado em Serviço Social) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5159/1/000411382-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LIBERATO, V. C. **A oferta de trabalho masculina “pós-aposentadoria” Brasil urbano - 1981/2001**. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LIPIETZ, A.; LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço & Debates**, v. 25, p. 12-27, 1988. Disponível em: [http://lipietz.net/ALPC/REG/REG\\_1987h-po.pdf](http://lipietz.net/ALPC/REG/REG_1987h-po.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

LOPES, A. P. N.; BURGARDT, V. M. Idoso: um perfil de alunos na EJA e no mercado de trabalho. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 18, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.21474>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/21474>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LOPES, A. P. Ne.; BURGARDT, V. M. Idoso: um perfil de alunos na EJA e no mercado de trabalho. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 18, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.21474>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/21474>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social. O trabalho**. Boitempo Editorial, 2015.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social. O trabalho**. Tradução de Ivo Tonet. Per uma ontologia dellessere sociale, v. 2, 1981. Disponível em: <https://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Lukacs,%20Georg/O%20TRABALHO%20-%20traducao%20revisada.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MAGALHÃES, M. L. C. A discriminação do trabalhador idoso: responsabilidade social das empresas e do estado. **Ver. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.**, Belo Horizonte, v. 48, n.78, p. 31-43, 2008. Disponível em: [https://as1.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/27309/maria\\_lucia\\_cardoso\\_magalhaes.pdf?sequence=1](https://as1.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/27309/maria_lucia_cardoso_magalhaes.pdf?sequence=1).

MALHOTRA, N.; ROCHA, I.; LAUDISIO, M.C. **Introdução à Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MARX, K. **O Capital**. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. **O Capital**. Editora: Nova Cultura, Coleção Os Economistas, 1988.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2013.

MATTOSO, J. Tecnologia e emprego: uma relação conflituosa. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 115-123, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000300017>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/dwfpMFS DhhrXhG58JqL8KVj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MERCADANTE, E. F.; GOLDFARB, D. C.; LODOVICI, F. M. M. Graduação em Gerontologia: formação de gerontólogos para o enfrentamento dos desafios do envelhecimento humano, na pesquisa, docência e gestão técnico-profissional. **Brasília (DF): Educação Profissional: C e T**, v. 1, n. 2, p. 231-243, 2007. Disponível em:

<http://bvssite.bvseps.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/pdf/1060-gerontologia.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MERLEAU-PONTY, M.; SMITH, C. **Phenomenology of perception**. London: Routledge, 1962.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade: o caminho das pedras**. São Paulo: Gente, 1995.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. da C. G.; SILVA, A. L. A. da. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 19, p. 507-519, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbgg/a/MT7nmJPPRt9W8vndq8dpzDP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MOREIRA, M. M. da S. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:

[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/4877/ve\\_Marilda\\_Maria\\_ENSP\\_2000?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/4877/ve_Marilda_Maria_ENSP_2000?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 19 abr. 2023.

MUYLAERT, C. J. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/re USP/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQY Ct/?lang=pt&format=html>.

NASCIMENTO, R. F. L.; ARGIMON, I. I. L.; LOPES, R. M. F. Atualidades sobre o idoso no mercado de trabalho. **Psicologia.pt**. 2006. Disponível em:

<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0300.pdf>. Acesso em 19 abr. 2023.

NOVAES, M. H. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. Paulo de Frontin: Nau, 1999.

NUNES, S. S. (2002). **A acessibilidade na Internet no contexto da sociedade da informação**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Informação) - Universidade do Porto,

Porto, 2002. Disponível em: <https://paginas.fe.up.pt/mgi01016/is/acessibilidade.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

OLIVEIRA, F. E. B.; BELTRÃO, K. I.; FERREIRA, M. G. Reforma da Previdência (Texto para discussão, 508). **Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1997.**

OLIVEIRA, R. de C. da S.; SCORTEGAGNA, P. A. Políticas Públicas, educação e cidadania na terceira idade. *In: IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná. 2009.*

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Saúde, Banco de Dados.** Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2002.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Saúde, Banco de Dados.** Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2005.

PACIEVITCH, T. Inclusão Digital. **Educação Física, Inclusão e Tecnologia.** 2012. Disponível em <http://educacaofisinctec.blogspot.com/2012/04/inclusao-digital.html>. Acesso em: 20 mar 2022.

PAOLINI, K. S. Desafios da inclusão do idoso no mercado de trabalho. **Rev Bras Med Trab**, v. 14, n. 2, p. 177-82, 2016. DOI: 10.5327/Z1679-443520162915. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Revistabrasileirademedicinadotrabalho/2016/vol14/no2/15.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PÁSCOA, G.; GIL, H. Envelhecimento e competências digitais: um estudo em populações 50+. **Revista Kairós–Gerontologia**, v. 20, p. 31-56, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i3p31-56>. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/5857>.

PASQUALOTTI, A.; BOTH, A. Pessoa idosa, tecnologias de comunicação e interação e educação permanente: um encontro esperado, um fato possível. *In: FERREIRA, A. et al. (Orgs.) Inclusão Digital de Idosos: a descoberta de um novo mundo.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

PASSERINO, L. M.; BEZ, M. R.; PASQUALOTTI, Paulo Roberto. “Atelier Digital”, uma proposta inovadora: relato de experiência com a Terceira Idade. **RENOTE**, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14267/8182>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PEIXOTO, C. E.; CLAVAIROLLE, F., **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias.** São Paulo, Editora FGV, 2005.

PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

POBLACIÓN, D. A., *et al.* (Orgs.). **Revistas científicas: dos processos tradicionais às perspectivas alternativas de comunicação.** São Paulo: Ateliê, 2011.

QUEIROZ, V. S.; RAMALHO, H. M. B. A Escolha Ocupacional dos Idosos no Mercado de Trabalho: Evidências para o Brasil. **Revista Economia**, 2009. v. 10, n. 4, p. 817-848, 2009. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/6705>. Acesso em: 19 abr. 2023.

RAMOS, L. R. *et al.* Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**, v. 27, p. 87-94, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101993000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/MSMXxhxX5CVx6NJyJvKhY7H/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ROSSI, P. L.; GIMENEZ, D. M. Crise econômica e o mercado de trabalho no Brasil. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região**, v. 51, p. 23-55, 2017. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/125251>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ROVIDA, M. F. Trabalho e identidade social—implicações nas pesquisas em comunicação. **Revista Alterjor**, v. 13, n. 1, p. 183-200, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/112141>. Acesso em: 19 abr. 2023.

RÜDIGER, F. **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker editores, 2002.

SÁ, M. A. A. S. **O idoso e o computador: condições facilitadoras e dificultadoras para o aprendizado**. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 19 abr. 2023.

SAVIANI, J. R. **Empresabilidade**. São Paulo: Makron Books, 1997.

SCHWARTZ, S. H. Value priorities and behavior: Applying a theory of integrated value systems. In SELIGMAN, C.; OLSON, J.M.; ZANNA, M.P. (Eds.), **The Psychology of Values: The Ontario Symposium**. Ontario: Mahwah, New Jersey, 1996.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, p. 19-45, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HTF7DtBVhZfgVZXqhkPX4Mx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SIKOTA, C. S. S.; BRÊTAS, A. C. P. O significado de envelhecimento e trabalho para vendedor ambulante idoso. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 2, n. 1, p. 135-144, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/217976924471>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/4471>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SILVA, H. *et al.* Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, v. 34, p. 28-36, 2005.

SOARES, D. H. P. *et al.* APOSENTA-AÇÃO: programa de preparação para a aposentadoria. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. v. 12, 2007, p. 143- 161. DOI: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4984>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4984>. Acesso em: 19 abr. 2023.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

WAJNMAN, S.; OLIVEIRA, A. M.H. C.; OLIVEIRA, E. L. *In*: CAMARANO, A. A. (org). **IPEA. Muito além dos 60? os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro. 1999.

WHA. World Health Association. **Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHA, 1994.

WITTER, C. **Psicologia escolar: produção científica, formação e atuação (1990-1994)**. Tese Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, 1996.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para Aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)/ TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E VOZ (TCLE/TCUISV) ENTREVISTA



Universidade Tecnológica Federal de Paraná  
Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologia e Sociedade



#### **Prezado entrevistado,**

Eu, Jane Lanzarin aluna da Universidade Tecnológica Federal do Paraná do Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE-UTFPR) lhe convido a participar de uma pesquisa de Doutorado com o Título: A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA. Neste documento estão descritas informações sobre a pesquisa e as suas etapas, para que você tome conhecimento e, ao participar, possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

A sua participação nesta pesquisa é de suma importância. A pesquisa se compõe de uma entrevista a ser realizada de forma virtual com duração aproximada de 30 minutos a 1 hora. A entrevista será baseada em um roteiro de perguntas previamente elaboradas, podendo ser complementada por questionamentos que surjam durante a entrevista.

#### **Pesquisadora, com endereço e telefone:**

Jane Lanzarin, Rua Carlos Garbaccio 218 - Cep 82100-260 Curitiba- PR. Tel.: (41) 99119-6588, e-mail: janelanzarin@gmail.com

**Orientador:** Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia

**Local da pesquisa:** A ser escolhido conforme a conveniência do entrevistado

## **INFORMAÇÕES A/AO PARTICIPANTE**

### **1. RESUMO DA PESQUISA**

Trabalhar passou a fazer parte essencial na vida do ser humano, sendo inclusive uma ação que o faz humano, constituindo-se numa parte importante da vida que vai além da garantia do seu sustento, estabelecendo relação com a realização pessoal, com o sentir-se útil e encontrar sentido para os seus dias.

É sabido que o trabalho tem dimensões significativas na vida do ser humano, tais como manter-se a si e aos seus familiares, garantir sua liberdade e autonomia, o exercício mental e a identificação social. Além disso, o trabalho promove o exercício da cidadania, pois, ao trabalhar, o ser humano sente-se participante da sociedade. Integrado ao viver, o trabalho das pessoas depende de sua condição social, de sua educação, de seu processo de socialização, podendo se modificar ao longo da vida pelas experiências e condições laborais vivenciadas.

A permanência do idoso no mundo do trabalho pode se dar por prazer, por ocupar-se de uma atividade, mas, também pode se dar pela necessidade da sua contribuição econômica no lar.

Para as pessoas idosas o trabalho assume dimensões significativas, pois, além de manter-se financeiramente ou auxiliar no orçamento familiar, estudos realizados por Both, A. (1994) e Passerino, Bez e Pasqualotti (2006), indicaram que a aposentadoria afeta o processo do envelhecimento do sujeito idoso de modo a influenciar no seu nível de desenvolvimento cognitivo e biopsicossocial.

### **2. Objetivos da pesquisa**

A pesquisa tem por objetivo geral:

Contextualizar os principais fatores que levam o idoso a permanecer no mundo do trabalho e como se dá o processo de apropriação e aplicação das tecnologias requeridas na sua atividade laboral.

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- Investigar se o idoso que ainda se encontra ativo no mundo do trabalho apresenta ou apresentou barreira de aprendizado tecnológico para desempenhar suas atividades laborais.

- Identificar as características do idoso que permanece ativo no mundo do trabalho.
- Descrever a trajetória de vida do idoso pesquisado, seu percurso formativo e profissional.
- Interpretar os fatores que justificam ou requerem a permanência do idoso no mundo do trabalho.
- Verificar as condições de trabalho vivenciadas pelo idoso que continua ativo no mundo do trabalho.

### **3. Participação na pesquisa**

A sua participação nesta etapa da pesquisa será por meio de uma entrevista, com perguntas relacionadas à sua atuação como motorista de aplicativo e a utilização de recursos tecnológicos na execução das suas atividades. As perguntas compõem um roteiro semiestruturado abordará o perfil do entrevistado, seu percurso formativo e atuação profissional. Prevê-se que a duração da entrevista seja em torno de 30 minutos a uma hora. Devido as restrições impostas pela pandemia do COVID-19 a entrevista ocorrerá de forma virtual por plataforma do Google Meet visando preservar a saúde da pesquisadora e dos entrevistados. As entrevistas serão gravadas com imagem e voz e posteriormente transcrita.

### **4. Confidencialidade**

As informações obtidas com a sua participação serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos/científicos. Os resultados dessa pesquisa serão publicados, porém será garantido sigilo quanto à sua identificação. Os resultados integrarão uma Tese do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, respeitando a confidencialidade e o anonimato das participantes.

### **5. Desconfortos, Riscos e Benefícios**

#### **5a) Desconfortos e ou Riscos:**

Nas entrevistas, os riscos mais comuns são cansaço ou aborrecimento ao responder às questões; constrangimento, desconforto ou estranhamento durante o registro de áudio; imagem ou escrita; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou conscientização sobre uma condição de trabalho; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos

em função de reflexões sobre divisão de trabalho, satisfação profissional etc. No entanto, ressalta-se que a qualquer momento a participante poderá recusar-se a responder perguntas que lhe sejam desconfortáveis.

### **5b) Benefícios:**

As pesquisas na área de trabalho, tecnologia e comunicação beneficiam o processo de desenvolvimento de reflexões críticas e a compreensão sobre as transformações das atividades de trabalho, proporcionando debate sobre as contradições e dificuldades na realização do trabalho, troca de conhecimentos que possam ser aproveitados para a construção de discussões e ações na inclusão do idoso no mundo do trabalho.

## **6. Critérios de inclusão e exclusão**

### **6a) Inclusão:**

a) Ser homem ou mulher; b) Ter idade igual ou superior a 60 anos; c) Estar inserido no mundo do trabalho atuando como motoristas de aplicativos; d) Usar recursos tecnológicos na execução das suas atividades laborais.

### **6b) Exclusão:**

Não se aplica.

## **7. Direito de deixar de participar da pesquisa e a receber esclarecimentos durante a pesquisa**

Este termo vem lhe garantir os seguintes direitos:

- Solicitar a qualquer tempo mais esclarecimentos sobre essa pesquisa;
- Ampla possibilidade de negar-se a responder quaisquer questionamentos;
- Recusar-se a dar qualquer informação que considere constrangedora e/ou prejudicial à sua integridade física, moral e social;
- Desistir, a qualquer tempo, da participação na pesquisa.

Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

( ) quero receber os resultados da pesquisa

e-mail para envio: ( \_\_\_\_\_ )

( ) não quero receber os resultados da pesquisa.

**B) CONSENTIMENTO (do participante de pesquisa)**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham as minhas respostas aos questionamentos em forma de gravação de voz e imagem de minha pessoa, de forma escrita ou em formato de vídeo de acordo com o que acertarmos no dia da entrevista. Estou ciente de que estas informações serão utilizadas para fins de pesquisa científica/educacional. As gravações, as falas e/ou as escritas ficarão sob a propriedade dos pesquisadores e sob sua guarda e responsabilidade. Estou consciente de que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data de nascimento \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Jane Lanzarin

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com: Jane Lanzarin via e-mail: [janelanzarin@gmail.com](mailto:janelanzarin@gmail.com) pelo telefone: (41) 99119-6588.

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade Tecnológica Federal de Paraná

Programa de Pós-Graduação em

Tecnologia e Sociedade



### **ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA OS TRABALHADORES IDOSOS QUE ATUAM COMO MOTORISTAS DE APLICATIVOS NA CIDADE DE CURITIBA – PR**

Título da pesquisa: A PERMANÊNCIA DO IDOSO NO MUNDO DO TRABALHO COMO MOTORISTA DE APLICATIVO EM CURITIBA.

Agradeço por ter aceitado participar desta pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE-UTFPR) e por ter assinado o termo de aceite anexo a este documento.

A sua participação é de suma importância e ajudará a mapear os dados referentes ao trabalho na terceira idade e a relação com a tecnologia como artefato de trabalho.

Esta entrevista é baseada em um roteiro de perguntas previamente elaboradas, podendo ser complementada por questionamentos que surjam durante a entrevista.

Pesquisadora, com endereço e telefone:

Jane Lanzarin, Rua Carlos Garbaccio 218 - Cep 82100-260 Curitiba- PR.

Tel.: (41) 99119-6588, e-mail: janelanzarin@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia

Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE-UTFPR

Local da pesquisa: A ser escolhido conforme a conveniência do entrevistado

#### IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino Idade: \_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Código ( )

Código ( )

## 2. Atualmente:

 Sou aposentado/a e continuo trabalhando Não sou aposentado/a e continuo trabalhando Outra situação (indicar): \_\_\_\_\_

## 3. Atualmente eu moro:

 Sozinho/a  Com meu/minha esposo/a Com familiares (filhos/genros/netos...)  Com amigos Outra situação (indicar): \_\_\_\_\_

## 4. Atualmente meus rendimentos totais giram em torno de:

(Salário-mínimo vigente no Brasil em 2021 R\$ 1.100,00)

 De 1 a 3 salários mínimos De 3 a 5 salários mínimos De 5 a 7 salários mínimos Acima de 7 salários mínimos

## 5. Meus rendimentos se originam:

 Da minha renda como motorista de aplicativo Da minha renda como motorista de aplicativo e mais a minha aposentadoria Da minha renda como motorista de aplicativo e mais ajuda de familiares Da minha renda como motorista de aplicativo e mais alguns trabalhos extras Outra situação (indicar): \_\_\_\_\_

## 6. Se a sua renda é complementada com algum outro rendimento, especifique:

7. Atualmente a minha renda:

- É usada somente para as minhas despesas
- É usada para contribuir com o orçamento familiar
- É usada para manter toda a despesa da casa e dos que moram comigo
- Outra situação (indicar): \_\_\_\_\_

Minha renda:

- é suficiente e ainda consigo guardar um pouco de dinheiro
- é insuficiente e não consigo guardar dinheiro

8. Sobre sua escolaridade.

- Tenho Ensino Fundamental incompleto
- Tenho Ensino Fundamental completo
- Tenho Ensino Médio incompleto
- Tenho Ensino Médio completo
- Tenho curso técnico incompleto – técnico em: \_\_\_\_\_
- Tenho curso técnico completo – técnico em: \_\_\_\_\_
- Tenho graduação incompleta em .....
- Tenho graduação completa em .....
- Tenho pós graduação em .....
- Outros estudos: \_\_\_\_\_

9. Você pode falar um pouco sobre sua escolaridade? Estudou em escolas públicas ou particulares? Fez algum curso a distância? Usou algum recurso tecnológico nos estudos? Quais suas impressões a respeito de seu desempenho e envolvimento nas atividades escolares? Há alguma coisa que você julga como relevante em seu percurso formativo?

10. Você tem celular? Computador? Conexão de internet? Como você se considera no uso desses aparelhos? Eles estão presentes na sua rotina, no seu trabalho? Você tem dificuldades,

ou necessita de ajuda para utilizar os aparelhos e aplicativos? Como você enfrenta essa situação?

11. Que aparelhos tecnológicos você utiliza no seu dia a dia? Como você aprende a usá-los? Você os usa em sua totalidade? Você já fez algum curso específico para aprender a usar algum aplicativo? Qual? Como se saiu? Gostaria de aprender mais a respeito do uso desses equipamentos e aplicativos? Por quê?

12. Como você vê a presença da tecnologia na rotina das pessoas, nos processos de trabalho, nas suas relações? Qual sua opinião a respeito da presença desses aparelhos no seu dia a dia? Você participa das redes sociais? Tem Facebook, Instagram, WhatsApp? Com que regularidade você participa dessas redes?

13. Você pode falar um pouco sobre sua história e trajetória profissional? O que você já fez na vida, no que já trabalhou? Como foi se adaptando aos novos trabalhos? Quais foram as maiores dificuldades que sentiu nas mudanças de trabalho?

14. Como você se tornou motorista de aplicativo? Como foi sua adaptação a essa atividade? Como foi sua adaptação ao uso dos aplicativos? Necessitou aprender algo novo? Quem lhe ensinou a usar os aplicativos? Você recebe, ou recebeu alguma orientação da empresa para a qual trabalha referente ao uso dos aplicativos? Se sim, qual? Ela foi suficiente?

15. Como é a participação da tecnologia no seu dia a dia de trabalho atual? Em comparação com o que você fazia antes essa participação é maior ou menor? Em relação à sua jornada de trabalho, quantas horas você trabalha por dia? O uso da tecnologia exige mais, ou não tem relação com a quantidade de horas trabalhadas?

16. Que dificuldades você enfrenta na aplicação da tecnologia na sua rotina de trabalho? Como as supera? Você já perdeu alguma oportunidade de trabalho por não saber manipular algum equipamento ou aplicativo?

17. Em relação ao conhecimento tecnológico, o que você gostaria de dizer às pessoas que se encontram na mesma faixa etária que a sua e que estão buscando uma colocação no mundo do trabalho?

18. Diante de tudo o que você já viveu pessoal e profissionalmente, você se considera uma pessoa realizada? O conhecimento e uso de tecnologias lhe ajudou? Fale a respeito.

19. Você gostaria de comentar sobre algum aspecto da nossa conversa, complementar alguma informação ou registrar algo que você julgue interessante?